O CRUZEIRO

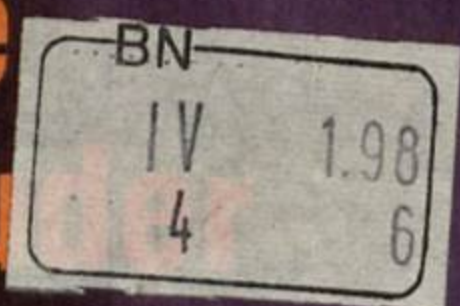
CR$ 22,00 • N.º 2.426 • RIO DE JANEIRO, 07 DE JANEIRO DE 1978

Já é carnaval no Recife

RÚSSIA/CHINA
Ameaça armada na Mandchúria

YEMANJÁ
Oferenda para rainha do mar

CLÁUDIA
Castigo para os culpados

Perigo nas praias no salve-se quem puder

Dom Hélder: ataque e defesa no fim do silêncio

amazonas

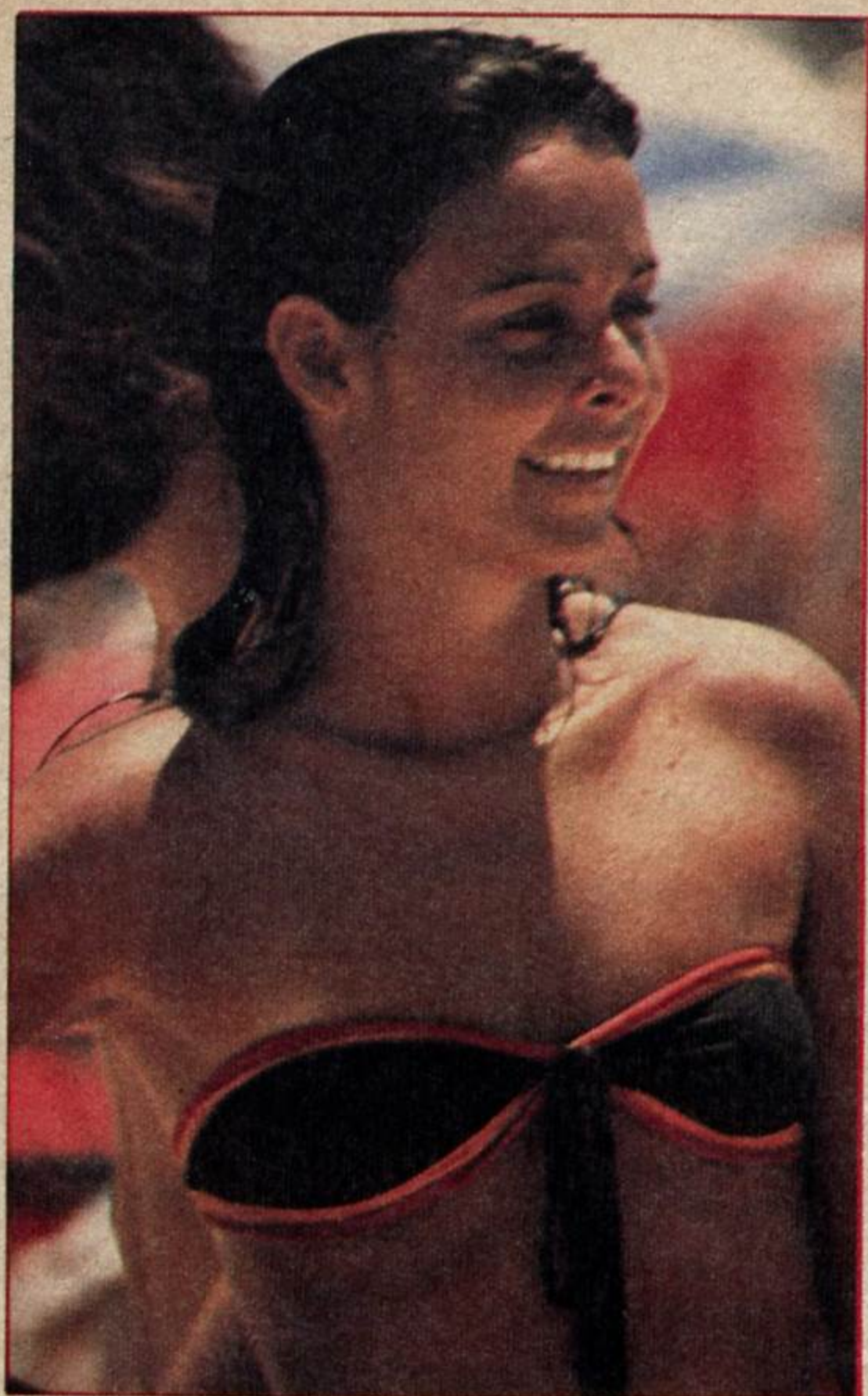
Como é gostosa a paz deste silêncio

Líquidos olhos de pajés boiando é como o poeta Américo Antony traduz o silêncio povoado de ternura dos igapós — floresta alagada — do rio Negro e do Tarumã, onde o por-de-sol é uma inundação sensorial. Rios, igarapés, lagos, selva sem retoques — a própria religião das águas mansas e do silêncio profundo, eis um pouco que a natureza em estado de graça oferece para Você. Por isso os médicos americanos estão receitando o Amazonas para os seus clientes atacados de stress e distúrbios circulatórios. O outro lado é Manaus jovem, de edifícios salteados, ruas largas cheirando a mato, e as duas mil lojas da Zona Franca carregadinhas de novidades mundiais a preços de classe média. O maior balão de oxigênio do mundo está esperando por Você. Traga a família e fique entre nós. Nossos braços verdes estão abertos

Governo do Amazonas

O CRUZEIRO

ESTA EDIÇÃO

A morte ao alcance de todos — eis como são as praias de verão do Rio de todos nós. É um salve-se quem puder: apenas um guarda-vidas para 4 mil banhista. Perdido na multidão, esse homem de socorro contra afogamento é uma solidão de mínimas possiblidades. Tudo isso O CRUZEIRO conta com todas as vírgulas e pontos finais. A beleza do mar matando com detalhe de sol e areia. O cerco começa a fechar-se em torno dos monstros que assassinaram Cláudia. A nossa campanha é enfunada com novos fatos e novas revelações mais estarrecedoras frustrando a impunidade. Nossos repórteres continuam de nariz no chão no rastro do crime. Cláudia será vingada. O Teatro Municipal está conosco de roupa nova. A restauração da beleza que o abandono destruia. Uma reportagem de cultura e arte — cores e monumentalidade. Aqui, também, a casa do futuro, com seus desenhos de avanço. Nós damos as informações e vocês perguntam: que tipo de homem vai morar nela? Não tenha pressa. O homem do futuro responderá. "Um Momento, Uma Vida" é nome de filme, rodado a 300 km por hora. Ele traz de volta, dublado, o saudoso amigo Carlos Pace. Se estamos disparando com Pace e Al Pacino, pisamos nos freios com Blow-Appe, que oferece traços leves e muito humor. A seção política, de Porto Sobrinho, empacota assuntos quentes. Aborda o Ato por intermédio de entrevista concedida pelo general Afonso Albuquerque Lima, e faz outras revelações pipocantes. E nesse ano iniciado, sob os rumores do que foi embora, a festa de Iemanjá santista, a maior do Brasil, que bota água em boca de baiano de candomblé. São 600 mil pessoas na Praia Grande de 60 quilômetros de reta de areia e mar. Por lá, na infância do Brasil, Anchieta traçava seus poemas na areia e evangelizava o povo da mata. Como este 78 pertence à Rainha do Mar, entregamos 6 páginas a 4 cores nas mãos dos 30 milhões de umbandistas declarados pelo IBGE. E saravá para vocês, que o ano é comprido e promete fartos assuntos. Estaremos em todas. Acreditem.

A beleza em risco no lazer do banho

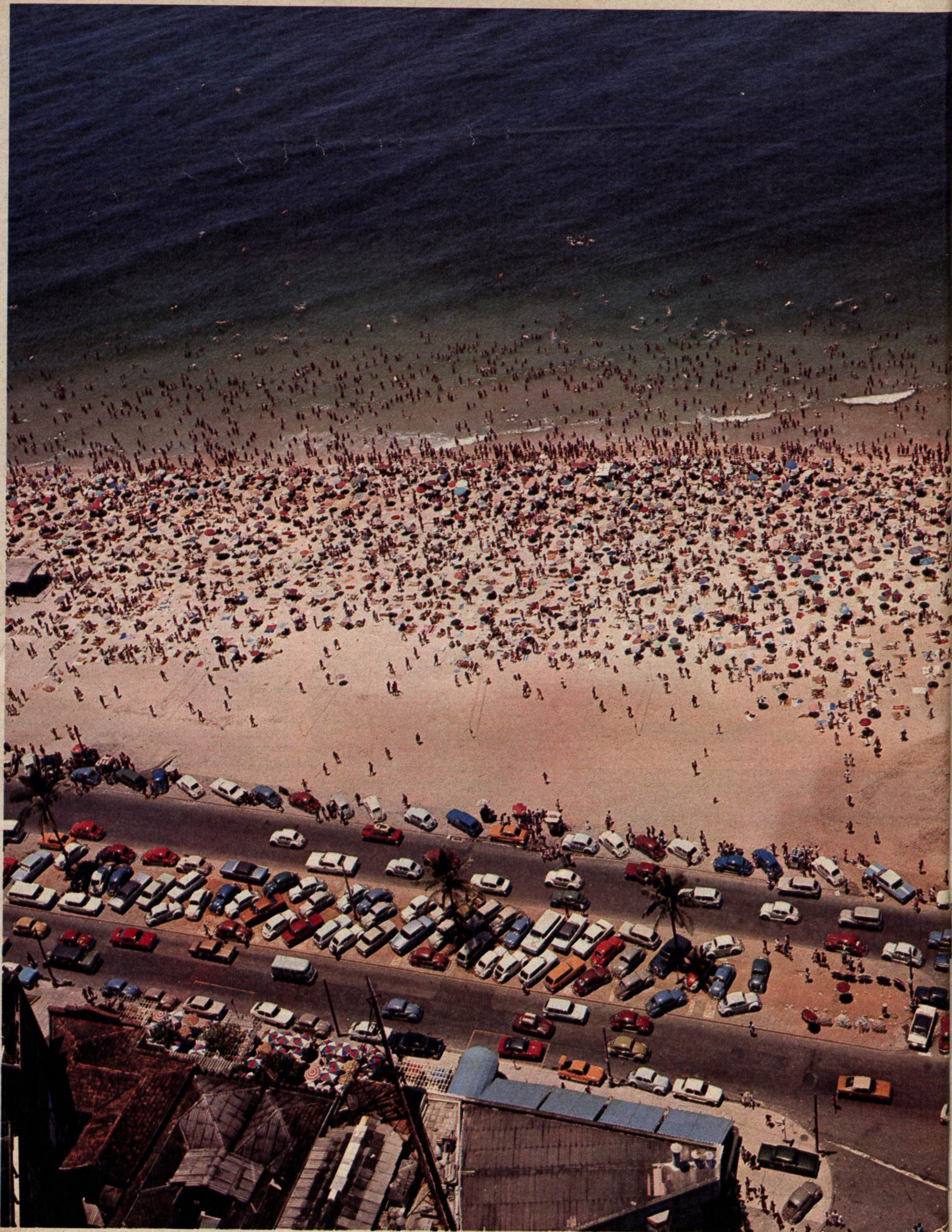
O perigo anda junto com o lazer, nas praias do Rio. É morte ao alcance de todos porque cada guarda-vidas tem mais de quatro mil banhistas para salvar. Nos 500 quilômetros de praias exisgentes entre Grumari e Barra de São João, cada guarda-vidas está perdido em meio de uma multidão de cerca de um milhão de pessoas, nos fins de semana, durante o verão. Nas praias mais freqüentadas, como as da Zona Sul do Rio e as de Cabo Frio, a relação de guarda-vidas é bem mais trágica. E quando um afogado tem a sorte de ser socorrido a tempo, por um guarda-vidas sobrecarregado de serviço, mal remunerado, mal alimentado e desgastado pela necessidade de trabalhar em mais de um emprego, às vezes acaba morrendo por falta de um telefone. Este quadro é responsável pelos 47 óbitos registrados em um total de 1.609 atendimentos do Corpo Marítimo de Salvamento — o Salvamar — este ano. É isso que você vai enfrentar no verão que está começando esta semana.

Texto: **HÉLIO CUNHA VIEIRA**
Fotos: **FERNANDO SEIXAS** e **HÉLIO PASSOS**

NA P
SALVE-SE Q

A seta adverte. Mas o perigo continua

Em 1960, O CRUZEIRO mostrou, em ampla reportagem, que o Salvamar contava com um quadro de 450 funcionários, 16 lanchas de patrulha e 38 torres, ao longo de 136 quilômetros de praias, que eram freqüentadas, nos fins de semana, por cerca de 700 mil pessoas. Nesse ano, três mil nadadores fracassados foram salvos. Decorridos 17 anos, as condições se modificaram muito pouco. Hoje, são 500 funcionários, muitos deles remanescentes daquela época, em funções burocráticas, na sede do órgão. As torres dos guarda-vidas não existem mais e a extensão de praias passou a ser, depois da Fusão, de 500 quilômetros. O número de lanchas é o mesmo, acrescido de dez botes de inflar — apelidados de **Batman** — praticamente sem função.
Segundo os cálculos do diretor do Corpo Marítimo de Salvamento, Victor Wellisch, são esperados cerca de um milhão de banhistas, de Grumari a Barra de São João, durante esta temporada, que vai até março, quando também terminarão as férias escolares. Para atender a essa afluência, foi montado um esquema de segurança que inclui a suspensão das férias e licenças-prêmios dos guarda-vidas. Além do pessoal especializado em salvamento e reanimação de afogados, o Salvamar está equipado com ambulâncias dotadas de material de reanimação e de médicos especializados. O atendimento do afogado começa, assim, com a ambulância em movimento. Elas são apoiadas por Centros de Recuperação de Afogados nas bases da Barra da Tijuca, Copacabana e Ramos. Levou-se em conta que o sucesso do salvamento e da reanimação está

RAIA
UEM PUDER

Sem medir os perigos, a massa humana avança para o mar

na ordem direta do menor tempo entre o afogamento e o atendimento. Para maior êxito do salvamento, o Salvamar conta com embarcações tripuladas por patrão e um nadador, equipado com cabos e bóias, e as lanchas estão em radiocomunicação com as bases, os centros de recuperação e sede. O plano de segurança para este verão inclui ainda lanchas de patrulha e salvamento, lanchas com dois motores para atendimento a embarcações perdidas no mar e para buscas e atendimento a navios de passageiros e carga, quando solicitadas para retirar pessoas acidentadas a bordo. Em terra, serão mantidos veículos para socorros nos costões de onde, em geral, caem pescadores inábeis e **pick-ups** para transporte de embarcações de inflar, que podem ser atiradas ao mar, em qualquer costão de aretas ou pedras, sem necessidade de porto.

Às vezes, tudo se acaba na falta de um telefone

Para os guarda-vidas, no entanto, a realidade é bem outra. Do quadro funcional do Salvamar, apenas 212 homens estão em atividades nas praias, porque os demais, em face da idade, não têm condições físicas para o trabalho. Levando-se em conta que cerca de um milhão de pessoas vão às praias nos fins de semana, a cada guarda-vidas corresponde a proteção a 4.716 banhistas — algo que, segundo eles, "nem o Super-Homem seria capaz de fazer".
As dificuldades dos guarda-vidas começam no baixo salário que recebem: Cr$ 1.545,00 por mês, com cinco por cento por triênio, ou seja, Cr$ 2.050,00 para um guarda-vidas com dez anos de carreira, por uma jornada de trabalho que vai das 7h30m às 12h30m ou desta hora às 17h30m. Durante o verão, o horário de entrada e de saída é antecipado em uma hora.
Guarda-vidas veteranos afirmam que "hoje em dia, tomar banho de mar nos fins de semana é não ter o mínimo apego à vida, mesmo sendo ótimo nadador". As torres não existem mais, e o guarda-vidas é obrigado a ficar entre os banhistas, sem condições de avistar alguém que esteja na eminência de se afogar. Na Zona Sul do Rio, onde é maior a afluência de banhistas, o Salvamar mantém 20 Unidades de Salvamento, com dois guarda-vidas cada um, entre Copacabana e Grumari. Para agravar a situação, antigamente eram mantidas lanchas em cada posto de salvamento, mas agora só existém cinco delas em serviço ativo, para cobertura de patrulhamento em Copacabana, Leblon, Ipanema, Praia Vermelha, Botafogo, Urca e Barra da Tijuca. E essas lanchas, segundo eles, de cascos impróprios, não têm resistência para enfrentar o mar batido.
Victor Wellisch informa que, além dos serviços de salvamento de vidas humanas no mar e reanimação de afogados — seja do mar, baías, piscinas, rios ou canais — o Salvamar também dá cobertura a todas as provas esportivas marítimas, como travessias a nado, **surf,** regatas a remo, vela ou motor, resgate de embarcações, de aeronaves caídas no mar e quaisquer veículos. E o diretor do Salvamar acrescenta os meios de que o órgão dispõe para recuperação submarina de corpos ou materiais — mergulhadores em plantão de 24 horas em sua Seção de Operações Especiais — e para prevenção de afogamentos — aulas de reanimação cardio-respiratória a entidades civis e militares, com auxílio de manequins para manobras de reanimação.
Mas, se ocorrerem dois afogamentos simultâneos, segundo os guarda-vidas, um dos afogados acaba morrendo, caso "a rapaziada do **surf** não nos dê uma mãozinha". Em Copacabana, existem oito unidades, do Leme ao Forte, com dois guarda-vidas em cada uma. No dia de folga de um deles, o outro tem mesmo é que ficar sozinho. Os guarda-vidas se consideram perdidos no deserto, e explicam:
— Fazemos tudo para impedir que o banhista morra afogado. Mesmo assim, há casos em que ele é retirado do mar em péssimas condições, e não contamos com um telefone para pedir auxílio dos Centros de Recuperação de Afogados. Enquanto um de nós aplica massagens no afogado, o outro tem que correr ao bar ou posto de gasolina mais próximo e pedir para falar ao telefone. Nem sempre somos atendidos, pois ainda existe a má vontade de alguns. Isso nos dá grande aflição, pois fazemos tudo para salvar o banhista, com risco de nossas próprias vidas, e ele acaba morrendo por falta de um telefone que apresse o socorro especializado. Contamos só com uma ambulância, baseada no Posto da Carreira (Posto Seis) para atender aos chamados dos guarda-vidas de Copacabana, Ipanema, Leblon, Urca, Flamengo e Praia Vermelha. Não dá.

Ponto negro na Barra. Aqui neste cantão é constante o trabalho dos salva-vidas

No futuro, uma promessa. No presente, tudo falta.

O plano diretor do Corpo Marítimo de Salvamento prevê a construção de vários postos de salvamento, nos Centros de Recuperação de Afogados, um dos quais na área do Recreio dos Bandeirantes, cobrindo as praias de Sernambetiba, Recreio, Macumba, Prainha e Grumari, e outro na região de Itaipu, em Niterói, para Itacoatiara, Itaipu, Piratininga e parte de Maricá. O número de postos de salvamento será ditado

Eles fazem o que podem. Veja adiante

pela afluência de banhistas e de seu crescimento ou abertura de estradas.
O Salvamar tem, atualmente, núcleos de salvamento com guarda-vidas em Saquarema, Macaé, Campos e Barra de São João. Em Saquarema e na Praia do Farol, na região de Campos, o serviço dispõe de botes de inflar com motores de popa para saída em praias sem abrigo. Aos sábados e domingos, o Salvamar tem apoio logístico de um helicóptero da Secretaria de Segurança, que fica baseado no heliporto central. Ele é mais utilizado em buscas e resgates junto a costões da orla marítima.
Os guarda-vidas, porém, reclamam da falta de uma infra-estrutura menos sofisticada, que vai do fornecimento de roupas à alimentação:
— Até o ano passado, recebíamos um calção de três em três meses. Agora recebemos um por ano. O constante contato com a água salgada e o sol desgasta o tecido e somos obrigados botar dinheiro do nosso bolso na compra de material. Uniforme de frio, só recebemos um de dois em dois anos.
Outra reclamação é sobre a falta de sanitários para os banhistas. E não podem afastar-se do local de serviço. Por terem que trabalhar em dois empregos, porque "o salário não dá", eles sofrem um desgaste físico muito grande. E, além disso, são mal alimentados. Segundo eles, a comida feita no Posto Carreira "é só para os **peixinhos.** Quando sobra é que comemos, assim mesmo fria e servida de má vontade".

OS AFOGADOS E SEUS TIPOS CARACTERÍSTICOS

Os guarda-vidas classificam os afogados em três tipos clássicos. O primeiro é o que nada mal, não conhece o mar, rompe a linha de arrebentação e acaba sendo arrastado pela correnteza, com o estômago cheio de água. O segundo tipo é o dos que nadam razoavelmente, mas superestimam sua resistência e habilidade; afoitos, quando se defrontam com o perigo não gritam por socorro e preferem soçobrar sem qualquer reação. Os bons nadadores se enquadram no terceiro tipo: para testes, não há mar bravo; fortes ressacas e correntezas são o seu fraco, o seu passatempo predileto; seu resgate é mais difícil, pois eles arriscam a vida de seus próprios salvadores.
Figura singular é a do **samburiqui,** apelido dado pelos guarda-vidas ao banhista que vai à praia levando bóia de câmara de ar de pneumático, radinho de pilha, calção bem largo, camisa de meia e dois pedaços de barbante amarrados nas canelas que, segundo ele, evitam câibras. Para ele estão voltadas as atenções de todos os guarda-vidas, porque na certa vai dar muito trabalho. As estatísticas revelam que 80 por cento dos afogados são pessoas vindas de bairros afastados (entre os quais estão os **samburiquis),** dez por cento moram na orla marítima, nove por cento vêm de outros Estados e um por cento de outros países.
Além dos afogamentos (1609 casos só no primeiro semestre deste ano), a grande preocupação dos guarda-vidas são as crianças perdidas. Em um só dia — 9 de janeiro — foi batido o recorde, com 110 casos, sendo 60 em Ramos, 40 no Flamengo, oito na Barra da Tijuca e dois na Praia Dona Luísa. Nos dois primeiros meses do ano, houve 208 crianças perdidas, que foram encaminhadas às bases do Salvamar e depois entregues aos pais ou responsáveis.
Os pescadores também dão trabalho aos homens do Salvamar. Eles se colocam nos costões do litoral, em lugares perigosos, e acabam caindo ao mar. Esse tipo de salvamento traz muitos problemas porque, além de engolirem muita água, os pescadores se ferem seriamente nas quedas. Outro tipo de banhista problemático é o daqueles que fazem uso de bebidas alcoólicas — segundo os médicos do Salvamar, coisa bastante perigosa porque, em caso de afogamento, a reanimação se torna muito mais difícil, podendo levar à morte.
Victor Wellisch também chama a atenção daqueles que costumam freqüentar as praias situadas dentro das baías, as mais poluídas porque o simples movimento das marés não é suficiente para afastar os detritos comuns. Por isso, todas as praias abrigadas na Baía de Guanabara são impróprias para o banho de mar. Fora da barra, as praias nas proximidades de esgotos deverão ser evitadas, porque a correnteza fraca não dá para remover o despejo sanitário. De resto, segundo Wellisch, qualquer praia próxima a uma cidade com mais de um milhão de habitantes apresenta problemas de poluição.

Os dez mandamentos para não morrer no mar

Estes são os dez conselhos de Victor Wellisch, diretor do Salvamar, a quem não quiser morrer na praia:

1 — Respeitar a sinalização de banhos.

2 — Informar-se com o guarda-vidas das condições de banho e do mar.

3 — Ao menor sinal de perigo, chamar o guarda-vidas para que a situação não se agrave.

4 — Não se constranja em chamar o guarda-vidas; eles estão nas praias para socorrê-lo.

5 — Não se alimente em demasia antes do banho de mar.

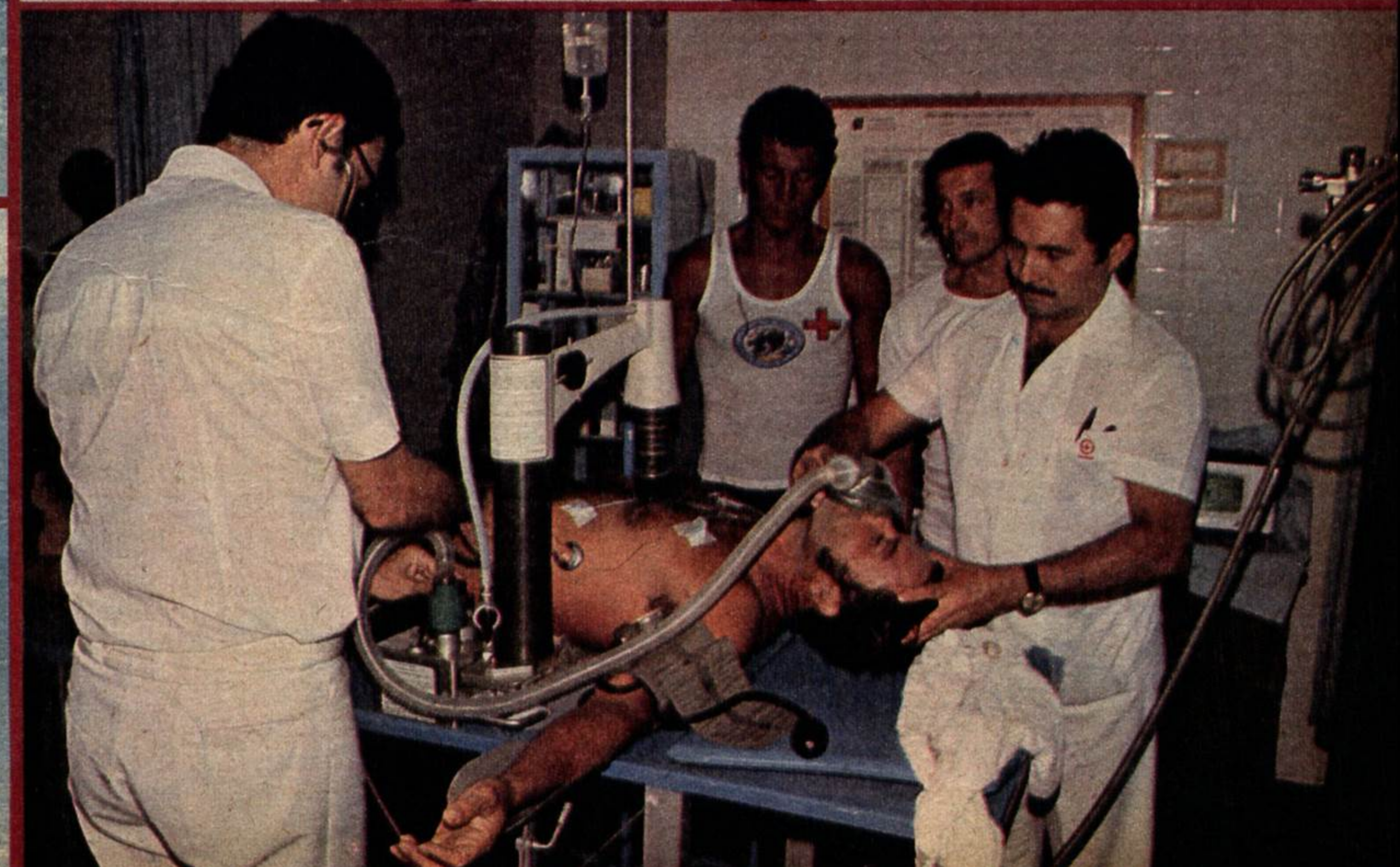
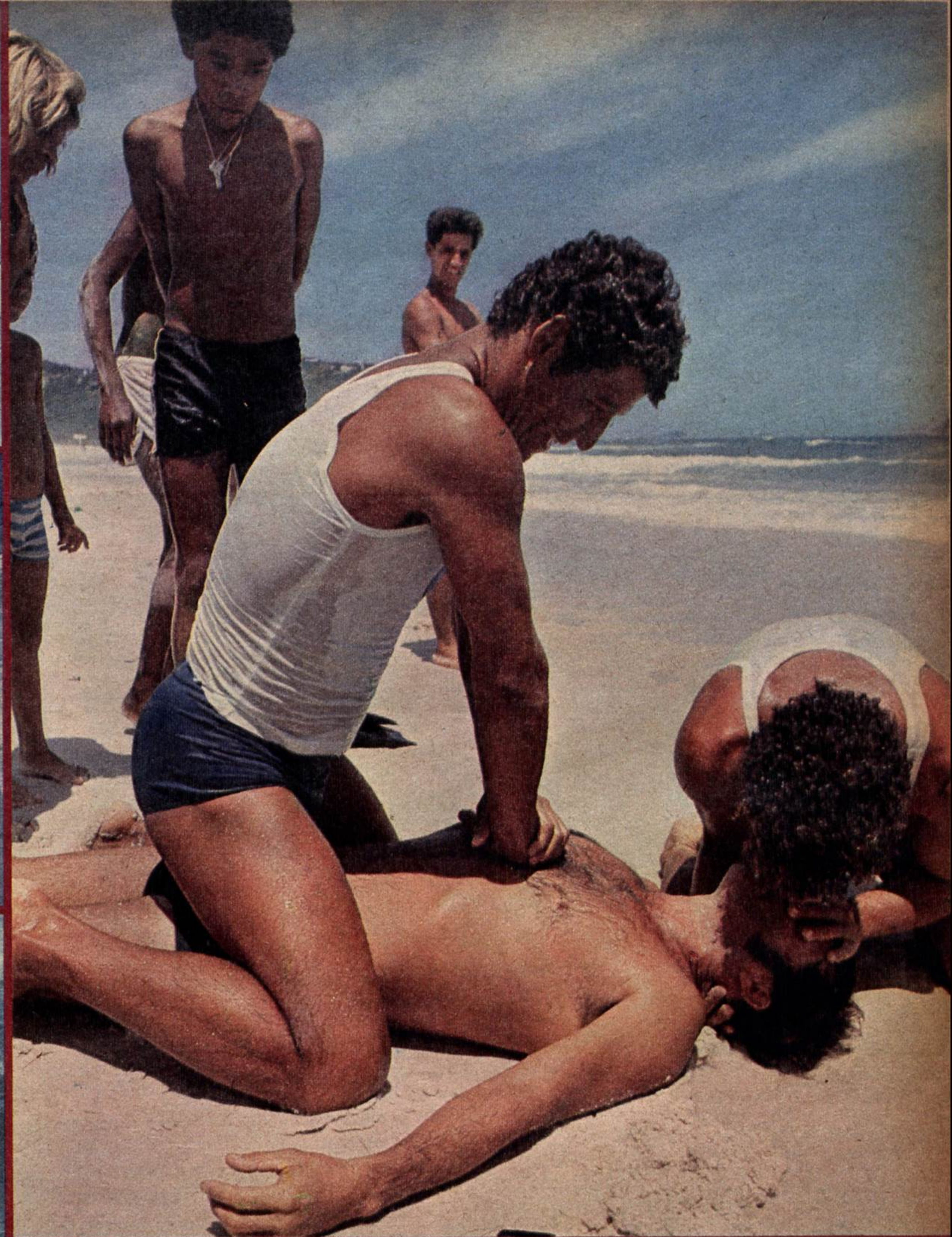
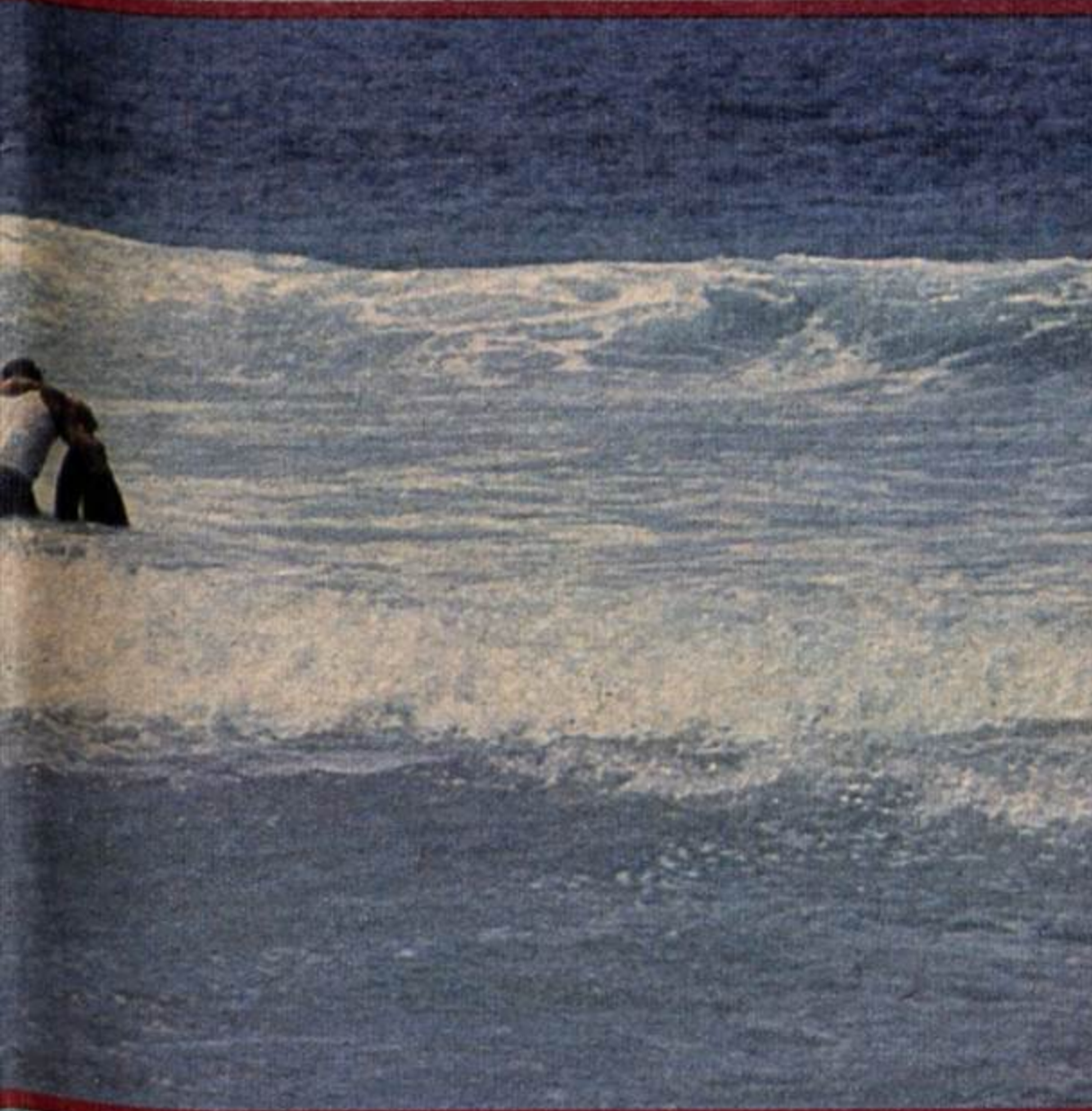
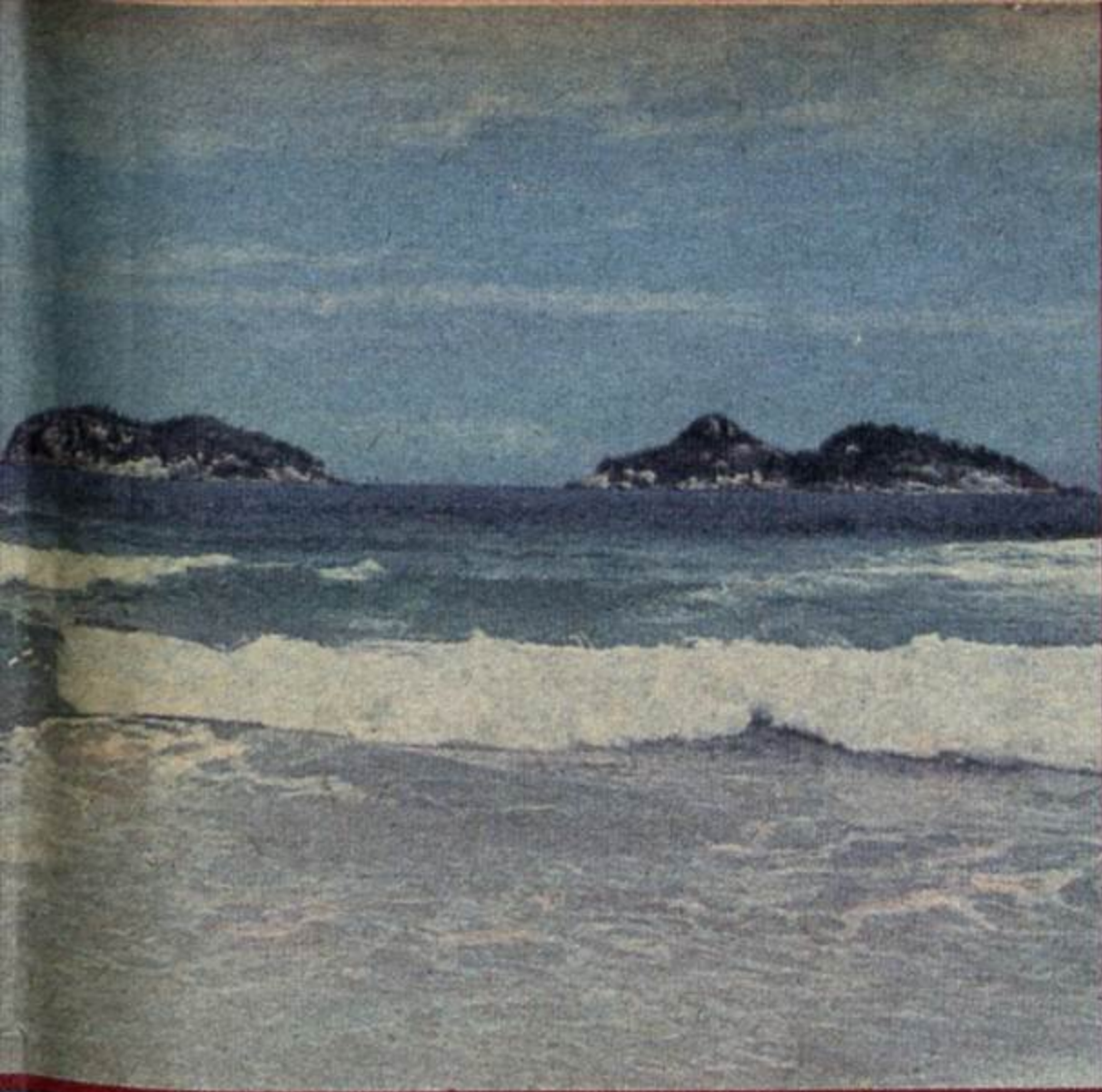
6 — Não beba bebidas alcoólicas na praia e, principalmente, antes de cair na água.

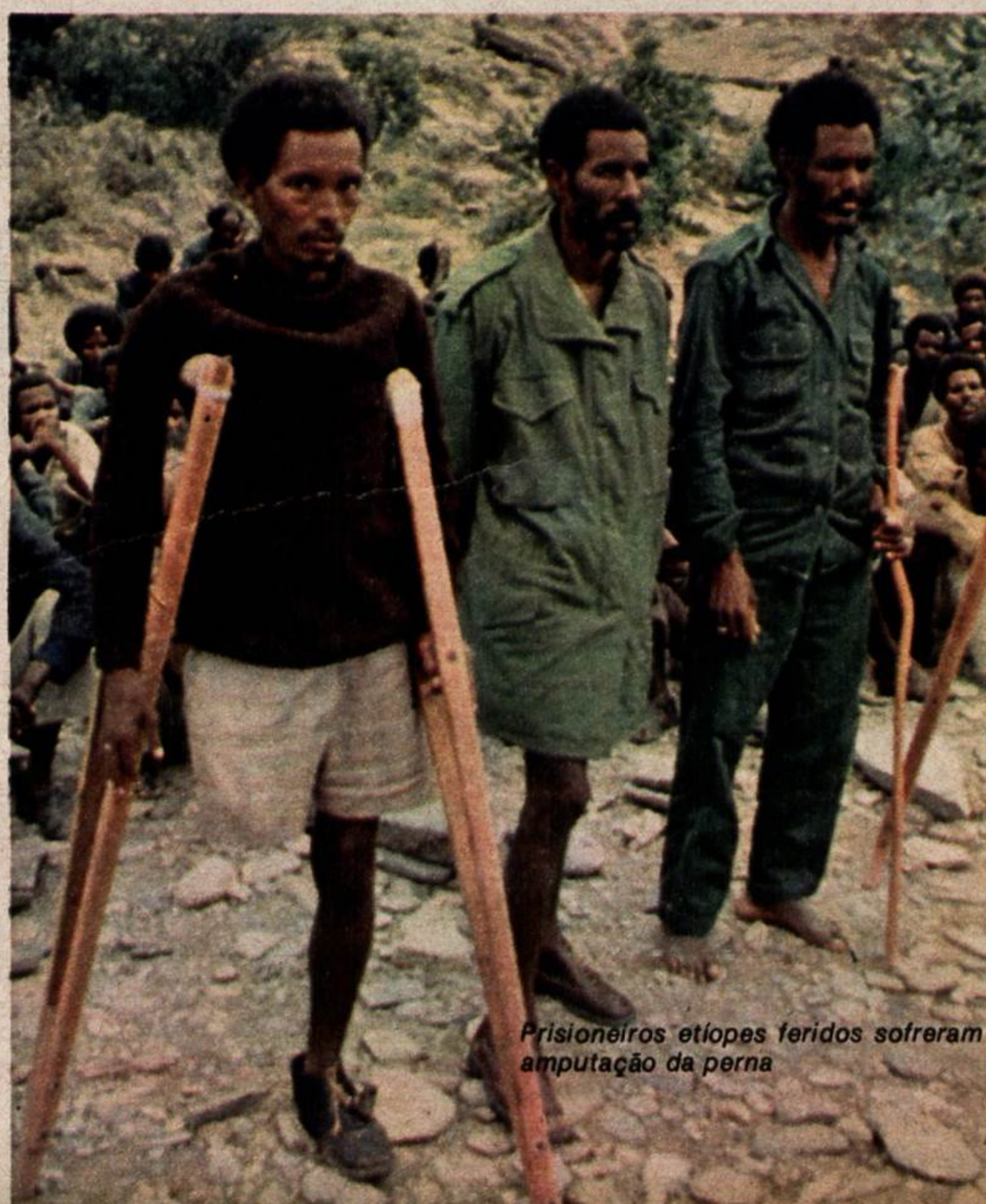
7 — Quando nadar, faça paralelamente à praia; nunca se afaste.

8 — Evite banhos de mar em praias desprovidas de cobertura do Salvamar.

9 — Quando for surpreendido por uma correnteza, deixe-se levar para o largo; em poucos minutos, terá a seu lado um guarda-vidas ou uma lancha do Salvamar.

10 — Nunca interfira no salvamento, pois o guarda-vidas é um profissional especializado.

O salvamento não foi dos mais difíceis, mas em praia onde os salva-vidas se perdem na multidão este jovem teria morrido na Barra da Tijuca

Jovens recrutas de ambos os sexos treinam pontaria

Eritréia paga preço de sangue pela liberdade

Prisioneiros etíopes feridos sofreram amputação da perna

Fotos Keystone

Nas quentes planícies africanas, trava-se hoje uma das mais ferozes guerras civis do mundo. A Eritréia, a maior e mais rica província da Etiópia, com apoio dos países ocidentais, pretende emancipar-se e constituir uma nação independente. A Etiópia, por sua vez, conta com o apoio de Cuba e da União Soviética.

A situação da Etiópia não parece nada fácil, imprensada entre dois inimigos, a Somália e a Eritréia, que recusaram a assistência e o apoio soviéticos. Tendo que combater numa frente interna e outra externa, suas tropas estão na defensiva e, ao que parece, em franca desvantagem. Se houver uma grande contra-ofensiva, ela será desfechada por um exército camponês que está sendo atualmente treinado por militares cubanos.

A posição dos eritreus parece estar melhor. Mas ainda é preciso ver como eles lidarão no futuro com suas próprias diferenças domésticas, depois de atingirem seus atuais objetivos. O espírito agressivo e os propósitos amplamente demonstrados pelo esforço combinado contra a Etiópia podem ser facilmente voltados contra as facções rivais internas. Uma democracia duramente conseguida poderá desmoronar por este motivo.

O valor militar do povo etíope ficou amplamente conhecido do mundo inteiro quando Mussolini, nos primórdios da Segunda Guerra Mundial, invadiu o país, que então se chamava Abissínia, e encontrou uma resistência heróica e inesperada, que só pôde ser quebrada pelos recursos bélicos muito superiores das tropas italianas.

Escolares exibem um cartaz com referência à guerra

Armeiros reparam fuzis automáticos capturados ao inimigo

Um soldado eritreu costura uniformes para os companheiros

Surpreendente, Deslumbrante!

NOVA CONSUL

Revendo Curitiba

Marina Ribeiro

A distância não importa, o que conta é a saudade, a falta, a necessidade de respirar o teu ar.

A quadra é antiga. Tentativa ingênua que acabou não se concretizando de fazer um poema para a minha cidade. Poema da filha saudosa, para quem a separação não significou ruptura. Passo 2, 3 anos sem visitá-la, mas carrego comigo uma saudade antiga, parte do que tenho de mais íntimo e precioso, o cenário encantado, fantasioso da meninice e adolescência.
A Curitiba de hoje, exemplo para as cidades brasileiras, cidade humana planejada para o bem-estar do seu povo, que tem ruas arborizadas, vias rápidas e calçadões floridos, ainda conserva traços da pequena capital provinciana, onde floresceram talentos como os de Emiliano Perneta, Rocha Pombo, Romario Martins e Emílio de Menezes. Mas é, principalmente, a cidade de Dalton Trevisan. Ao descobrir os seus primeiros livros, tive a sensação de ser um pouco personagem de seus contos. Minha mãe integrou o grupo dos 20 positivistas, "talvez os últimos do mundo."
Muitas vezes, a caminho da "Escola de Música e Belas Artes do Paraná", em plena rua Emiliano Perneta, passei defronte à fábrica dos Trevisan. Não poderia supor que ali dentro criava-se, além da louça, o maior contista brasileiro.
Olhava com inveja para as futuras professoras da Escola Normal do Paraná. Seus olhares petulantes e modos desenvoltos já eram um prenúncio da nova mulher paranaense. "Enjant de Sion", imbuída de uma tradição a cuprir, as maneiras deviam ser polidas e os gestos suaves e discretos. Quanta responsabilidade na cruz de madrepérola e no torçal de fita. Mas que vontade enorme de quebrar tabus: lambuzar as mãos nas pipocas amanteigadas e assistir de mãos dadas às matinés do cine Luz. Na volta para casa, no frio entardecer da cidade, olhava com receio para as esquinas desertas. Vi, muitas vezes, o tarado famoso, que à saída do colégio abaixava as calças ante os olhares curiosos das menininhas amedrontadas...
Muitas das empregadas de nossa casa foram "polacas do portão", sempre prontas para o amor e o sofrimento.
Ninguém como Dalton Trevisan transmite a atmosfera de Curitiba. Compara-o ao J. Joyce das "Dublinenses", "Molly ou Maria, Stephen ou João".
Se um dia for à Irlanda, será uma viagem de reconhecimento, pois tenho a impressão de conhecer seus mistério, seus bares enfumaçados e marinheiros turbulentos.
Dalton revelou ao Brasil a Curitiba dos imigrantes, com seus sotaques eslavos, alemães e italianos.
A Curitiba dos fogões de lenha, das chaminés, das carrocinhas das colonas...
A Curitiba dos amores furtivos, das pequenas tragédias quotidianas. Essa a minha Curitiba, a Curitiba da minha saudade...

Joaquim José Freire Lagreca

SADAT O ESTADISTA DO SÉCULO

Anwar Sadat, Presidente do Egito, erigiu-se em maior estadista do século — sem intenção de exagero —, quando para surpresa do mundo, numa atitude em que o atrevimento foi dignificado pela sabedoria, pisou o solo sagrado e polêmico de Jesuralém, em missão de paz entre árabes e israelenses. O que parecia impossível, desaconselhado pelos analistas prudentes, até mesmo visto como ato de loucura, transformou-se, depois que passou o susto mundial e cedeu lugar a uma apreciação judiciosa, na mais realista tomada de posição para pôr fim à guerra bíblica do Oriente Médio.

Sadat inaugurou a diplomacia de choque, impactual, porque foi premiado pela lucidez de sentir, com a sua sensibilidade de grande estadista, que uma situação tensa, de fervor cívico-religioso obssessivo, estava a exigir correspondente agressividade de uma das partes, sem o que a solução da paz continuaria congelada em contatos e conferências superficiais, e portanto sem impulso capaz de romper a barreira anteposta por pontos de vista radicais e antinômicos. Com a sapiência de um Nabucodonosor II, o famoso rei da Babilônia, sem demitir-se da fidelidade à causa árabe, tão timbrada por Saladino — o sarraceno que guerreava e abraçava Ricardo Coração de Leão —, o Sadat-77 partiu como um miúra na direção de Jerusalém, balanceando os riscos, mas disposto a enfrentá-los, se tanto com o sacrifício da própria vida e da amizade e confiança de seus irmãos mais impermeáveis ao diálogo.

Essa operação-surpresa, do tipo comando, na área diplomática, teve seus ecos desdobrados e provocou, como era de esperar, um verdadeiro siroco no mundo árabe, soprado pelo fole de palestinos exaltados e pelos setores fechados da Síria e da Líbia. Para a nação israelita organizada em Estado e presente no resto do mundo, Sadat passou a reencarnar o próprio Moisés, pois suas demarches, em atendendo aos legítimos direitos da comunidade árabe e, em especial, dos palestinos, pode consolidar a pátria sionista, devolvendo a Canaã ao povo de Israel. A devolução dos espaços conquistados de Golan e do Sinai terá, como contrapartida, a paz e o reconhecimento das fronteiras dos filhos de David, como corolário dessa genial jogada de xadrez do Presidente egípcio. O judaísmo e o Islã, religiões guerreiras por excelência — muito embora seus princípios se rocem em muitos aspectos —, passarão a conviver em perfeita harmonia, dentro de uma reciprocidade de respeito e tolerância. Povos irmãos, do mesmo tronco semita, miscigenados em suas origens por caldeus e fenícios, navegadores do deserto e do Mediterrâneo, árabes e israelitas teriam forçosamente de caminhar para uma confluência histórica de amor. Alá e Jeová apertam as mãos em nome da paz, e os dois povos, por intermédio de suas lideranças, podem encontrar os meios suasórios do entendimento.

Sadat teve a precisão de um destino. Sintetizou toda a coragem e inteligência de uma raça e sua cultura. E mais que isso: convocou para o seu turbante uma raça e sua cultura. E mais que tudo isso:
o lastro ético do amor islâmico e universal.
O encontro — também surpreendente — entre o General Ezer Weizman, Ministro de Defesa de Israel, com o General Mohamed Gamassi, Ministro da Guerra do Egito, nos arredores de Alexandria, deu solidez aos passos de paz no Oriente-Médio, sobretudo em se atentando para o fato do encontro posterior do próprio Sadat com Weizman, como arremate de negociações militares.

Na busca desesperada de explicações, alguns setores da imprensa européia e americana procuram transformar o presidente egípcio numa figura bombástica e sua iniciativa num mero malabarista cênico, a desenvolver um tipo de manobra no palco fumegante do petróleo. Esse tipo de ótica, senão grotesco e medíocre, choca-se com o plano de seriedade em que se coloca Sadat. Nenhum chefe de Estado — verdadeiramente consciente — aceitaria aparecer como trapezista político para o mundo. Sadat é um fato conciso. Uma revelação de grande estadista. Uma vocação de grandeza.

Confiram as próprias palavras do líder árabe, e vejam como a sua diplomacia pisa no chão e não caminha nas nuvens: "Depois da guerra de outubro, Nixon mandou-me Kissinger. Encontramo-nos em outubro de 1973 e, naquele momento, começamos juntos, Estados Unidos e Egito, a desenvolver o processo da paz. Nesse processo foram alcançados o primeiro e o segundo acordos para a retirada do Sinai — e outro para a retirada nas colinas de Golan.
Chamávamos a isso de passo-a-passo. Um plano para manter o ritmo de evolução do processo, até que a paz global fosse alcançada. Passaram-se os anos. Encontrei-me com Carter em abril. Decidimos, juntos, reconvocar Genebra, com vistas a um acordo mais amplo, aceitável para as duas partes.
Os contatos e papéis trocados alongavam a solução buscada, havia um ballet retórico e nenhum ato prático, imediato. Os russos açulavam os sírios e palestinos. Queriam virar a mesa. Resolvi, então, partir para uma atitude de impacto, que demonstrasse que os árabes, realmente, desejavam a paz, desde que os seus direitos fossem respeitados. Os árabes aceitariam o Estado de Israel, antes considerado como intruso, se Israel fizesse as retiradas. A tática estava em fortalecer Genebra, criando-lhe condições maduras de paz. Estamos indo em frente".

Nesse resumo — as declarações de Sadat são bem mais amplas —, ele demonstra o fio tático de sua aparição em Jerusalém, não como um gesto temperamental, mas como uma escalada rígida de processo, algo que foi pensado e repensado, estudado em seus menores detalhes, com o pensamento mais alto em relação aos destinos do Oriente-Médio, pasto de interesses internacionalistas e que, às vezes, alimentam conflitos até entre irmãos para tirar proveito econômico ou ideológico.

Esse é o Sadat que merece o reconhecimento universal. Generoso como um califa das mil-e-uma-noites, correto como a álgebra. Uma verdadeira invenção dos árabes.
Sadat é, inegavelmente, o estadista do século.

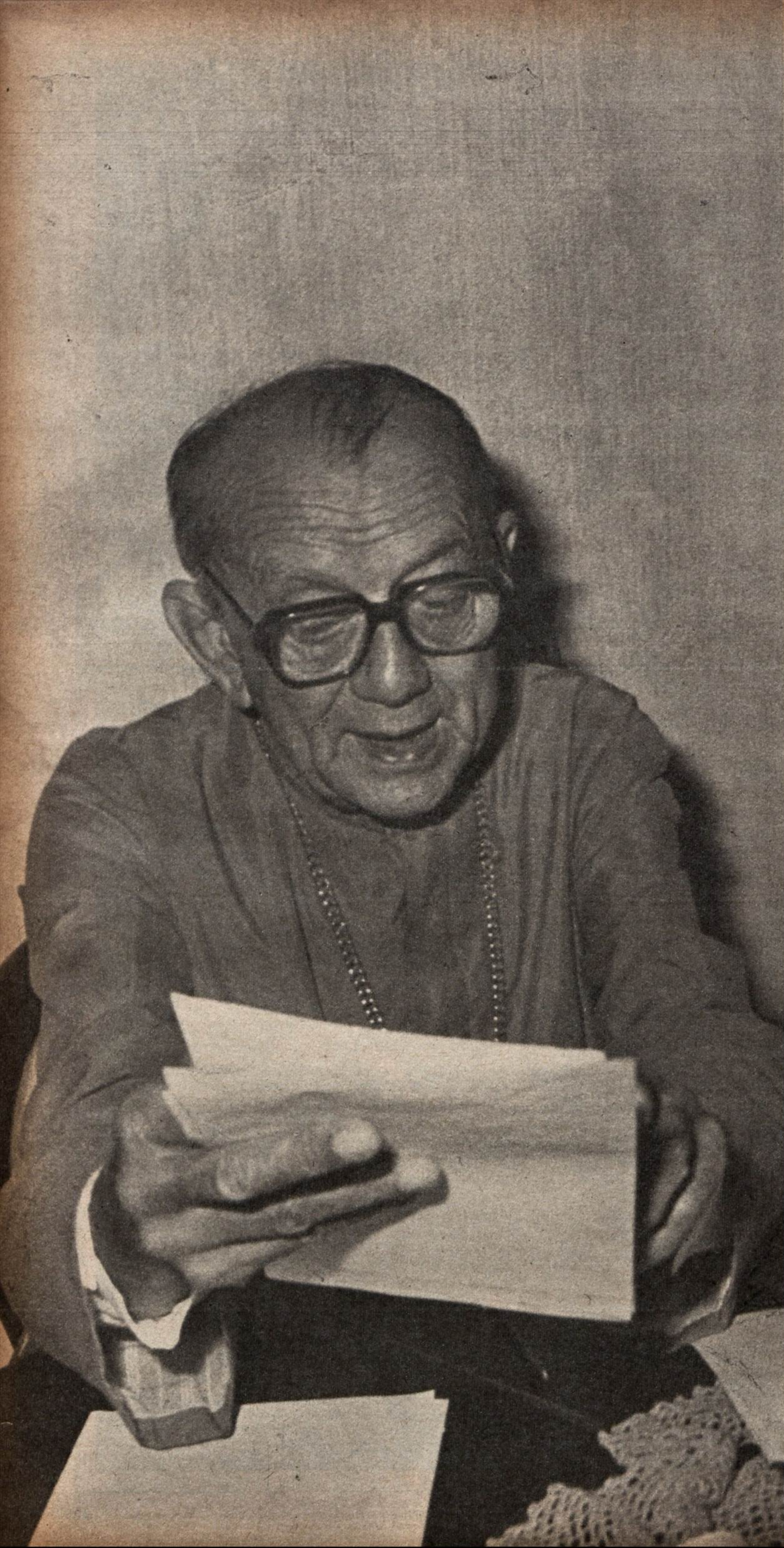
Dom Helder Câmara

ATAQUE E DEFESA NO FIM DO SILÊNCIO

Tribuna livre, marcada e tradicionalmente democrática, O CRUZEIRO publica, com absoluta exclusividade, uma entrevista quente com Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, num "furo" que corta o silêncio de muitos anos, cunhado pelo repórter Ricardo Ferreira Pinto.

A entrevista do prelado é uma peça acusatória e de sua defesa, interpretativa e pessoal, de abrangência transnacional mas que elege, como alvo principal, a Revolução de 64 e as estruturas sociais, com base nos princípios da famosa Teologia da Libertação.

Ao transcrever literalmente as palavras de Dom Helder Câmara, sem retirar uma só vírgula, usando a liberdade de imprensa - tão evidente nesta escala do movimento de março -, O CRUZEIRO reserva-se o direito de comentar o libelo do Arcebispo, estabelecendo um diálogo de idéias e impressões. É o que faremos ao pé da entrevista de Dom Helder.

ENTREVISTA EXCLUSIVA AO JORNALISTA RICARDO FERREIRA PINTO, DA NOSSA SUCURSAL EM RECIFE

1. Como Vossa Reverendíssima concilia a paz do Cristo, presente nos Evangelhos, com a temporalidade da Teologia da Libertação?

R: À primeira vista parece que, pelo fato de Cristo haver dito que o seu reino não é deste Mundo, se afastam do pensamento do Mestre os que se preocupam com as injustiças deste Mundo e trabalham para que haja, mesmo nesta vida, condições mais respiráveis, mais justas e mais humanas.

Acontece que Jesus Cristo avisou que seremos julgados conforme a maneira de tratar o faminto, o doente, o preso, o estrangeiro...

Ele é o Bom Samaritano que para a viagem, desce do cavalo para cuidar do homem, deixado por Assaltantes, roubado e ferido, à beira da estrada...

Quem não sente, quem não vê que quem se acha roubado e ferido, à beira do caminho, não é apenas um Homem: é todo o 3.º Mundo, o que vale dizer são mais de 2/3 da Humanidade?

Cristo disse, em relação à Igreja: "quem vos ouve é a mim que ouve".

Ora, sobretudo de Leão XIII a Paulo VI, a Igreja insiste, sempre mais, em clamar por justiça, como condição indispensável de paz verdadeira e duradoura.

Devemos preocupar-nos com a eternidade, sem esquecer que ela começa agora e aqui. É no chão dos homens que construímos a nossa eternidade.

Cristo não nos fez Pastores só de almas, mas de Criaturas humanas, com alma e corpo. Quem lê o Evangelho encontra Cristo o tempo todo curando enfermos, multiplicando pães, alertando para o perigo das riquezas.

2. Por que Vossa Reverendíssima penetra na problemática social, pelo caminho de denúncias, quando poderia buscar os mesmos objetivos através da ação apostólica e pacífica?

R: É possível conciliar denúncias com ação apostólica e pacífica. Denuncio, emprestando voz aos sem-voz, aos que não podem falar, aos que, falando, não serão ouvidos.

Jamais faço denúncias movido pelo ódio

ou pregando violências. Ao contrário: tento abrir os olhos dos que cometem injustiças, na convicção absoluta de estar trabalhando pela paz.

3. Por que o criticam?

R: A Igreja, com as melhores intenções, vivia, em geral muito ligada aos Governos e aos Poderosos, pensando em salvaguardar a Autoridade e em ajudar a manter a "Ordem Social".
Como as injustiças em nosso País, em nosso Continente, no Mundo inteiro se avolumam sempre mais, alertados pelas Encíclicas dos Papas e, sobretudo, pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e pelo Encontro de Bispos Latinoamericanos, em Medellin, sentimos a impossibilidade de continuar sendo suportes de uma aparente e falsa ordem social. Insistir em sustentar a desordem estratificada que se apresenta como ordem, seria tornár-nos coniventes das injustiças que esmagam mais de 2/3 da humanidade.
Em consciência, nos sentimos na necessidade de denunciar as injustiças mais aberrantes e de contribuir para a promoção humana das Massas mantidas em condição sub-humana.
Governos e Poderosos se julgam traídos pela Igreja. E acusam-nos de subersivos e comunistas. Temos que aceitar que se cumpra, também para nós o aviso de Cristo, que alertou sua Igreja para incompreensões, perseguições, maus-tratos, julgamentos, prisões...

4. Por que Vossa Reverendíssima viajou várias vezes para Paris a fim de atacar o governo da Revolução Brasileira?

R: Quem fala assim repete uma inverdade, espalhada, amplamente, em todo o País, sem que eu tivesse acesso à Imprensa escrita e falada para defender-me. Ainda hoje, enquanto a Imprensa escrita se arrisca a publicar declarações minhas, o Rádio (a não ser, em âmbito local, a Rádio Olinda que me possibilita, em 5 minutos matinais, "um olhar sobre a Cidade") e, sobretudo, a Televisão continuam inatingíveis para mim.
O Diretor de "Opinião" foi processado pelo crime de haver divulgado uma entrevista que eu fiz — não em Moscou, em Pequim ou Havana — em Chicago, nos Estados Unidos, sobre Tomás de Aquino e Marx.
Viajo para bater-me pela justiça e pelo amor como caminho para a paz. Jamais ataquei o Brasil, ataco as injustiças. Claro que se ataco injustiças onde quer que elas se pratiquem, perderia força moral se não tivesse coragem de investir contra injustiças praticadas no Brasil. Ataco, então, nosso País? De modo algum. Ataco injustiças e absurdos de que o Brasil é vítima.

Dom Helder Câmara com o jornalista Ricardo Ferreira Pinto, durante a entrevista exclusiva que rompeu os longos tempos de silêncio

5. Por que Vossa Reverendíssima não agride os países comunistas onde a Igreja é sufocada?

R: Se o que eu digo no estrangeiro pudesse ser divulgado em nosso País ninguém, honestamente, diria que deixo de denunciar os absurdos que se passam nos Países comunistas.
Jamais invisto contra injustiças das Superpotências Capitalistas, esquecendo o que se passa no Mundo comunista. Provo, inclusive, como Rússia e China estão se deixando invadir pelas Multi-Nacionais e implantando sistema bancário.

Se os Jornais brasileiros pudessem publicar meu discurso na Universidade de Florença (ao receber, em novembro passado um doutorado em ciência econômica) ficaria patente como, insistindo em denunciar a Comissão Trilateral (que nos proclama imaturos para a democracia plena e se arvora em Tutores de nossa vida política), denuncio um outro triângulo que tem, em Washington, o mesmo vértice de Trilateral, América do Norte, Rússia e China.

6. Vossa Reverendíssima reconhece ou desconhece a obra social econômica da Revolução. Explique em profundidade as suas razões?

R: Nada tenho de pessoal contra os atuais Dirigentes do País. Lastimo que a Revolução não tenha sabido ou podido fazer as Reformas de base, que a transformariam de "Revolução", de nome em "Revolução" de fato. Decentemente, não é possível falar em Reforma Agrária. O Incra não resiste a uma análise serena e objetiva. O Estatuto da Terra foi sendo esquecido, diluído, e os famosos decretos-impactos começam, alviçareiros, e terminam de maneira inglória.

O modelo de desenvolvimento, neo-capitalista adotado oficialmente, só podia mesmo tornar os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Quando se falava em "milagre da economia brasileira" só não enxergava a proletarização crescente do País quem estava hipnotizado pelo pseudo-milagre ou cego pela necessidade de bajular.

I.N.P.S. e Banco Nacional de Habitação terão melhores chances do que o Incra para enfrentar um balanço e corajoso? Sem ódio, com o intuito exclusivo de colaborar para que haja entendimento e paz em nosso País, tenho insistido em dois pontos fundamentais, sem cujo reexame em profundidade a paz nacional e a continental serão impraticáveis. Trata-se de dois pontos em que os Países da América Latina sofrem uma influência altamente perniciosa dos USA.

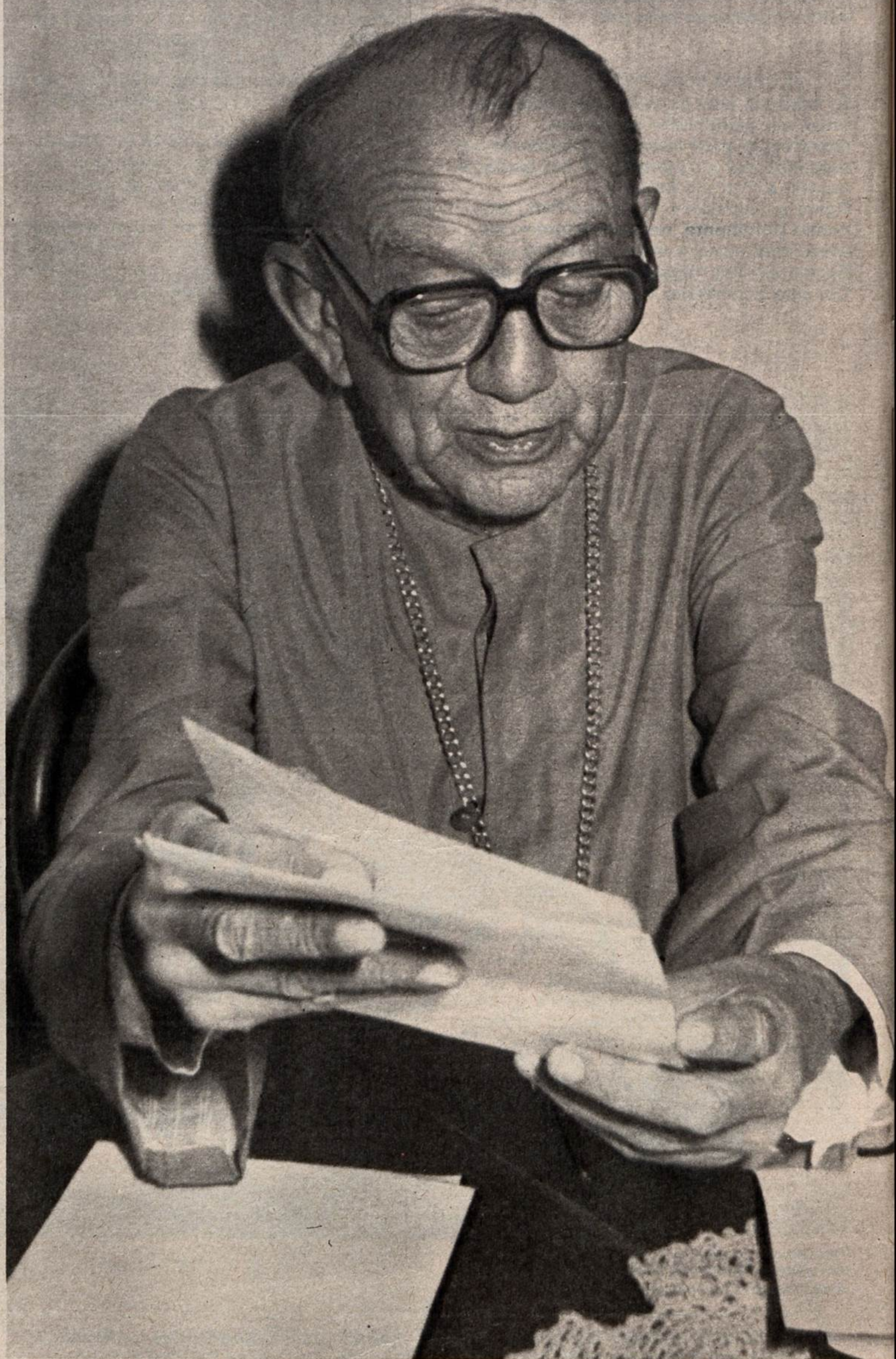
A primeira influência nos vem da doutrina da segurança nacional, tida como valor supremo, como valor dos valores. Do "National War College" esta absolutização da Segurança Nacional passou para todas as Escolas Superiores de Guerra que cobrem toda a América Latina. Claro que a segurança nacional é direito e dever de cada Povo.

O grave é a idolatria de colocar a Segurança acima de todos os valores.

A escola Superior de Guerra precisa ter a coragem de reexaminar velhos conceitos importados e que, hoje, estão superados, a ponto de não honrar à Pequena Sorbonne e insistir em apresentá-los como dogmas.

A visão sobre o embate necessário entre USA e Rússia — entre Capitalismo e Comunismo — precisa ser revista em profundidade diante da presença sempre mais forte das Multi-Nacionais, e da implantação do Sistema Bancário na Rússia e na China.

O conceito de guerra psicológica contra o Comunismo — levando Militares sinceros a comandar seqüestros e torturas, interpretados não como torturas e seqüestros, mas como guerra psicológica — já deve estar sendo questionado seriamente, pois as Multi-Nacionais, jogando com Regimes de direita e de esquerda, sendo mais poderosas do que as Super-Potências de um e de outro lado, deixam a nu o simplismo da obceção anticomunista.

A Escola Superior de Guerra precisa ter a coragem de reexaminar em profundidade até quando o Brasil e toda a América Latina vão aceitar as decisões da Comissão Trilateral, considerando-nos imaturos para a democracia plena e necessitados de Tutoria política.

As palavras de Dom Helder mereceram-nos toda a fidelidade. Elas estão embasadas nos princípios da Teologia da Libertação

É impressionante como Chefes de Estados Latinoamericanos repetem, quase textualmente, as Conclusões do Encontro de 1973, promovido por Davi Rockfeller, com a participação da América do Norte, da Europa Ocidental e do Japão, mas dominado inteiramente pelas Multi-Nacionais. Caso a examinar, cuidadosamente, é a coincidência da presença, no citado Encontro, de Jimmy Carter e do atual Responsável pela Segurança Nacional nos USA, que funcionou, inclusive, como primeiro Relator de Encontro.

NOSSOS APARTES A DOM HELDER

Dom Helder pode ficar zangado com os apartes que reservamos para a sua entrevista discursiva. Mas é o diálogo. A troca de idéias e impressões. Isso é democracia.

Dom Helder insiste em dizer que a Teologia da Libertação, produto do Vaticano II e do Encontro de Medellin, ampara-se no Evangelho e nos exemplos de Cristo. Portanto, a temporalidade da Igreja seria recomendada pela palavra do Mestre. E alega, entre outras coisas, que Cristo curava enfermos e condenava a riqueza. Logo, exercia ação temporal e não apenas pregava para o reino dos céus.
Realmente, Cristo curava os enfermos, e se Dom Helder pudesse fazer o mesmo, seria magnífico. O que Cristo nunca fez e que Dom Helder faz — ele e outros prelados da Teologia bossa nova — foi participação política e instigação social. Se Cristo tivesse agido assim, haveria de meter-se nos negócios de César, contestando o imperador que subjugava nações e oprimia povos. Cristo não se inseriu nesse protesto, mesmo quando provocado pelos fariseus. Cristo não pregou a revolução exterior, a de Dom Helder, mas a interior, a do Pai. E não saiu disso. Queria a reforma do Homem e não de sistemas. Portanto, a Teologia de Dom Helder é vesga. Não se diga que a Igreja fala por Cristo quando se afasta do Evangelho. Cristo é o Evangelho. A Igreja só fala por Cristo quando repete o exemplo e as palavras de Cristo. Não quando parte para interpretações que o próprio Cristo condenava. Mais essa: Cristo só condenava a riqueza, quando esta era sinônimo de egoísmo, de avareza — de tudo-pra-mim, nada-para-os-outros. Porque ricos e pobres precisam do Cristo para alcançar a salvação.
Quando Dom Helder pretende a conciliação de denúncias com ação apostólica e pacífica, deveria definir o tipo de denúncias. Se denuncia problemas e processo social subdesenvolvido, teria que saber que os pecados sociais fazem parte da cultura subdesenvolvida. E não é, por decreto, que se cura o subdesenvolvimento. O subdesenvolvimento se cura com desenvolvimento, e desenvolvimento integral — político, social e econômico. O país tem que se desenvolver, base de toda solução social. Não é outra coisa que pretende — e está fazendo por onde — o movimento de 64. Dom Helder agitando, sem o remédio imediato, que não existe — o remédio é produzir, por escalas, o desenvolvimento —, está tumultuando o processo social e fazendo murchar o processo econômico. Está, assim, contribuindo para incrementar a miséria que ele supostamente combate.
O Arcebispo irriquieto não respondeu, a contento, ao fato de difamar o Brasil no exterior. Disse, simplesmente, que isso era mentira. Apenas denunciava a miséria.
Ora, o que realmente fez, continuadamente, foi sujar a imagem de sua pátria, permitindo a publicação dos insultos até em revistas pornográficas. Como pombo-correio das esquerdas internacionais atendia ao chamado e cumpria sua missão de antipátria. Isso está abundantemente provado. Se não é comunista, nem subversivo, serviu ao comunismo e à subversão. Quando o seu papel, como pastor de Cristo, deveria ser de reformar o Homem, salvar almas, salvando corpos.
Quanto ao fato de reiterar que também ataca os países comunistas, onde a Igreja é sufocada, deve tê-lo feito em silêncio de sacristia. Pois nunca a imprensa se ocupou desse tipo de noticiário atribuído a Dom Helder. Ele sempre aparecia como um dedo acusador contra o governo revolucionário, não se valendo de argumentos sérios ou científicos. Dom Helder conhece demagogia, não economia. Se conhecesse economia e sociologia, certamente não deitaria tanta falação improcedente, a menos que optasse pelo dolo.
Referindo-se, em especial, à Revolução de 64, então vira a mesa. Não registrou nenhum avanço no campo social, limitando-se a dizer que as Reformas de Base não foram feitas. Deve saber que reformas não têm efeitos imediatos, pois dependem da escalada cultural, educacional, desenvolvimentista. E essa escalada está sendo produzida pelo sistema. Veja-se a legislação para o campo, os esforços iniciais do Mobral, ao tempo de Mário Simonsen. Observe-se a legislação ampliada para o trabalhador urbano, continuação lógica da consolidação das leis trabalhistas de Getúlio Vargas. Anote-se os esforços de integração nacional, e o brutal crescimento da economia. Confira-se o salário-real, o poder aquisitivo melhorado, embora ainda pequeno, muito pequeno, porque dependente do status econômico. Nada disso — e tantas mais conquistas do sistema — Dom Helder anotou, restringindo-se às tais Reformas de Base, comuno-sindicalistas e inúteis, porque demagógicas.
Dom Helder não mudou nesses anos de silêncio interno. Continua o mesmo Arcanjo do ódio em versão de rosto enluarado e voz mansinha.

O Editor

Bilhete 58.759

OS 50 MILHÕES DE GUSTAVINHO

Texto de Everaldo Bezerra
Fotos de Rubens Américo

Gustavinho, o homem dos 50 milhões lotéricos, sempre sonhou alto e fazia por onde. Por isso seus amigos de **Guavira Editores,** uma de suas empresas e arredores, cunharam esta frase: os 50 milhões da loteria de Natal são, apenas, um pouco da liquidez dos sonhos de Gustavo. E o próprio Gustavo — calmo como uma prece — arrematava: "foi um empréstimo de Deus sem juros e correção monetária. Esse tipo de empréstimo não é exatamente bancário. A gente paga com boas ações." Nessa mesma ocasião lembrou-se de um pensamento de Walpole: "dinheiro é como esterco. Só presta quando bem espalhado."

BILHETE 58.759

Ele jamais esquecerá este número — o 58.759. Pois foi este número que colocou no seu sapato natalino os 50 milhões e trocados. O maior prêmio em dinheiro da história contemporânea. É isso aí.

Sorte não tem explicação. Não é matemática. Sorte é poesia e suas raízes penetram no imponderável. O que aconteceu com Gustavinho documenta:

ele vinha sonhando com o irmão Otávio, que morreu com a esposa em desastre de automóvel. A vibração de Otávio cochichava nos sonhos: "Gustavo, joga sempre no meu número do Colégio Militar, o 59, no do nosso irmão João Luis, o 83 e no número 23" — o do próprio Gustavo, do Colégio Militar.

Gustavinho fez fé no sonho e passou a jogar seguidamente na loteria. Tal era a sua convicção que chegou a investir 750 mil cruzeiros em bilhetes, até que acertou sozinho na extração do Natal.

Outros fatos paralelos ocorreram. Tia Neiva, do **Vale do Amanhecer,** nos arredores de Brasília — uma comunidade espiritualista de 10 mil médiuns, sob a liderança "astral" do caboclo "Seta Branca" —, garantiu a Gustavinho que ele iria ganhar um prêmio de loteria até o Natal. Outros terreiros de Umbanda repicaram o anúncio, até que o prêmio aconteceu. Pode ser coincidência, mas é verdade.

SAI DA FRENTE

Não é por ser capitão de artilharia, mas Gustavinho é uma bala de canhão. Seus amigos contam. No Exército, ao tempo fumegante da Revolução, era da confiança absoluta — e ainda é — do General Afonso Albuquerque Lima. Formava ao lado do coronel Boaventura que, se não fosse cassado, em virtude do poder de sua liderança fardada, seria um dos maiores Generais do Brasil; de Amerino Raposo, outra inteligência confirmada, moral de aço; dos coronéis Araripe e Amazonas, gente que amassou o barro de 64; dos coronéis Paladino e Rui de Castro, revolucionários puros e idealistas, em suma, fazia parte do grupo dos **duros,** que hoje espiam, de longe, o processo revolucionário desfilar. Sobrinho-neto do General Dale Coutinho, que comandou o I Exército, Gustavo Coutinho de Faria — eis o nome com que assina os cheques — deixou o Exército sem ressentimentos, embora punido com reforma, porque dizia o que pensava e agia no mesmo ritmo. Bacharel em Direito, vestiu o paletó de empresário de comunicação, transformando-se num paisano disparado.

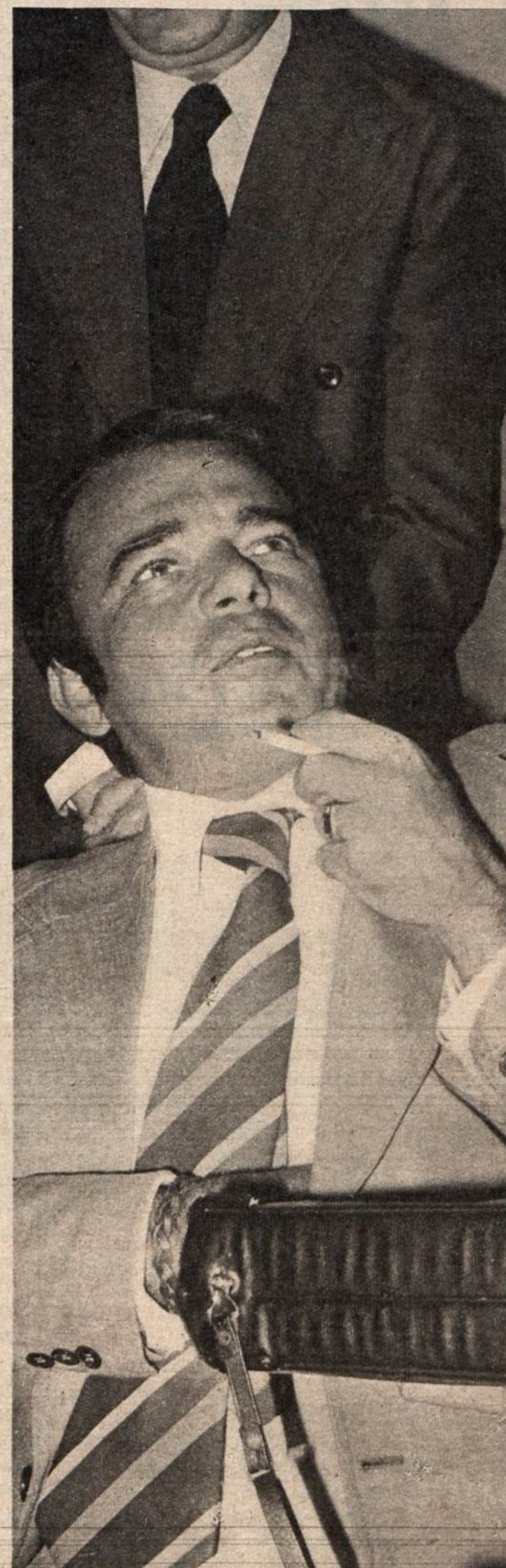
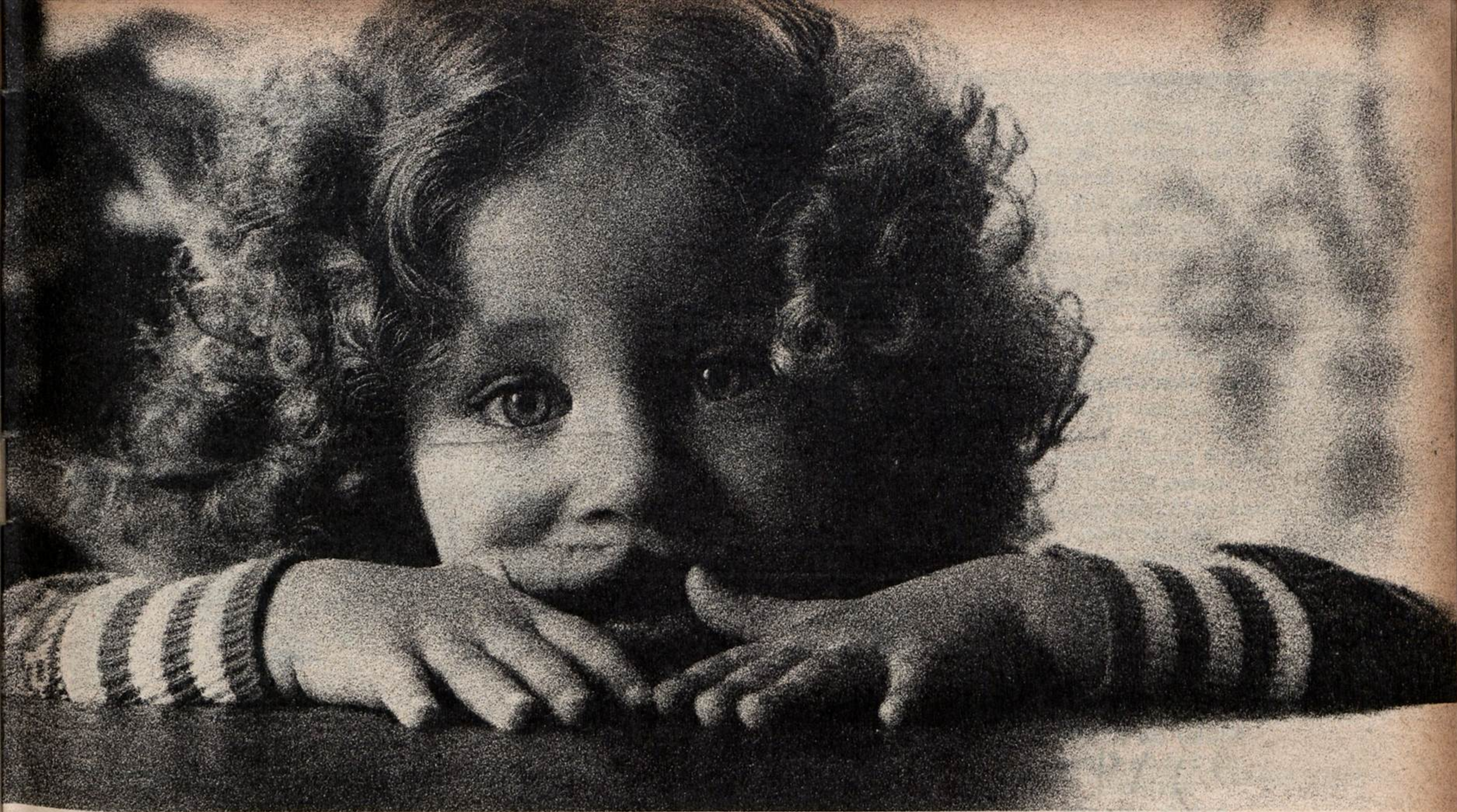
Formou um grupo de amigos — oficiais do Exército e civis de boa cepa — e lançou, primeiro, a **Guavira Escritório de Comunicações.** Em seguida, formou a **Guavira Editores,** editando obras de divulgação revolucionária, peças promocionais da Arena e cartilhas para o Mobral e Incra, estas em fase de processamento. Seu "Brasil para Comparar" foi **best-seller** como peça de pesquisa para estudantes. O mesmo aconteceu com o "Soletre Mobral e Leia Brasil". Seu faro empresarial resultou em faturamento grosso. Em pouco mais de cinco anos fez fortuna: um andar inteiro, na Av. Almirante Barroso, 90, que foi recentemente avaliado em 20 milhões de cruzeiros; um apartamento de andar inteiro, na Vieira Souto, que vale 12 milhões, apartamentos outros, mansão em Cabo Frio, ações no mercado de capitais. Como imobilizou a sua fortuna, sentia às vezes fome de capital de giro.

A fome agora saciada.

Os 50 milhões fazem girar a cabeça de Gustavinho na direção de negócios ainda maiores. Por exemplo: quer partir para a montagem de um parque de comunicação:

rádio, jornal e até revista. Está pensando em velocidade de fórmula 1. Saiam da frente.

Um pouquinho dele mesmo. O companheiro, amigo dos amigos, que mete a mão no bolso e divide o dinheiro.

Gosta de ajudar. Mas é prudente. E já era um cara simpático antes de ganhar os 50 milhões.

Até parece que ele mudou, mas continua o mesmo Gustavinho

É a fronteira mais longa do mundo: são mais de onze mil quilômetros de extensão. Ao longo dessa linha, ao norte, ouve-se o constante ronronar do urso soviético, enquanto ao sul, a intervalos regulares, o dragão chinês lança línguas de fogo assustadoramente contra seu inimigo de dez mil anos. Essa é uma imagem um tanto literária, mas está bem próxima da verdade. Recentemente, o Marechal Hsu Hsiang-chen, um dos heróis da Grande Marcha de Mao Tse-Tung, e aliado de Tang, o poderoso comandante da Região Militar de Cantão, no Sul da China, declarou, enfaticamente, que os soviéticos ocupam perto de um milhão de quilômetros quadrados da República Popular da China, sem contar vastas áreas anexadas pelos tsares no Extremo Oriental da Rússia, ainda no século passado. Pequim ainda as considera seu território. E está condicionando seus 800 milhões de habitantes para recuperá-las, algum dia.

Treinar cada vez mais, como se os russos estivessem chegado.

RÚSSIA E CHINA:

Na idade dos sonhos, as jovens têm nas armas uma realidade.

Do fuzil ao conserto dos sapatos para enfrentar a guerra.

Os líderes da República Popular da China acreditam que a União Soviética pretende atacar seu país, e têm boas razões para fundamentar essa crença. A convivência entre chineses e seus visinhos russos nunca foi fácil. Há mais de 10 mil anos que se hostilizam, tornando-se os limites entre os dois países, na opinião dos soviéticos, algo "flutuante", que os vizinhos do Norte custam a levar a sério. Torna-se impossível respeitar a maior fronteira do mundo, com seus 11,2 milhões de quilômetros, extendendo-se das montanhas do Pamir até os confins siberianos. Praticamente desde que assumiram o controle do território continental da China os seguidores de Mao Tse Tung vêm denunciando ao mundo a avidez dos soviéticos com relação

A adolescência chinesa vive a expectativa do conflito.

O ódio e as armas esperam sua hora e sua vez

AMEAÇA DE CHOQUE ARMADO

Reportagem Câmera Press

Desde cedo, o acirramento do espírito bélico.

ao seu território. Altos militares chineses também denunciam seguidamente incursões noturnas que tropas soviéticas fazem ao longo da fronteira, avançando às vezes até 100 quilômetros ao Sul. E agravando esse quadro, persistem as diferenças ideológicas, fixando nítidas diferenças entre os dois gigantes do mundo comunista. Sem dúvida, caminham para um confronto pelas armas.

Há algum tempo, o Marechal Hsu Hsiang-chen fez uma palestra a oficiais japoneses reformados que visitavam a China Popular. Reunidos no Grande Salão do Povo, segundo o jornal japonês Yomiuri Shimbun, os militares nipônicos foram advertidos, pelo veterano da Grande Marcha de que uma política franca com relação à União Soviética poderia acender o

estopim de uma terceira guerra mundial, com conseqüências imprevisíveis. Na opinião de Hsu, as diferenças ideológicas entre Moscou e Pequim ainda vão perdurar por mais 10 mil anos.

— Os chineses — afirmou o Marechal — estão convecidos de que o objetivo da estratégia global soviética é a China. Acreditamos que a União Soviética está tentando cercar a China por terra e por mar, afim de esmagá-la como uma **boa constrictor** envolve sua vítima para liquidá-la. É por isso que a China, embora não seja uma potência global, procura enfrentar a União Soviética não apenas nos países asiáticos vizinhos mas também na África e na América Latina.

E o velho marechal tem boas razões para mostrar a sua preocupação. O próprio Nikita Kruschev afirmou, ainda em 1963, que num período de cinco anos haviam ocorrido mais de 5 mil escaramuças entre tropas soviéticas e chinesas ao longo da fronteira siberiana. Isso representa mais de 15 ações armadas por dia.

Essa comunicação do então primeiro-ministro soviético calou fundo num jovem estudante da Universidade de Moscou — Andrei Amalrik, levando-o a escrever um livro: "Sobreviverá a União Soviética ao ano 1984?". Nesse livro Amalrik analisa as relações sino-soviéticas, para concluir que os dois gigantes vão se defrontar e que a União Soviética eventualmente se desintegrará no confronto das duas nacionalidades.

No entanto, a pergunta do título do livro de Amalrik ainda deverá assombrar o mundo durante alguns anos e, certamente paira como um espectro sobre a cabeça dos dirigentes chineses.
À moda da casa, silenciosamente, como infatigáveis formigas chinesas — sem saber a resposta — vão se preparando para o confronto. Visitantes estrangeiros têm sido levados à Grande Muralha — o único monumento na terra que pode ser distinguido da Lua — e após essa visita são convidados a ver outras obras de arte dos chineses— extensas redes de túneis que serpeteam no subsolo de grandes cidades como Pequim, Shangai, Nanquim e Cantão.

Os jovens chineses estão condicionados para a guerra. Só esperam a hora.

Essas fortificações começaram a ser construídas a partir da última década, acelerando-se após agosto de 1968, quando sobreveio a "Primavera de Praga" e a proclamação da **Doutrina**

Brezhnev:
"Os países fraternais têm o direito de intervir em qualquer país da comunidade comunista, caso as conquistas dos operários sejam ameaçadas".

Diante disso, o governo chinês acelerou a construção das suas fortificações subterrâneas.

Desta vez era o poderio atômico soviétco que acenava contra os chineses, e suas fortificações subterrâneas passaram a contar com energia elétrica, serviços de água, fábricas, lojas, hospitais, depósitos e abrigo para a população civil. Ao mesmo tempo descentralizaram parte da indústria

nacional e dispersaram as instalações atômicas de Sinkiang.

Muitos observadores acreditam que as tropas soviéticas e chinesas poderão ter confrontos nas ilhas do Rio Ussuri e em outras áreas da fronteira, que incidentalmente irão

degenerar no confronto maior. Não é possível, na opinião de **experts** militares ocidentais e chineses, que a União Soviética — num momento crucial — desfeche uma **blitz** contra a China e tente ocupar a Mandchuria, além de atacar Pequim e Shangai. Contra isso, praticamente, os estrategistas chineses teriam apenas em seu favor — atualmente — a tática dos

grandes comandantes militares imperiais: deixar o agressor entrar no país, para esmagá-los num **mar humano de 800 milhões** de almas. Sem contar um continente de 4 milhões de homens reunidos no Exército. , Marinha e Aeronáutica e uma milícia armada com um efetivo de 5 milhões de soldados.
O Clube de Correspondentes Estrangeiros de Hong Kong é um local que fervilha de rumores e indagações, onde se reúnem jornalistas e peritos sinólogos. É o clube de correspondentes mais famoso do mundo. John Le Carré, num dos seus livros de espionagem, situa sua ação inicial nesse local. É opinião geral ali que o risco de confronto armado entre a União Soviética e a China tem oscilado, diminuindo em certas ocasiões, mas o perigo ainda permanece latente na fronteira siberiana e na península coreana — zonas consideradas de extremo perigo.

Drew Middleton, um especialista em assuntos militares que trabalha para o New York Times — o maior jornal do mundo — após passar três semanas na China disse que embora o soldado chinês viva sob regime espartano e seja fisicamente apto e bem treinado, seus armamentos não estão à altura para um confronto com o armamento soviético, são muito antiquados. A Força Aérea chinesa, por exemplo, ainda utiliza velhos MIG-19 que os soviéticos deixaram de fabricar há 20 anos. A Marinha chinesa, em termos práticos, é uma força costeira defensiva, e na área nuclear ainda é discutível a capacidade dos chineses lançarem a bomba atômica com possibilidades de êxito.

— O balanço militar se inclina de tal maneira em favor dos russos que os chineses, apesar do seu poderio humano, hesitariam em usar armas nucleares, confiando em última instância no seu "mar humano".

A presença das armas está em toda parte.

Os murais estimulam o para o dia do encontro final.

Os chineses vivem esperando o corpo-a-corpo com os russos na decisão da fronteira.

O alvo, um amigo inseparável no dia a dia do soldado chinês.

Mandchúria, o alvo

Secretamente os líderes alimentam a esperança de que prossiga a tensão na Europa Ocidental diante dos vizinhos do Leste Comunista.

Caso a Europa Ocidental decida reduzir seus efetivos militares, enfraquecendo a Organização do Tratado do Atlântico Norte, os soviéticos teriam possibilidade de deslocar grandes efetivos, agora estacionados na Europa Oriental, para a fronteira siberiana, acrescentando algumas divisões às 45 que mantêm estacionadas no Oriente, em plena preparação de guerra.

Na China, atualmente, o Exército Vermelho é o elemento mais poderoso, inclusive na área política. Entre os 23 membros do Politburo, 13 já ocuparam os mais altos postos militares. E os dirigentes chineses percebem com clareza que a China precisa de modernização e da tecnologia ocidental japonesa. Há pouco ainda o ministro da Defesa Yeh determinou a modernização das

Uma muralha humana está formada para conter os russos na hora certa.

forças terrestres, aéreas e navais, abrangendo as armas e o equipamento militar do país. Os generais sabem também que um

melhor relacionamento com o Ocidente e com seus vizinhos japoneses é do interesse nacional.

Mas o que ocorreria se a União Soviética ocupasse a Mandchúria, área vital para a economia chinesa?

Esta, na opinião de Middleton, é justamente a área crítica da questão sino-soviética, e os oficiais chineses sabem que os russos pretendem concentrar seus esforços ali e que eventualmente poderão tentar ocupá-la, numa operação de grande envergadura.

Estabelecida a conquista, os soviéticos diriam: — Tentem nos desalojar. E os chineses seriam obrigados a fazê-lo.

Um correspondente asiático que tem sua base em Hong Kong, no entanto, tem uma opinião diferente da idéia de Middleton:

— É possível, disse ele se referido a uma eventual invasão soviética na China. Mas duvido de uma vitória dos russos na Mandchuria que deixe de considerar uma interferência dos Estados Unidos, Japão ou Europa Ocidental. Você já viu um urso roubar o mel de uma colméia? As abelhas ficam voando em torno dele. E não importa que o urso seja muito forte, ele poderá tentar afugentá-las, talvez até consiga acertar algumas, mas finalmente terá que fugir. E perderá o mel no caminho.

Ao que parece a República Popular da China também pensa assim. E está preparando suas pequenas abelhas . Desde cedo o chinês vai se familiarizando com as armas e com o culto da força armada. O militarismo se tornou uma espécie de paixão nacional. Os grandes murais que adornam alguns locais, nas grandes chinesas, associam o soldado chinês às suas armas, quase que um desfio ao mundo. Numa nação que passou séculos assolada por sucessivas invasões e que apenas milagrosamente

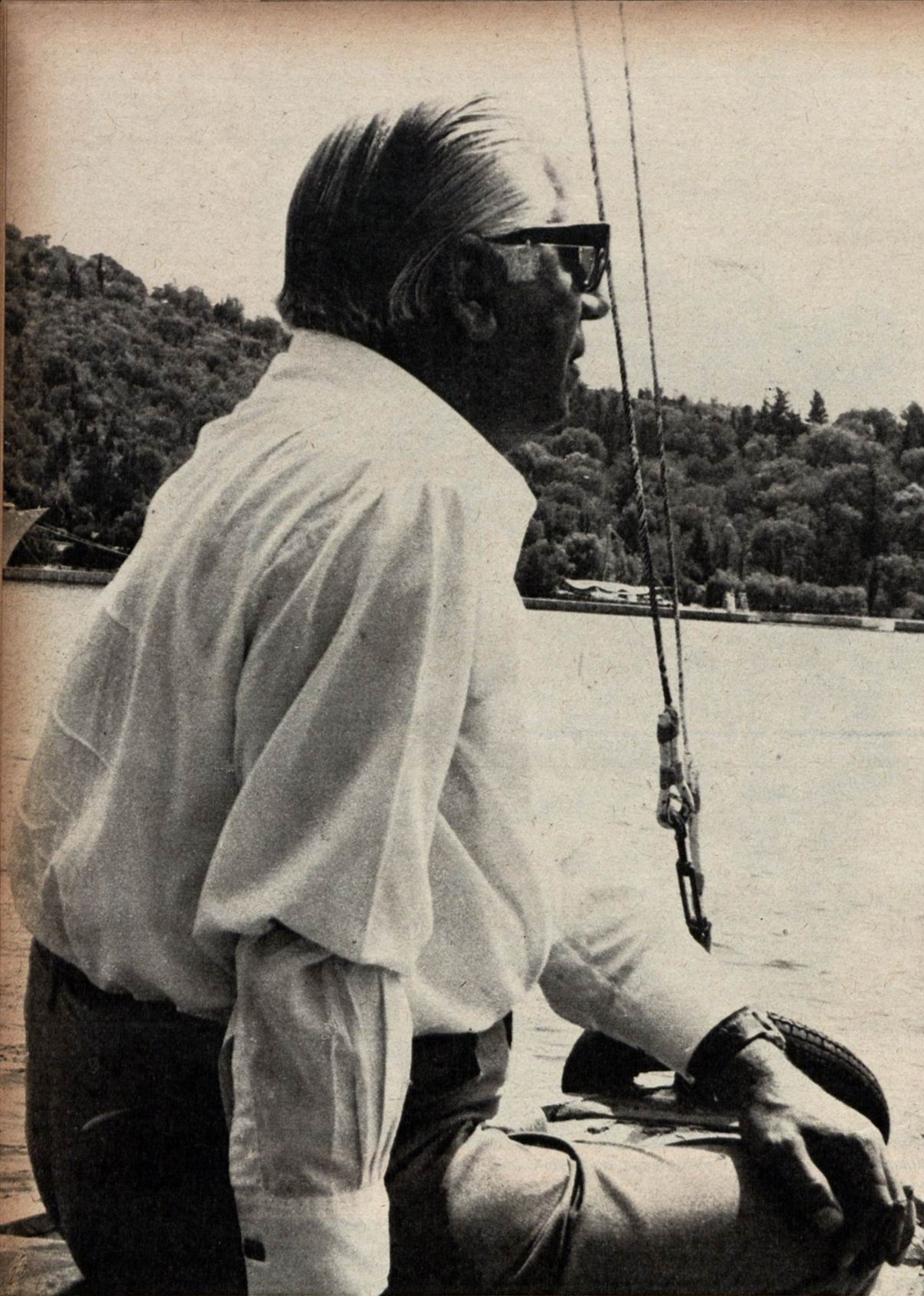
preservou sua cultura, essa propaganda oficial intensiva é algo muito forte.

Treinamento severo absorve o maior tempo do jovem chinês. O ataque do dragão não poderá falhar.

Nas lojas de Pequim ou de Nanquim, ou em qualquer bazar de uma comunidade rural chinesa; as crianças encontram desde cedo as motivações a que devotarão suas vidas. Grande parte das bonecas de borracha que vão para as mãos das crianças chinesas seguram em suas pequenas mãos as armas do futuro.

Hoje, os jovens nas escolas ainda se submetem a treinos militares com armas de madeira. Não há muitas armas de verdade disponíveis no país. Mas os observadores vêm com certa apreensão o perigoso jogo das crianças chinesas, que se multiplica nos espetáculos para adultos e num crescente poderio das castas militares dentro do partido: seus comandados não usam armas de brinquedo, e as exibem orgulhosamente nas paradas e no dia-a-dia da fronteira.

Na infância começa tudo. E não para mais.

O verdadeiro Onassis (3)

O CHAMADO DO MAR

Sua ambição tinha as dimensões de um oceano. Por isso, tornou-se armador.

Uma vez em Atenas, Onassis foi visitar sua família, que o acolheu com adulação. Isso teve um sabor de triunfo para ele. Seu pai, amolecido pela idade, ficou feliz em homenagear o sucesso de seu filho. Onassis distribuiu dinheiro às viúvas da família, para a educação das crianças. Ele foi aclamado como "o chefe da tribo" e sentiu-se gratificado com essa distinção. A reconciliação com seu pai parecia completa. Sócrates morreu dois anos mais tarde, em 1931, de um ataque cardíaco, aos 58 anos. A despeito do calor da reunião familiar, Onassis não ficou à vontade na Grécia. Estava ansioso por voltar a Buenos Aires para ganhar dinheiro, não propriamente com tabacos. Os navios navegavam há algum tempo em seus pensamentos. Costa Gratsos recorda seus passeios pelas docas com Onassis.

Reportagem Sunday Times
(especial para O CRUZEIRO)
Fotos Keystone

— Ele não trabalhava com navios quando nos conhecemos, mas era fascinado por eles, pensava neles todos os dias. Muita gente estava ganhando dinheiro com eles, os gregos também, e Onassis havia apanhado o micróbio, o vírus. Ele me dizia: "Quero entrar nesse negócio".

Durante uma visita a Montevidéu, através do Rio da Prata, Onassis notou um velho casco de navio encalhado na margem. Um primo dele, que estava em sua companhia quando ele teve a idéia de fazer o velho barco voltar a navegar, relembra:

— Fizemos tudo para dissuadi-lo e convencê-lo de que aquilo seria sua ruína, mas ele não quis ouvir. Ele contratou alguns gregos para fazer o barco tão bom como se fosse novo.

Isto custou alguns meses de árduo trabalho, mas, ao fim de tudo, Onassis teve seu primeiro navio: o Maria Potopapas, de 25 anos e sete mil toneladas.

— Ele se julgava um transatlântico — disse Gratsos — mas eu penso que não merecia realmente esse nome.

Pouco tempo depois de Onassis recolocá-lo em movimento, o navio naufragou no porto de Montevidéu, durante um ciclone.

O desastre não diminuiu o entusiasmo de Onassis por navios, mas tornou-o mais cauteloso. Ele havia ganhado um bom dinheiro estendendo seus negócios de tabaco a Cuba e ao Brasil para suplementar seus suprimentos gregos. Em 1932, aos 26 anos, seu conceito comercial era reconhecido pelas autoridades gregas, e ele foi nomeado vice-cônsul extraordinário em Buenos

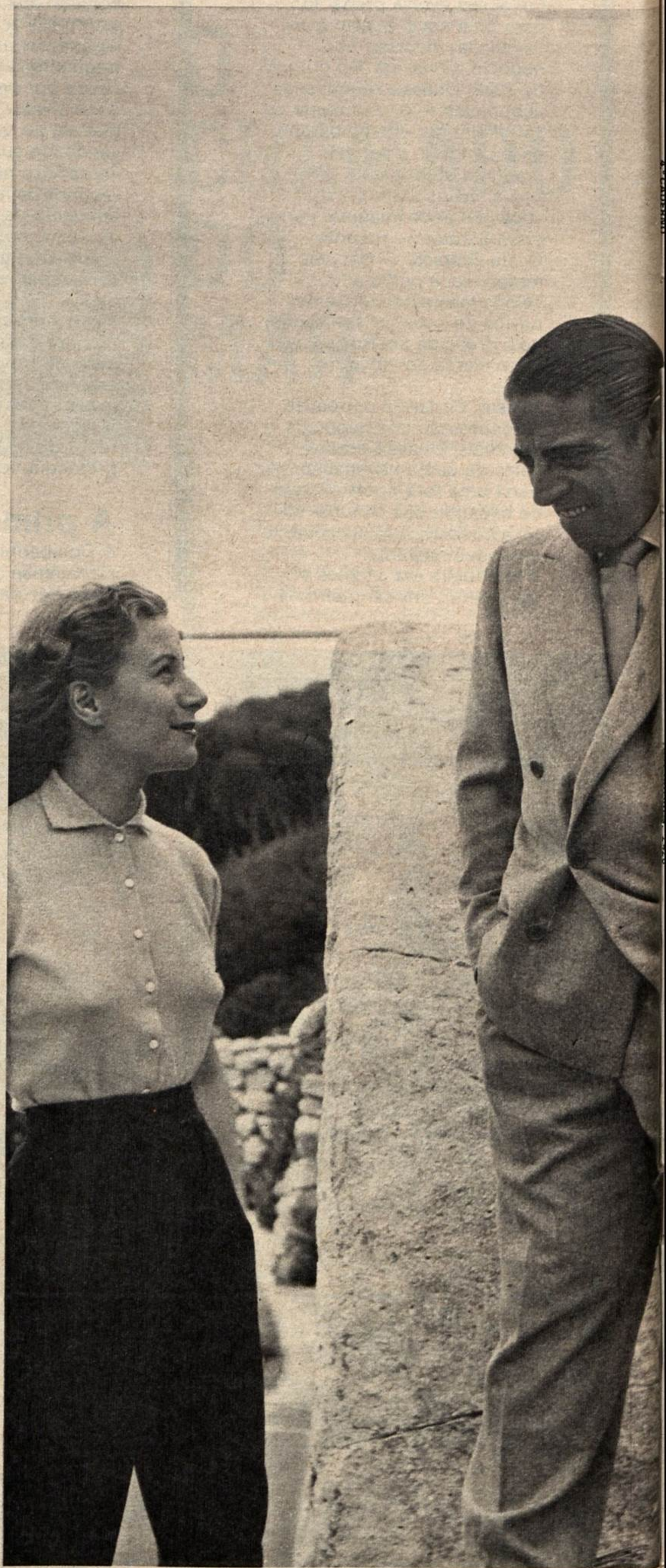
Aires. A posição colocou-o em mais estreito contato com as atividades navais do grande porto.
Ele agora estava preparado para uma nova, porém mais calculada, incursão no negócio de navios. No outono de 1932, Onassis reuniu suas economias — no montante de 150 mil libras — e embarcou para Londres, a capital marítima do mundo.
— Os navios eram baratos, você não pode imaginar como eram baratos — recorda Costa Gratsos. — Naquele tempo, você podia adquirir velhos mas ainda eficientes navios de nove mil toneladas pelo preço de um Rolls-Royce novo, cerca de cinco mil libras.
Apesar, ou talvez por causa da depressão dos negócios mundiais, Onassis estava certo de que a navegação lhe daria uma rara oportunidade de expandir sua fortuna. Ele foi a Londres para aprender, e aprendeu bastante.
A economia era simples e fascinante. Um cargueiro de dez anos, cuja construção custara 250 mil libras em 1920, estava no meio da jornada de sua vida útil. No começo dos anos 30, nos estertores da depressão, alguns navios eram freqüentemente colocados à venda por preço bem abaixo do seu valor, às vezes pela metade do que se obteria vendendo sua sucata. Mas o verdadeiro negócio era recobrir os navios, deixando-os com aparência de dez anos de uso, caso em que o investimento inicial seria reembolsado em 12 meses. Se o golpe falhasse, havia a possibilidade de recuperar ainda uma pequena quantia. Entusiasmados com essa aritmética, os maiores investidores estavam negociando com navios ao redor do mundo. Onassis não pretendia ficar de fora.

A primeira frota

A Companhia Nacional Canadense de Navegação tinha dez navios para vender, todos com menos de 15 anos, alguns construídos no início da década de 20. Tinham entre 8.500 e 10 mil toneladas e seu preço era de 7.500 libras por unidade, sem dúvida não mais do que seu valor como sucata. Mesmo assim, Onassis não estava interessado em pequenos navios, pelo simples raciocínio de que o custo de manutenção de um só navio de 10 mil toneladas era mais baixo do que o de um par de barcos de cinco mil, e os lucros consideravelmente maiores.
Os navios canadenses estavam ancorados há dois anos no Rio São Lourenço quando Onassis chegou com um engenheiro para examiná-los. Era inverno, o inverno canadense, e o convés dos navios estavam cobertos de uma fina camada de neve. Percorrendo-os com seu engenheiro, subitamente Onassis deu um grito e desapareceu. Ele havia caído do convés superior para o inferior através de uma placa de neve.

Seus óculos escuros escondiam uma grande visão comercial. Assim era Onassis.

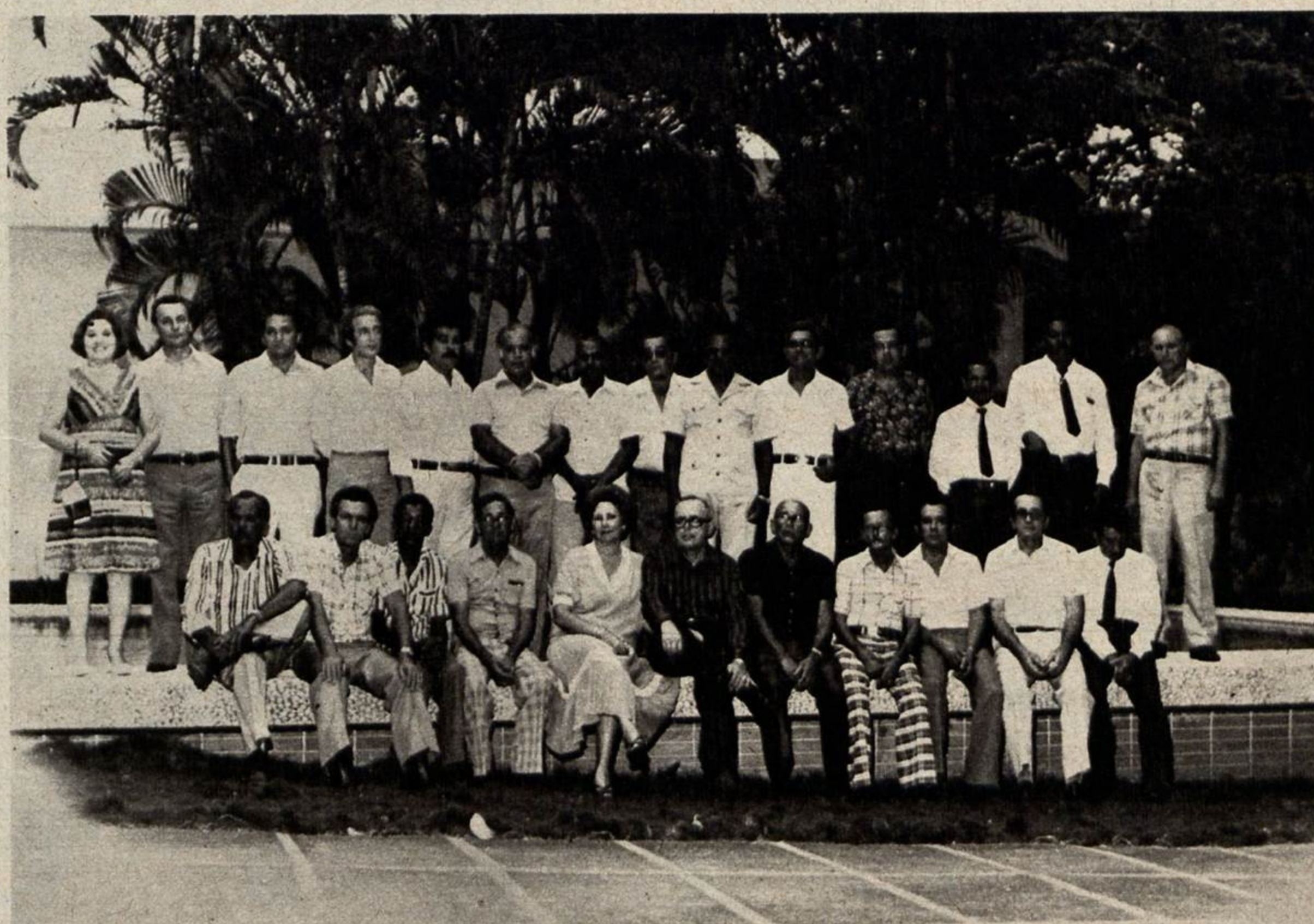
Alguns desses navios haviam sido construídos pela Canadian Vickers, naquele tempo um nome conceituado na construção naval. Outros eram do tipo standard, versão inglesa da Primeira Guerra Mundial dos navios da classe Liberty. O engenheiro achou que eles estavam em condições de operar e Onassis propôs comprar seis a cinco mil libras cada um. Segundo Onassis, os canadenses concordaram inicialmente em vender apenas dois navios, que ele prontamente pagou. Depois, vendo que seu blefe falhara, venderam-lhe os outros quatro.
Onassis pagou os navios com seu próprio dinheiro (não havia em Londres quem lhe desse um empréstimo), mas podia finalmente se intitular armador. Finalmente ele se lançava em uma grande aventura sem depender da influência ou tirocínio de seu pai. Sua carreira independente de grande homem de negócios estava para começar.
Ele havia adquirido experiências suficiente nos negócios, especialmente depois que se tornou cônsul em Buenos Aires, para saber dos riscos que corria naqueles anos difíceis. Para ganhar dinheiro, era preciso tomar as decisões acertadas sobre fretes, que estavam oscilando muito. Eles poderiam flutuar tanto em tão poucos dias que um embarque de cereais da Argentina para a Europa, que parecesse garantir boa margem de lucros, poderia dar um sério prejuízo se a taxa de frete do carvão na viagem de volta houvesse diminuído, nesse meio tempo. Uma viagem de 90 dias Buenos Aires—Londres—Buenos Aires.

Os amigos tentaram, em vão, impedir que Onassis se fizesse ao mar.

Onassis jamais esqueceu sua primeira esposa, Tina, mesmo quando repousava nos braços de Jequeline.

A VIAÇÃO ITAPEMIRIM S.A. NO ENCERRAR DO ANO EM QUE COMEMOROU SEUS 25 ANOS, PRESTA SIGNIFICATIVA HOMENAGEM AOS SEUS VINTE E CINCO EMPREGADOS MAIS ANTIGOS.

A VIAÇÃO ITAPEMIRIM S.A. em 1952 quando foi fundada pelo Sr. Camilo Cola, realizava apenas a ligação Cachoeiro de Itapemirim — Castelo, no estado do Espírito Santo, em precárias estradas de terra.
Neste último quarto de século, a Empresa acompanhou a evolução do sistema rodoviário brasileiro, prestando, atualmente, serviços em mais de 70 linhas, nas categorias convencional, leito, executivo e com ar condicionado, no Espírito Santo e de São Paulo a Belém do Pará.
No último dia 11 de dezembro, os seus 4.000 servidores foram especialmente homenageados na sede da Empresa, em Cachoeiro de Itapemirim, com a presença dos seguintes vinte e cinco empregados mais antigos: Waldemiro Sorte; Luiz Balbino; Alice Massad; Antonio Roberto da Costa; Claudionor Coelho; José Pereira da Costa; Nilton Sorte; Arizio Marinho; Nivaldo Gomes Ferreira; Bertholdo de Oliveira Netto; Zaluar Fonseca; Eudorico da Silva; Angelo Venturim; Gentil Mazoco; Cedenir Barros; Biraci Cirino; Décio Ferreira dos Santos; Guilhermino Grilo, Avides Amorim; Antonio Nivaldo Casagrande; Irineu Ferreira, Dinarte Mendes; Ovidio Largura; Ari Calisto da Silva e Gelson Higino Gonçalves.
Na ocasião, após Sessão Solene no Auditório da Sede, o casal Camilo Cola e Ignez Massad Cola, cercado de seus familiares, ofereceu-lhes recepção na sua residência, de congraçamento e agradecimento, pelos relevantes serviços prestados. A reunião foi motivo da mais ampla confraternização entre Diretores, Gerentes e Empregados em geral, ressaltando o espírito idealista que preside as atividades da Viação Itapemirim.

O motorista Antonio Roberto da Costa, um dos mais antigos colaboradores, quando recebia os cumprimentos e um elogiado brinde do Diretor Presidente Sr. Camilo Cola, no Auditório da Empresa.

Na residência do casal anfitrião, que é visto ao fundo, os empregados e suas famílias, por ocasião da recepção.

No jardim da residência do casal Camilo Cola e Ignez Massad Cola, os vinte e cinco empregados mais antigos, quando recepcionados pelos anfitriões.

Prévia no Recife

Carnaval em Preto e Branco

Reportagem: Ricardo Ferreira Pinto
Fotos: Fernando Gusmão

O cônsul e sra. Marvin Hollfenberg mostraram que também gostam de samba.

O casal Pedro e Maria Adélia Correia Neto em companhia do sr. José Sales.

O carnaval recifense foi aberto pela famosa e badalada prévia "Carnaval em Preto e Branco", promovida pelo Cabanga Iate Clube de Pernambuco, na noite de 17 de dezembro. É a mais tradicional festa pré-carnavalesca da cidade. Num ambiente sem fantasias, onde a tônica eram as cores preto e branca, os foliões esbanjaram alegria e animação. Uma verdadeira inflação de mulheres bonitas, algumas com roupas generosamente audaciosas, deram maior brilhantismo à noitada, que só findou com o sol de domingo.

As orquestras de José Menezes e Guedes Peixoto, além da Escola de Samba de Otacílio, mantiveram o salão superlotado todo o tempo, havendo um perfeito equilíbrio entre o frevo, o samba e as músicas de meio-de-ano.

A decoração se inspirou, em preto e branco, na nostálgica e decantada figura de Arlequim, excelente trabalho das jovens Carla Carvalho e Isabel Fonseca.

A diretoria do Cabanga, recém-empossada, realizou um grande trabalho, proporcionando uma noitada inesquecível a todos os que lá compareceram. À frente, comandando todos os detalhes, estavam o comodoro Fuad Hazin e o diretor-social Newbon Victor, ao lado das suas bonitas e dinâmicas esposas Cyleda e Cristina, respectivamente.

O badalado figurinista Ricardo de Castro ao lado de sua maneca Lúcia Correia de Oliveira.

No camarote central, o comodoro e sra. Fuad Hazin e diretor-social e sra. Newbon Victor.

— Clube completamente lotado, anotamos entre as inúmeras figuras importantes da sociedade pernambucana, as presenças dos casais Marvin e Lúcia Hollfenberg (ele, cônsul dos Estados Unidos na região), José e Dirce Sales, Pedro e Maria Adélia Correia Neto (ele, presidente do Clube Internacional do Recife), George e Naná Asfora, Carlos e Gilene Costa, Cilo e Lícia Feijó de Melo (ele, vice-comodoro do C.I.C.P.), Hailton e Virginia Cardozo, Francisco e Glória Albuquerque Pereira, Sérgio e Renée Lobo Jardin, Carlos Alberto e Sílvia Brito Lyra, Sérgio e Glória Petribú, Mário e Deluze Dubeux, Luiz Alberto e Rosa Hinrichsen, Ricardo Jorge e Maria Adélia Hinrichsen, Kleber e Raymar Domingues, Maneca e Norma Almeida, Heleno e Benita Gouveia, além dos srs. Hercílio Canto, Girley Brasileiro, Luiz de França Cunha, Ricardo de Castro, Junawcy Galvão e Alberto Porpino.

O casal Sérgio e Glória Petribú, em companhia de sua filha Kátia, liderava um dos camarotes.

A turma jovem, que deu o tom da noite, estava representada por Marcelo Guerra, Duca Sampaio (comandava o mais animado camarote), Tânia Bulhões, Gladys Brasileiro, Lúcia Correia de Oliveira, Fred Jóia, Roberto Jurema, José Antônio, Clarinha e Cristina Ferreira Pinto, Lúcia Noya, Edson Meira, Ulisses Viana, Jorge Sales, Armenio Barbosa Neto, Eneida Abreu de Andrade, Lygia Oliveira da Rosa Borges, Sônia Maria dos Anjos, Carlos Alberto Gusmão Rangel, Dulce Carneiro, Célia Loyo, Denis Richard Mocock, Bruno Maia Correia de Araújo, José Roberto La Greca de Paiva, Sérgio Moreira Lagreca (do "society" carioca), Francisco e Fernando Hinrichsen, Claudia Vieira Costa, Roberta Cabral da Costa, Cezar Priori Pontes, Jorge Dias, Corália Menezes de Castro, Duduca Dias, Fatinha Lustosa, Alfredo Bandeira de Melo Filho, Tullio Ponzi Filho e Anita Rozenblit.

Em concorrida mesa de pista, os casais Maneca Norma Almeida, Carlos Gilene Costa e José Dirce Sales.

Cláudia Rodrigues

A Naçã
Uma Sa

E espera:

1 — Condenação de Michel e seus cúmplices

2 — Expulsão de Egon Frank do Brasil

3 — Esclarecimentos por que ocorreu a operação ganha-tempo quando do envio do processo para a Suiça e as facilidades para a fuga de Michel

4 — Inquérito para apurar responsabilidades na ajuda comprada pelos milhões dos assassinos.

o Exige
tisfação

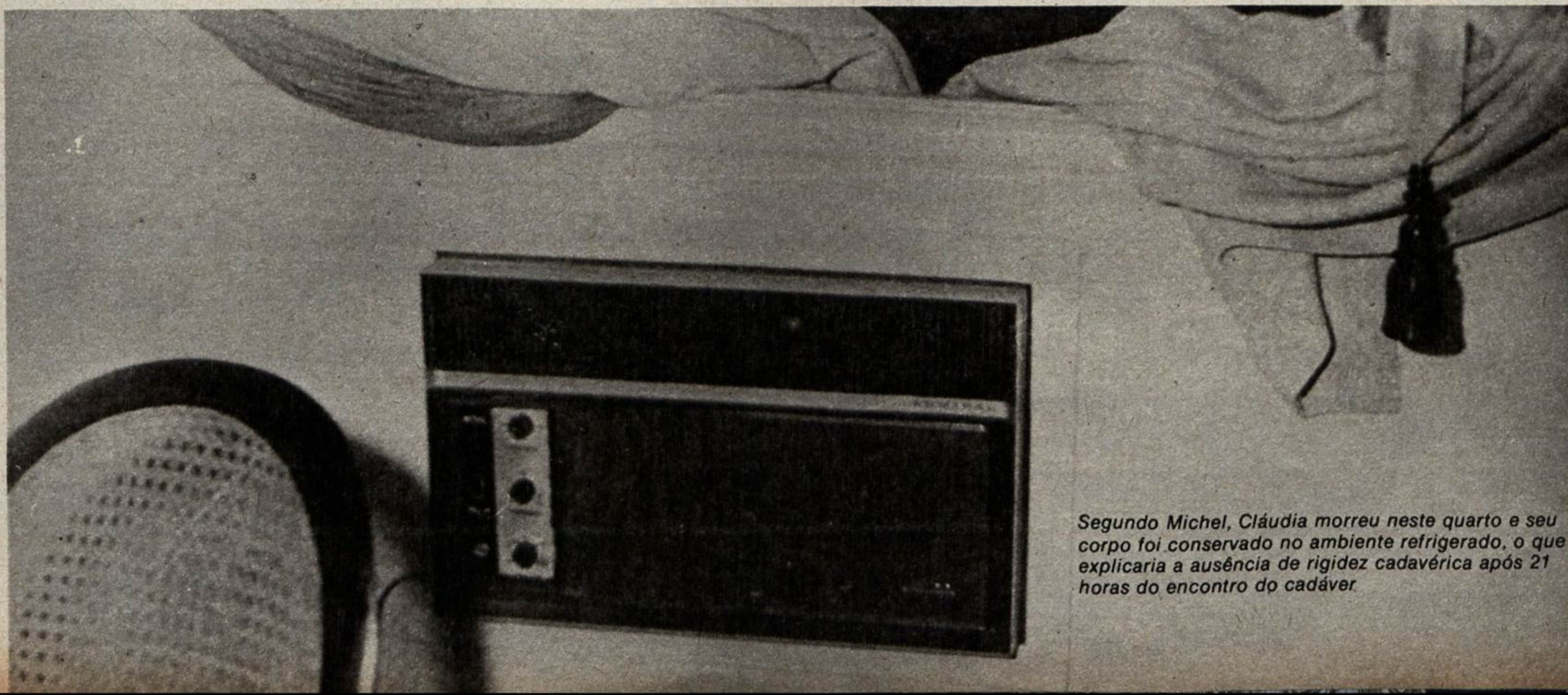
Texto: HÉLIO CUNHA VIEIRA
Fotos: AYRTON QUARESMA

Os fatos jorram em nossas páginas. Toda a vergonha do caso Cláudia, como um pregão que investe contra as instituições democráticas, na tentativa de demolir a sua imagem de grandezas, porque deixa em relevo a impressão de que os milhões de um criminoso podem transformar a verdade em mentira, na construção de impunidade estarrecedora.

A maior gravidade da denúncia polariza-se no fato de que as facilidades — o livre trânsito do crime, num desfile de mão única — enredam até autoridades policiais ou sugerem sua cumplicidade, isso para usar um eufemismo. Não será possível admitir que os crimes subseqüentes, ligados ao suborno ou ao tráfico de influências, prevaleçam contra a verdade perseguida, deixando um saldo de descrença no seio da opinião pública, desfigurando os postulados revolucionários e fornecendo, aos inimigos do sistema, um farto manancial contestatório.

RÉQUIEM POR UMA MOÇA ASSASSINADA

A punição dos assassinos, doa a quem doer, deve ser acompanhada da punição de autoridades responsáveis pela farsa. Ninguém acredita, nem mesmo o campeão da boa-fé, que o instrumento policial não tivesse tido condições de impedir a fuga de Michel Frank, quando esta foi proclamada pelo pai do monstro com 20 dias de antecedência; ninguém acredita que Índio, a testemunha do massacre de Cláudia, tenha substituído seu depoimento verdadeiro, de acusação, por outro de defesa, e depois sumido na direção do Piauí, sem receber os estímulos do dinheiro da gang; ninguém acredita que operação-tartaruga, de deixar o tempo rolar, sem pressa, para facilitar o jogo da defesa, não tenha experimentado a força do prestígio dos milhões; ninguém acredita que o repórter da Rádio Globo, Dimas Cordeiro, — o homem a quem a testemunha Índio contou toda a verdade — não tenha sido até agora convocado, para clarear o túnel do crime, sem o triunfo da corrupção sobre a normalidade do inquérito policial.

A sociedade ofendida pelo crime e pelas manobras protelatórias exige explicação das autoridades superiores: os responsáveis devem ser punidos. Chegou a hora da verdade. E isso significa, sobretudo, salvaguardas para as instituições democráticas e respaldo para a moralidade do sistema.

Segundo Michel, Cláudia morreu neste quarto e seu corpo foi conservado no ambiente refrigerado, o que explicaria a ausência de rigidez cadavérica após 21 horas do encontro do cadáver.

Cláudia

A aceitação do advogado Wilson Lopes dos Santos da tese recusada por Evaristo de Moraes Filho e George Tavares — de que Cláudia morrera por ingestão excessiva de cocaína — foi comemorada em uma cobertura no Leblon, presentes os sinistros personagens de uma trama arquitetada por Egon Frank para esconder um assassinato. A FESTA DE FIM DE CASO, como a chamaram os próprios personagens do encontro macabro, foi, na verdade, de réquiem por uma moça assassinada. O dinheiro de Egon Frank fez o resto: subornos e tentativas, que resultaram no afastamento do caso do detetive que apontara os criminosos e dera subsídios sobre os negócios obscuros de uma quadrilha de tóxicos, e nas protelações que deram tempo a que Michel fugisse para a impunidade na Suíça. Enquanto isso, a opinião pública ofendida ficava à espera de uma explicação das autoridades. Chegou a hora da verdade: é preciso que os responsáveis sejam punidos.

es físicas repetidas e violentas, e o sangue liquido, petequias
sub epicardicas e sub pleurais e congestos sanguinea traduzida no
cortes de figado e rins, configuram os achados de asfixia observ
dos ao exame e decorrentes das lesões produzidas de escoriação
pescoço; [a esfoladura da margem do anus e erosão da fúrcula vu
var, bem como o aspecto tubular do canal anal e dilatação anal,
guardam relação com atos sexuais;] as [escoriações do tipo aperga
nhado tem as caracteristicas de lesão post mortem e na projeção d
sulco do pescoço, não se observam lesões correspondente de infil
trações hemorragicas nostecidos moles subjacentes e sem caracte-
risticas vitais.] Em face do exposto, os peritos passam a respond
aos quesitos: ao primeiro; sim, ao segundo; contusão da cabeça c
hemorragia subdural e asfixia por estrangulamento com as mãos, a
terceiro; ação contundente e asfixia mecânica, ao quarto; foi pr
duzida por: a) asfixia mecânica e b) crueldade.- Nada mais haven
do a lavrar-se, é encerrado o presente auto, que depois de lido
achado conforme, é assinado pelos médicos legistas e rubricado p
lo Diretor.
1º) 2º)

O laudo de necropsia aponta a causa mortis por estrangulamento e emprego de violência com crueldade

Rua Prudente de Moraes 348 c. 01, Leblon. No apartamento de cobertura do advogado Caio Miranda — amiguinho de Denise, a jovem que pegara um táxi com Cláudia quando esta se dirigia ao encontro da morte — um grupo de personagens sinistros está reunido. Comidinhas e bebidinhas dão um ar de festa à reunião. Estão presentes Michel Frank, seu pai — Egon Frank — e George Khour, este cúmplice no crime de Michel. Também compareceram o Almirante Carvalho Rego e o Procurador do Estado, Vieira de Mello, que forneceram alibi a Michel afirmando, na Delegacia de Homicídios e na Justiça, que ele estava com eles no dia em que Cláudia Lessin Rodrigues foi assassinada. Faz um mês que mataram Cláudia. E a reunião tem um objetivo: comemorar a contratação do criminalista Wilson Lopes dos Santos — também presente — para defender a tese arquitetada por Egon Frank de que a moça morreu acidentalmente. A mesma tese fora recusada, dias antes, por Evaristo de Moraes Filho e George Tavares, em outra reunião de que haviam participado técnicos — o patologista Domingos De Paola entre eles — e figuras de influência na política do Estado.
A tese discutida e recusada por Evaristo e Tavares sugeria que Cláudia morrera em conseqüência de uma dose excessiva de cocaína. Evaristo, que, antes de participar da reunião, fora informado no Instituto Médico Legal que a moça fora assassinada por **esganadura** e outros ferimentos, traduziu sua recusa em uma frase:
— Não quero ser derrubado por um laudo.
A festa em que se comemorava a aceitação da tese por Wilson Lopes dos Santos foi chamada pelos que dela participaram de FESTA DE FIM DE CASO.

O fim de uma trama

A trama montada por Egon Frank funcionou até que o detetive Jamil Warwar localizou o pescador Jander Farias. Depois de muita insistência do policial, Jander acabou depondo. Afirmou que reconheceu Michel Frank, George Khour e Cláudia Lessin Rodrigues, pelas fotografias dos jornais, como sendo as mesmas pessoas que ele vira, um dia antes de o corpo de Cláudia ser encontrado, descendo a encosta do **Chapéu dos Pescadores.**
O pescador declarou que, mais tarde, vira apenas os dois homens voltando da encosta, sem a moça. Seu depoimento formou a convicção de Warwar de que Cláudia fora assassinada na encosta. Ela teria reagido a alguma proposta de Michel e George ou ameaçado denunciá-los por tráfico de tóxicos. Depois de morta, seu cadáver teria sido escondido em algum lugar seguro, segundo a versão de Warwar. À noite, depois de Michel ter conseguido gasolina para a Brasília, os dois homens voltaram ao local e estacionaram próximo ao barraco da firma Tecnosolo, quando foram vistos por **Índio.** A missão de George e Michel era livrarem-se do corpo, atirando-o ao mar com a bolsa **Favo,** de Cláudia, cheia de pedras, amarrada ao seu pescoço.

Um assunto proibido

Nos corredores da Delegacia de Homicídios, o caso Cláudia é assunto proibido. Mesmo assim, comentários revelam a evolução das investigações em meio a providências não suficientemente explicadas. Para o afastamento do detetive Jamil Warwar do caso, o delegado Helber Murtinho tem uma explicação: Jamil foi afastado porque concedeu uma entrevista a um jornal, revelando todo o relatório sobre a morte de Cláudia, e isso "irritou o delegado Mário César," diretor do Departamento Geral de Polícia Civil, que resolveu removê-lo das funções e transferi-lo para o Departamento de Polícia Especializada, enquanto aguardava remoção.
O relatório elaborado por Warwar, em cinco dias, apontava Michel Frank e George Khour como implicados na morte de Cláudia Lessin Rodrigues. Mas, nem o relatório nem o laudo de necropsia elaborado pelo Instituto Afrânio Peixoto (IML), afirmando que a jovem fora assassinada por estrangulamento e outros ferimentos, bastaram para o delegado pedir a prisão preventiva dos dois suspeitos.
Helber Murtinho afirma que tais documentos não lhe davam a convicção de que Michel e George haviam cometido o crime e o fato mais grave até então apurado era a ocultação do cadáver de Cláudia, o que, segundo o delegado, não justificava um pedido de prisão.
No entender de Murtinho, ele agiu certo, processualmente. Mas as pessoas que acompanhavam o processo, principalmente o pai de Cláudia, o comandante Hilton Calazans, vêem na atitude do delegado uma manobra escabrosa para que os acusados continuassem apenas como suspeitos por ocultação de cadáver (pena de um a três anos de prisão). E, enquanto a Delegacia de Homicídios continuava em busca de um culpado, os verdadeiros criminosos ganhavam tempo para montar alibis e Michel preparava sua fuga para a Suíça, o que ocorreu três dias antes da decretação de sua prisão preventiva.

Procura-se um "culpado"

Durante vários dias, depois de Jamil Warwar ter apontado os criminosos, o detetive Wanderley Silveira (delegado substituto de Murtinho) continuava fazendo diligências para encontrar um suspeito entre os operários de uma obra na Avenida Niemeyer, próximo ao local em que Cláudia foi encontrada morta.
O poderio financeiro de Egon encobria tudo e Michel chegou mesmo a ser tratado

com excessiva cortesia pelo delegado de Homicídios. Chegou mesmo a mandá-lo embora, afirmando que nada tinha encontrado contra ele.
Os comentários na Homicídios dizem que "o dinheiro correu solto na delegacia". As tentativas de suborno chegaram até o delegado Valdemar Gomes de Castro, diretor do Departamento de Polícia Especializada. Diz-se que Valdemar afirmou ter sido **cantado** para ganhar um apartamento de cobertura, caso fizesse vista grossa para certos detalhes relacionados com o assassínio de Cláudia. Ele estava investigando o caso, depois do afastamento de Jamil Warwar.

Delegado confessa falhas

Em seu gabinete de trabalho, Helber Murtinho confessou a O CRUZEIRO as falhas nas investigações que realizava sobre o caso Cláudia. Ele disse que só começou a acreditar que Michel e George eram culpados depois que leu a entrevista do patologista De Paolo a uma revista.
A convicção de Murtinho, segundo ele mesmo, só veio a se firmar depois que Michel retornou à Delegacia de Homicídios para modificar seu depoimento e declarou que Cláudia morrera em seu apartamento, depois de ter tomado uma dose excessiva de cocaína.
Murtinho afirmou que não tomara participação muito ativa nas investigações sobre a morte de Cláudia porque estava empenhado em esclarecer os crimes da Baixada Fluminense. Nessa época, Murtinho montara seu gabinete de trabalho na Delegacia de Nova Iguaçu, e acompanhava o trabalho policial, que avocara ao seu substituto, Wanderley Silveira, pela leitura dos jornais.

A falta de convicção

Wanderley Silveira, um jovem delegado de polícia (ex-comissário) procura endossar a afirmação de Helber Murtinho de que, na ocasião em que Michel foi depor pela primeira vez, ainda não havia qualquer convicção para que Michel fosse enquadrado no crime. Mesmo depois de ter sido apontado no relatório de Jamil como um dos suspeitos, Michel negou qualquer participação no caso. Em face de seu depoimento, a polícia ficou sem saber o que fazer.
Segundo Wanderley, todo o relatório de Jamil fora **checado** e durante as diligências chegaram a ser ouvidas mais de 40 pessoas e incluídos nos autos mais 15 laudos técnicos. Quando Michel foi depor pela segunda vez, após o patologista De Paolo afirmar que houvera crime na morte de Cláudia Lessin Rodrigues, a Delegacia de Homicídios já estava de posse do laudo de necropsia realizada no cadáver da moça. Quem revela é o delegado Wanderley Silveira.
Entre outras coisas, o laudo afirmava que Cláudia havia sido morta por "contusão na cabeça com hemorragia subdural e asfixia por estrangulamento com as mãos".
Mas, para Wanderley, o resultado da necropsia ainda não lhe dava convicção sobre a autoria do crime, porque não havia a confissão do suspeito e ainda faltavam informações complementares pedidas ao IML, entre elas a hora exata ou aproximada em que Cláudia morrera.
O delegado substituto disse ainda que era impossível deter qualquer dos implicados, porque as leis brasileiras não permitem **prisão cautelar** — o que, segundo Wanderley, torna as autoridades processantes impotentes, como no caso de Michel e George.

Corrupção, palavra incômoda

No meio da entrevista, o delegado Helber Murtinho disse que era mentira que ele havia mandado Michel embora porque nada tinha contra ele, como afirmaram alguns jornais. Ele disse que assim procedera porque Michel fora à delegacia em companhia do advogado Wilson Lopes dos Santos, e não adiantava fazer um interrogatório "mais severo" que pudesse forçar a confissão do crime.
Murtinho absorve a entrevista, enquanto o delegado substituto espera a vez de falar. A cada brecha, Helber Murtinho lamenta o **affair** entre o delegado Waldemar Gomes de Castro, diretor do Departamento de Polícia Especializada, e o juiz Alberto Mota Moraes. O juiz chamou o policial para saber porque não juntara aos autos o depoimento que tomara do mergulhador Artur Henrique dos Santos Lima, que fornecera subsídios que apontavam Michel como traficante de tóxicos.
Quando o repórter lembra a acusação do promotor José Carlos da Cruz Ribeiro de que os policiais que apuram a morte de Cláudia haviam sido subornados com mais de Cr$ 3 milhões, Murtinho fica vermelho, apanha um cigarro e começa a fumar nervosamente. E explode:
— Considero altamente ofensiva a afirmativa do promotor José Carlos da Cruz Ribeiro de que as autoridades que trabalharam no inquérito foram corrompidas pelo poderio financeiro da família Frank. Na minha delegacia, nunca houve tráfico de influência e, muito menos, de dinheiro. A bem da verdade, uma bofetada desferida no bairro de Copacabana repercute muito mais do que um crime de morte no subúrbio.
E encerra a entrevista.

O delegado Helber Murtinho, que não admite ter sido subornado, conforme a afirmativa do promotor JoséCarlos Cruz Ribeiro

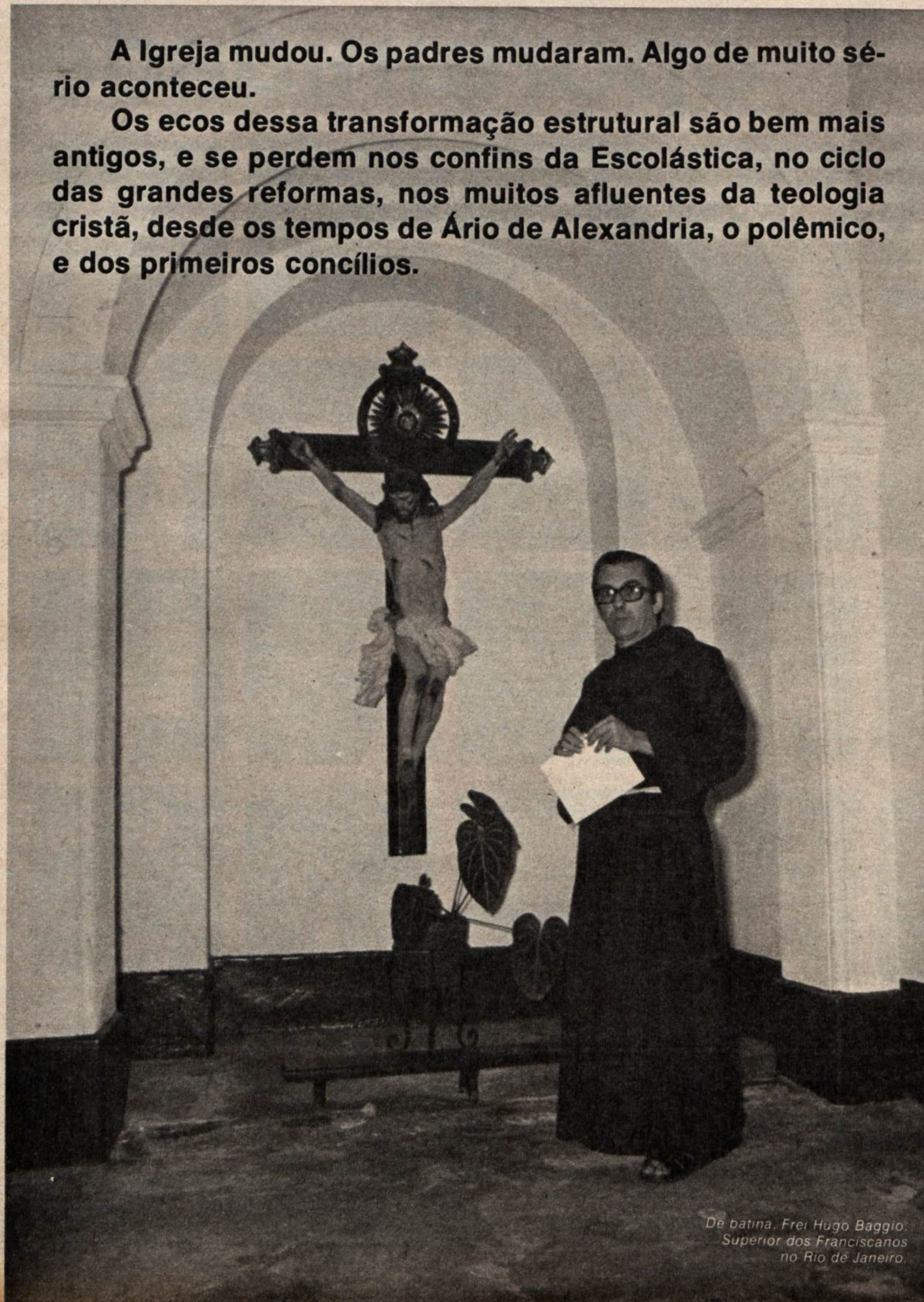
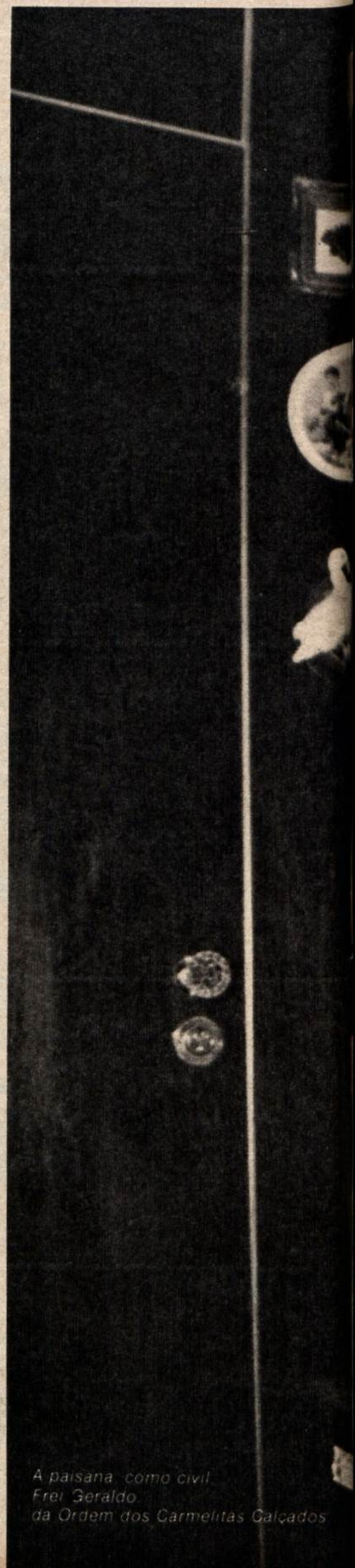
Os peritos assinalaram que Cláudia sofreu violência sexual

INSPEÇÃO externa: O cadáver é o de uma mulher de cor branca que mede 170 centímetros de estatura, de desenvolvimento físico normal, em bom estado de conservação, aparentando de 28 a 30 anos / de idade, apresenta-se em semi flacidez muscular generalizada; o couro cabeludo dá implantação a cabelos castanhos lisos curtos e não apresenta lesões; [a face tem escoriações na região frontal, e mostra intensa e extensa tumefação e equimoses violaceas nas / regiões masseterina esquerda, malares, bucinadoras e labial;] dentes em bom estado de conservação; globos oculares com cornias / transparentes, iris castanho esverdeadas; [o pescoço revela escoriações pardo avermelhada irregulares, em maior número na metade esquerda e sulco obliquo descendente da esquerda para a direita quase completo que se prolonga para trás em direção a região dorsal direita;] [no exame do torax, encontra-se escoriações pardo / avermelhada e equimoses violaceas nas regiões external e peitorais e sulso alongado do hipocondrio esquerdo e que passa acima da mama direita;] abdomem íntegros; [os membros superiores e inferiores não tem movimentos anormais e apresenta escoriação do tipo / apergaminhado irregulares, nas regiões deltoideanas, braço direito, cotovelos, antebraços região ilíaca direita, coxas, joelhos, tornozelo direito;] [o exame da genitalia externa apresenta himem do tipo anular, de ostio amplo é orla estreita, com cicatriz que ao nível das 3 e 7 horas, e pequena erosão avermelhada da mucosa ao nível da furcula;] [o anus mostra-se dilatado, do tipo tubular prolongado para o canal anal e cóm erosão epidermica tipo esfoladura na parte anterior na altura de transição da pele para a mucosa;] não foram observados conteudos liquidos nestas cavidades; [o dorso do cadáver apresenta escoriações irregulares nas regiões / supra escapular, escapular e dorsal direita do tipo apergaminhado.] INSPEÇÃO INTERNA CAVIDADE CRANIANA:- [A face profunda do couro cabeludo revela áreas de infiltração hemorragica; os musculos temporais estão parcialmente infiltrados por sangue;] abobada craniana está íntegra; o espaço sub dural contém sangue; ventriculos/ encefalicos contém liquido claro; protuberancia, bulbo, cerebelo sem lesões; a base do cranio está íntegra. CAVIDADE TORACO ABDOMINAL E PESCOÇO:- da abertura da cavidade peritoneal não sai líquido. [observa-se infiltração hemorragica ao nivel do temporal /

MOVIMENTO ANTICRISTO

Padres

A Igreja mudou. Os padres mudaram. Algo de muito sério aconteceu.

Os ecos dessa transformação estrutural são bem mais antigos, e se perdem nos confins da Escolástica, no ciclo das grandes reformas, nos muitos afluentes da teologia cristã, desde os tempos de Ário de Alexandria, o polêmico, e dos primeiros concílios.

De batina, Frei Hugo Baggio. Superior dos Franciscanos no Rio de Janeiro.

À paisana, como civil, Frei Geraldo da Ordem dos Carmelitas Calçados

à paisana sem identificação sem mensagem

Texto: **EDSON TORRES**
Fotos: **AYRTON QUARESMA**

Mas foi o Concílio Vaticano II — 1959 a 1965 — que realmente pragmatizou a ação temporal da Igreja, avocando a si o saldo social das encíclicas e gerando acréscimos sociológicos, e até mesmo penetrando fundo no campo da economia e sistemas políticos. Em suma, nesse tão amplo universo de inovações, as aberturas conciliares do Vaticano II, introduzidas pelas autoridades eclesiásticas na Igreja, levam a perplexidade aos católicos do mundo inteiro e, em especial, aos do Brasil — a maior nação católica de todos os continentes.

O Cruzeiro levanta a cortina

A minoria tradicionalista e conservadora da Igreja, no Brasil como no mundo, condena um tipo específico de inovação: o que desfigura a imagem da Igreja, representando um traumatismo contra a fé e contra os Evangelhos. Em respeito aos católicos brasileiros, **O Cruzeiro** levanta a cortina do Vaticano II — pesquisa a opinião pública, consulta autoridades eclesiásticas e estanca, afinal, nas conclusões defendidas pelas ditas "minorias tradicionalistas". Sob esse ritmo indagativo — e com o objetivo maior de estabelecer um plenário sobre tão palpitante tema da atualidade mundial e brasileira — passamos a análise fria das decisões conciliares.

Atentamos, sem dúvida, para o fato de que o próprio criador da Igreja, Jesus de Nazaré, foi o primeiro a dar o exemplo — de que não há, entre os humanos, quem se possa julgar infalível — quando foi buscar seus discípulos entre os pescadores de Genazaré, nas andanças de Betsaida e Cafarnaum, gente simples de virtudes e fraquezas, e, por isso mesmo, faltosos até nos momentos mais dramáticos vividos por Cristo na terra.

Observe-se que cada apóstolo deu provas de vacilação na fé, expondo faltas graves que envolvem e embrutecem a sociedade de todos os tempos. Pedro — **tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja** — encarnou o medo, a covardia, e por isso negou a Cristo três vezes. Judas representou a traição, a negação da fé, e acabou sem as 30 moedas enforcado numa figueira. Tomé foi a descrença: tinha que pegar para acreditar. Saulo, depois Paulo de Tarso, figurava a violência e a perseguição, antes da famosa aparição do próprio Cristo com estas palavras: **Paulo, por que me persegues?**

Esses fatos evangélicos conduzem à afirmação de que ninguém é invulnerável, ninguém é infalível. Se o próprio Cristo teve de servir-se de discípulos carentes, com marcas de impureza, é natural que os homens, mesmo os de maior hierarquia, não sejam tão perfeitos e tão invulneráveis. A chamada infalibilidade é, portanto, discutível.

Descaracterização

A verdade é que a Igreja se moderniza, mas se descaracteriza, tal é o somatório de inovações conciliares. Novos costumes arredam de seu lugar velhas e consagradas tradições. O povo, hoje, não tem mais como identificar um padre na rua. Ele não porta nada que o identifique como sacerdote, como autoridade eclesiástica. É um homem qualquer de uma profissão qualquer. Demite-se de sua condição sacerdotal colocando-se em igualdade com qualquer pecador. Como não se cerca da reverência do hábito, da boa compostura da batina, pode tornar-se, eventualmente, sensível ao crime dos homens comuns e ao pecado da rua.

Há padres que giram por aí até de camisetas, montados em **motos** estridentes, dentro de trajes berrantes, em pleno pique da **onda.** E aí se configura, realmente, o desprezo pela Igreja de Cristo, já que a deformação em voga conduz a outras mais graves, que se apartam da postura do Mestre com seu cajado divino: a sua autoridade também simbolizada por um bastão.

Que a batina seja superada, opondo-se como substituição o **clergyman** — terno com colarinho duro e redondo e a cruz na lapela — seria aceitável, argumentando-se com a tese de melhor funcionalidade. Mas o sacerdote sem qualquer identificação, sem transmitir dignidade e autoridade clerical, é, sem dúvida, alternativa de desrespeito e de deboche. O hábito clerical — ao contrário dos que o repelem — é instrumento de comunicação.

O hábito clerical sempre foi e

Dom Marcos Barbosa, monge beneditino (à esquerda) e Padre José Dias, da CNBB. A dignidade da Igreja presente na identificação que, contrariando o pensamento de uma corrente dita progressista, aproxima o sacerdote do povo e não o afasta. Como o hábito sempre foi uma defesa da virtude sacerdotal, há os que permanecem fiéis às consagradas tradições da Igreja Católica.

será uma defesa da virtude sacerdotal. Para Dom Affre, exarcebispo de Paris — "uma defesa mais segura do sacerdócio, em particular para preservá-lo de uma multidão de desgraças e de perigos". E para Dom Depéry, bispo de Gap — "um severo monitor que lhe recorda sem cessar o respeito que deve a si mesmo, um freio salutar que retém, nos limites da gravidade e da decência sacerdotais. Este nobre hábito obriga o sacerdote a uma constante reserva e representa uma defesa para a sua virtude".

O padre deve ser identificado

O monge beneditino, escritor e poeta Dom Marcos Barbosa, ao responder a **O Cruzeiro,** foi taxativo:

— Costuma-se dizer que o hábito não faz o monge, mas é preciso entendermos bem esta frase que afirma a **necessidade** do hábito. O que se pretende dizer é que ele sozinho não basta; mas exige uma vida de acordo com a significação da renúncia ao mundo e entrega a Deus. Tanto que os monges outrora se tornavam monges não tanto por um voto expresso e público como hoje, mas ao receberem de outro as vestes monásticas. Se todo cristão promete no batismo renúncia ao demônio e adesão a Cristo, o monge se compromete a fazê-lo de um modo mais completo, renunciando à propriedade, à família e à vontade própria, sendo as vestes que recebia o sinal desse propósito. Até hoje os religiosos recebem geralmente um hábito que caracteriza a ordem ou congregação a que pertencem, e têm sido exortados pelo Santo Padre a conservá-los habitualmente, o que, aliás, é sugerido pela própria palavra **hábito.**

— Quanto aos sacerdotes que não são religiosos — prossegue D. Marcos em sua narrativa — a batina já não tem para eles a mesma importância, pois nem sempre tiveram vestes próprias, como acontecia nos últimos séculos, sobretudo entre nós. Contudo, creio que seria de grande vantagem que, ao deixarem o uso da batina, **adotassem vestes e sinais que os caracterizassem à primeira vista,** não só para constituirem um sinal visível da presença de Cristo entre os homens, como para serem facilmente reconhecidos por aqueles que não o conheçam e estejam à procura de um padre, seja para uma confidência ou pedido de conselho, seja para atender a um agonizante.

— Sei de um caso — conclui D. Marcos — que um conhecido meu procurou em vão um sacerdote numa ocasião destas, e soube depois que passara ao lado de um sem saber que se tratava de um padre. Numa época de comunicação, quando os médicos e até operários em serviço usam uniformes, por que não os teriam os padres? E por que não usariam sempre, pois·

No meio do povo, o padre de batina é logo identificado, reverenciado e respeitado como autoridade eclesiástica. E o que dizer dos que usam calça e camisa esporte (embaixo), instalados num confortável escritório, sem a reverência do hábito, como um homem qualquer, de uma profissão qualquer, descaracterizando a sua condição de sacerdote? O católico hoje não sabe mais como identificar um padre.

não trabalham, apenas 24 horas, mas são, como Jesus Cristo, sacerdotes **in aeternum?**

A batina é uma profissão de fé

O homem da rua, face as muitas modificações que se têm verificado depois do Concílio Vaticano II, nos ritos e costumes da Igreja, afirma, estarrecido: — A religião está mudando!

Entre estas modificações, e não das menos salientes, está a abolição da batina, sempre considerada como sinal indicador do sacerdoote, distinção que praticamente desapareceu. É raro ver-se um padre de batina; e quando aparece um desconfia-se de que seja cismático, pois os ortodoxos orientais, estes não abandonam a veste sacerdotal.

Sem querer com suas palavras censurar à maneira diversa de proceder de seus colegas e padres, o Bispo de Campos, D. Antônio de Castro Mayer, que completou 50 anos de sacerdócio em outubro último, ouvido pelo **O Cruzeiro** em sua residência naquela cidade, prestou um valioso depoimento, como testemunha de uma tradição de meio século:

— A Santa Sé permite o uso do **clergyman,** mas não o impõe. Deixa ao critério do bispo local determinar qual a veste sacerdotal mais oportuna para a edificação dos fiéis. É em virtude desta disposição que, na Diocese de Campos, mantemos o dispositivo da Pastoral Coletiva que estabelece a batina como a veste própria do sacerdote. — Julgamos — prossegue D. Mayer — que a batina é uma profissão de fé pública na existência de Deus e na sua soberania sobre todos os homens, que justifica plenamente uma vida consagrada ao seu serviço. A eliminação da batina é, pois, um dos elementos que contribuem para a laicização da sociedade. Especialmente, quando ela não é substituída pelo **clergyman,** mas simplesmente abandonada. Pois, o padre em civil é uma afirmação tácita de que o sacerdócio é uma profissão como outra qualquer.

A influência do sacerdote identificado

— Uma confirmação do que afirmamos — conclui D. Mayer sua narrativa a **O Cruzeiro** — pode ver-se na atitude de países sob regime comunista. Durante o Concílio, um sacerdote húngaro declarou que, no seu país, era proibido aos padres sair à rua com qualquer distintivo que os individuasse como sacerdotes. Não somente a **batina,** como também o **clergyman** era proibido e qualquer insígnia que caracterizasse a pessoa como sacerdote. Até mesmo um emissário do Vaticano, que visitou a Hungria, teve que sujeitar-se a estas exigências. Percebem, os regimes comunistas, a benéfica influência que tem sobre o povo o padre identificado pelo seu traje. Como avaliam a alta dose de laicização injetada na sociedade pelos padres que aparecem com a veste comum a qualquer indivíduo. Por tudo isso, desejamos, ardentemente, que volte o costume de todos os padres se apresentarem de batina.

A descaracterização começa cedo. No alto, de frente, o Padre Edson Homem, o mais novo sacerdote ordenado no Rio de Janeiro. Em baixo, seminaristas menores, futuros padres. Assim, eles estão mais perto e sensíveis aos crimes dos homens comuns e ao pecado da rua. Por isso, os seminários estão vazios, numa prova de que a juventude repele a deformação da imagem do padre.

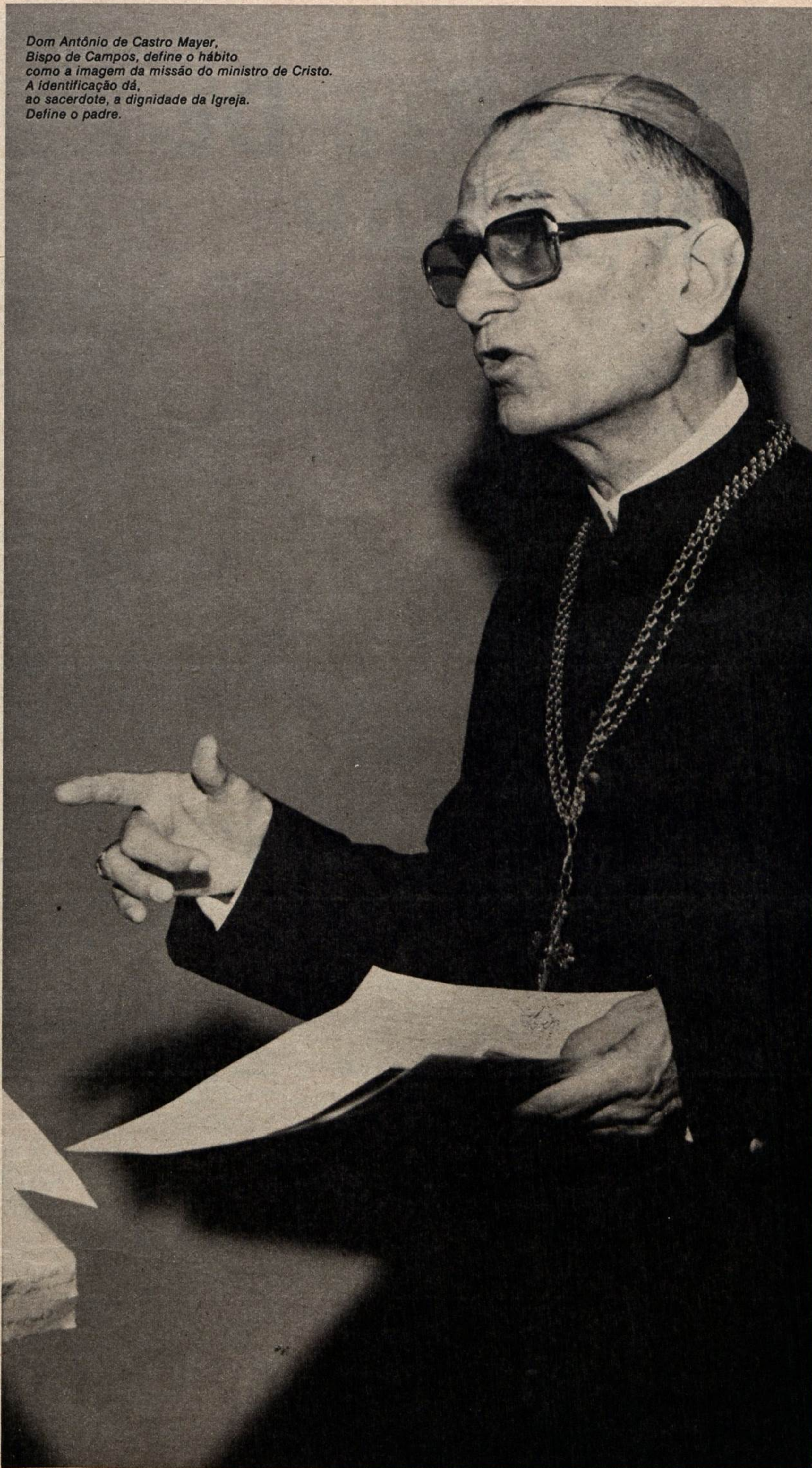
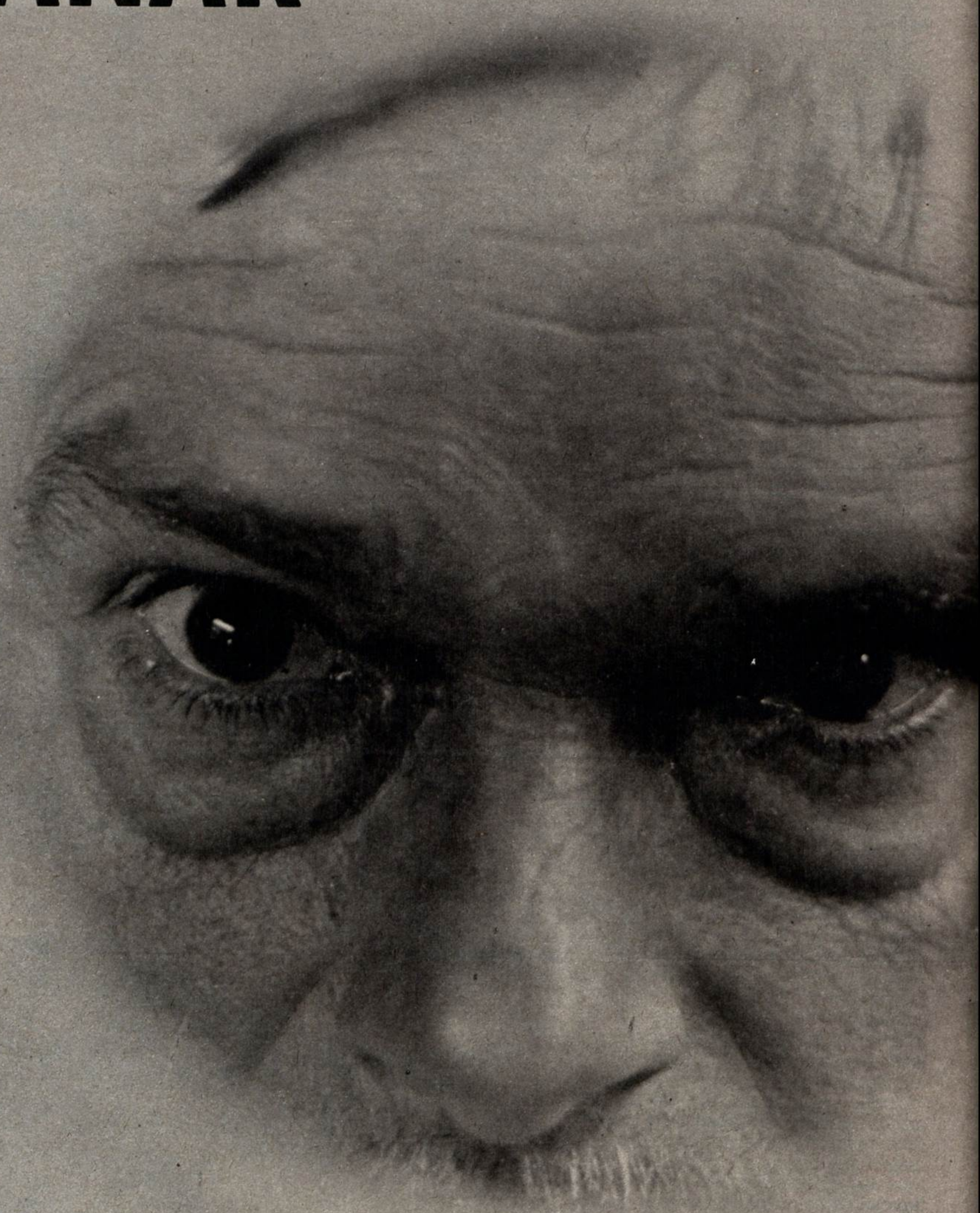
Aproximar sim, afastar não

— Tanto o padre como o religioso deveriam dar testemunho de sua posição e sua missão — diz Frei Hugo Baggio, superior dos Franciscanos no Rio de Janeiro.

Na realidade, o Vaticano II — 12 anos depois — continua demolindo, no seio da Igreja, suas estruturas institucionais. Essa abertura conciliar cassa a própria dignidade episcopal, afastando o povo da Igreja, a começar pelo fato-chave denunciado nesta reportagem: o padre paisano, desbatinado, um homem qualquer, sem o timbre visual de sua presença-mensagem. Nenhum católico conscientizado acreditará numa igreja de calça e paletó ou de camisa esporte, girando em motocas por aí — imagem tão grosseira e anti-religiosa quanto a de ver, em Copacabana, uma freira de biquini.

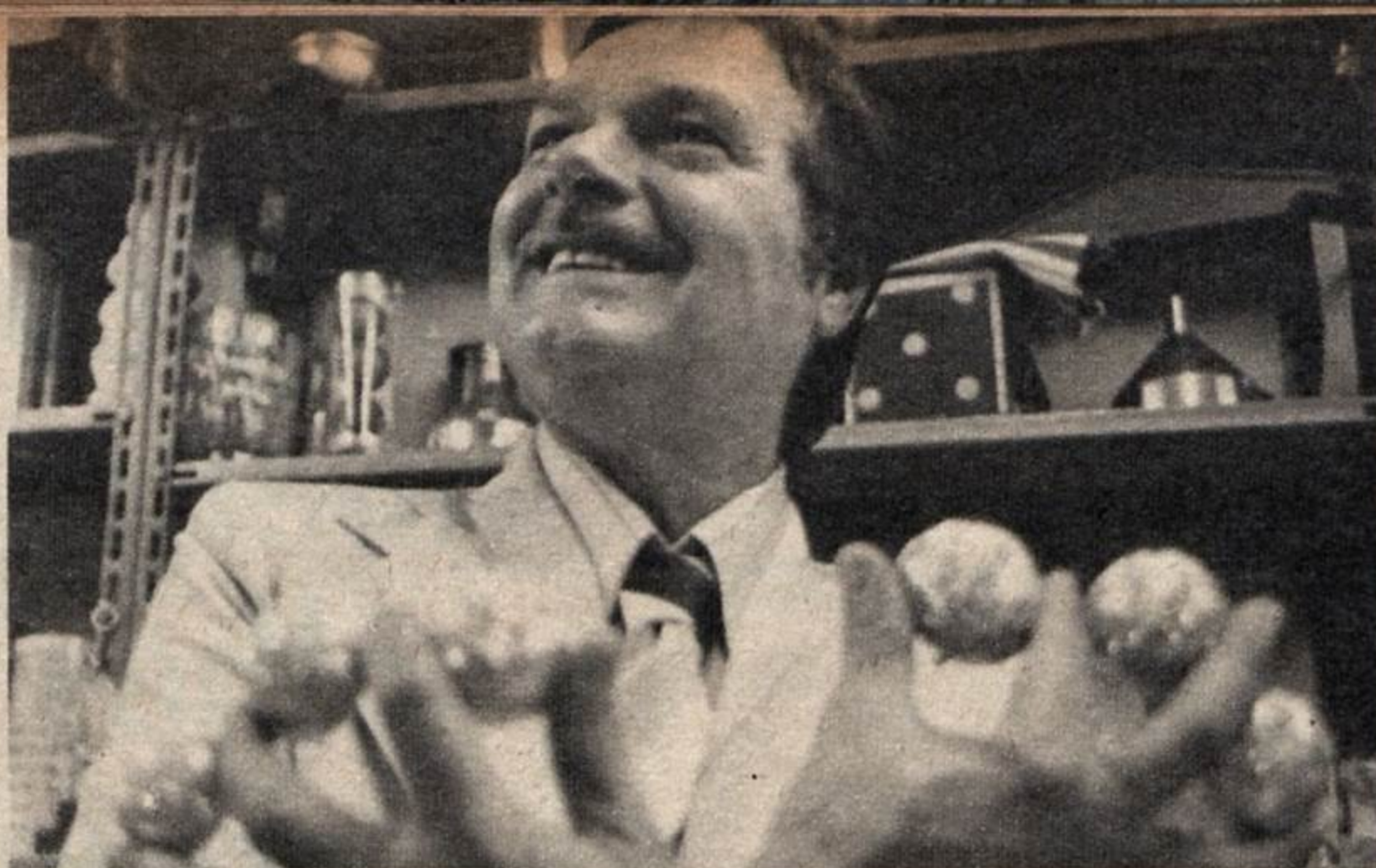
Ao se posicionar contra o padre sem identificação e a favor da dignidade episcopal, **O Cruzeiro** nada mais realiza senão o acolhimento de vozes altamente representativas da Igreja, aqui transcritas. Não partimos para radicalizar posições, nem nos anima nenhum sentido de polêmica em área de tamanha sensibilidade e que envolve franquias do Concílio Vaticano II. Aceitamos, sim, o modesto papel de recadista da grande maioria do povo brasileiro, que é católica, porque somos o maior país católico do mundo. O padre **play-boy,** psicodélico, moderninho, que despiu a batina e a substituiu pelo bluejeans e camisa esporte, girando até em motocas, não reflete a missão crística de que é possuído. Muito pelo contrário: concorre para demolir a imagem da Igreja de Pedro, desacreditando-a junto às multidões católicas. Esse deboche contra as tradições leva ao ridículo os sacerdotes, concorrendo para misturá-los aos pecados da rua, já que lhe retira a identificação de servidor do Divino Mestre. A continuar assim, as igrejas ficarão vazias, porque o padre não será mais o padre. E sim um cidadão qualquer, um pecador qualquer, sem que sua presença seja uma mensagem de fé e de respeito. Trazemos ao debate essa denúncia do padre que não é padre porque não se apresenta como padre, com a idéia de convocar para o debate todos os brasileiros cristãos.

A Igreja é eterna, na sua compostura milenar, cujas principais pilastras aceitam retoques que não devem comprometer a sua grande mensagem. A do próprio Cristo, fundador da Igreja. E ninguém pode se afastar dessa verdade também eterna.

Dom Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos, define o hábito como a imagem da missão do ministro de Cristo. A identificação dá, ao sacerdote, a dignidade da Igreja. Define o padre.

NA ARTE DE ENGANAR

Mágico tem medo dos olhos da criança

Quem mais olha menos vê. E os mágicos sabem disso, na hora de tirar um coelho da cartola ou uma pombinha da manga do paletó. Robertini, um sabetudo na arte de enganar, especializou-se em passar aos curiosos ou interessados em truques tudo o que aprendeu nos 41 anos de profissão. Para isso, ele fundou a primeira escolinha de mágicos no Rio e, talvez, a única do país, segundo ele acredita. Realizado e feliz com a carreira que escolheu para ganhar a vida, Robertini acha que fazer mágica é um brinquedo, mas pode ser também uma terapia importante. Apesar de sua experiência, ele adverte sempre a quem quer aprender a arte de enganar: cuidado com os olhos da criança.

Reportagem Keystone

A mágica é a arte de fazer o que não se diz; dizer o que não se faz; não fazer o que se diz, para não dizer o que se faz. A definição é de um dos maiores mágicos do mundo, o francês Dhotel. Mas para o cidadão Acácio de Melo Santos — ou melhor, o Professor Robertini — o ilusionismo é "acima de tudo uma gozação, uma brincadeira para adultos e crianças" embora tambem "uma preciosa forma de comunicação entre as pessoas".
Robertini sabe o que diz. Potuguês de nascimento, há 27 anos no Brasil, ele é mágico há 41 anos e mantém no Rio aquela que talvez seja a única escola de mágica existente no País. Lá, garante ele, já se formaram na arte dos truques crianças, universitários, professores e até juízes de Direito. E Robertini, um homem bem humorado e contente com a carreira que escolheu, garante:
— Há momentos em que a mágica funciona como uma verdadeira terapia para as pessoas.
— Ladies e gentlemen, a aula vai começar.
O tom de Robertini é de leve gozação. Os alunos, reunidos na pequena sala do velho sobrado da Rua Miguel Couto, no Centro do Rio, prestam a máxima atenção no novo truque que o mestre vai ensinar. Eles dispõem, naquele mundo mais onírico do que real, de nada menos do que 2.500 objetos fora do comum, que permitem surpresas de todo tipo para a platéia. Enquanto fala, Robertini manuseia, com invulgar habilidade, cordas, dados, bolas, lâminas, lenços, latas e baralhos — o instrumental do universo mágico. Os alunos o acompanham de olhos arregalados, enquanto certamente pensam: "um dia eu chego lá". Mas só aqueles que participam das sessões especiais e adquirem os objetos usados nas aulas chegam a dominar razoavelmente a difícil arte de enganar os outros.
O objeto de truque mais barato custa apenas um cruzeiro; o mais caro chega a 800 cruzeiros (uma bengala que muda de cor). Um dos mais interessantes artefatos da loja atulhada, de três metros de largura e quatro de comprimento — é uma caixa de cristal de onde saem dois coelhos. Ela custa 600 cruzeiros. Robertini reconhece que essas peças mais caras vendem pouco. Cerca de 90 por cento do material do catálogo, à disposição dos aunos e de outros mágicos,

De repente os dedos se multiplicam e as bolas também

Tudo pode acontecer na prateleira dos segredos

Robertini em desafio à lei da gravidade

profissionais e amadores, são produtos artesanais, fabricados por Robertini e alguns poucos amigos, velhos mágicos aposentados.
Os clientes mais fiéis vêm da Bahia, de Pernambuco e do Paraná. Do Estado do Rio de Janeiro, os alunos mais assíduos são os campistas, que Robertini considera "excelentes mágicos".
Robertini diz que, curiosamente, os próprios mágicos são as pessoas mais fáceis de serem enganadas com truques. Segundo ele, os mais crédulos são os homens, seguidos pela mulheres e, por último, pelas crianças. São elas, os olhinhos sempre atentos, que os mágicos mais temem.
— Não é fácil trabalhar para platéias infantis — confessa o mestre. — As crianças têm o dom de desmoralizar qualquer grande mágico. Muitas vezes elas descobrem, no meio da exibição, o segredo do truque. Mas eu as enfrento sem medo.

A importância do nome

Robertni explica que os mágicos precisam ter nomes estranhos, de impacto, para impressionar a assistência.
— Ninguém acredita num mágico chamado Acácio. Como não se acreditaria num Antônio, Francisco ou Manuel. Mágico tem que ter nome forte, charmoso. O nome também é uma forma de encantar as pessoas.
No jargão dos mágicos, quando as coisas correm bem, diz-se que há "uma aragem de sorte". Quando as mágicas começam a dar erradas e os clientes estão escassos, diz-se que são momentos de "nuvens negras". Robertini afirma que já passou por muitas fases más.
— Não fossem os pequenos shows, os aniversários de crianças e as festas de clubes, o mágico brasileiro estava frito. Eu, por exemplo, faço de 12 a 15 pequenos shows por mês. São baratinhos, 600 cruzeiros por 40 minutos de atrações. Houve época em que as nuvens estavam negríssimas e só clarearam depois que fui entrevistado por J. Silvestre na TV e apareci no **Fantástico.** A divulgação proporcionada pela televisão foi responsável pelo bom ano que tive em 1977. Nessa "aragem de sorte", choveram convites para apresentações na Vieira Souto, Barra da Tijuca, no Grajaú. Para atender à nova clientela, Robertini diz que preparou um substituto à altura, o Professor Nakaren.
— É um grande mágico, que se formou na minha escola e está comigo há nove anos — diz o mestre com orgulho.

Forma de comunicação

Robertini destaca a importância da mágica como forma de comunicação. Muitos de seus alunos são meninos e meninas de 6 a 14 anos. Os pais que os acompanham sempre acabam se interessando pelas aulas. E adquirem objetos para eles mesmos praticarem alguns truques.
Robertini recorda com carinho um colega morto: o padre Gil.
— Era um mágico refinado, que usava os truques e o ilusionismo como uma forma de catequese.
Ele explica que as exibições de padre Gil não eram meros shows, mas a melhor maneira que tinha de passar ensinamentos religiosos para as crianças.
— Manipulando três bolinhas de espuma de náilon, padre Gil explicava às crianças que ali estavam o Pai, o filho e o Espírito Santo, as três pessoas da Santíssima Trindade feitas uma só que é Deus. Assim, ele brincava, divertia e ensinava. Suas mágicas, que eram variadas e utilizavam numerosos objetos, tinham a virtude de ser verdadeiras aulas de catecismo.
O Professor Robertini gosta de contar as aventuras por que passou em vários países: Espanha, França, Inglaterra, África do Sul, Angola, Moçambique e Portugal. Ele já se apresentou em todos os Estados brasileiros e assistiu na Bahia a uma quase tragédia:
— Um aprendiz de mágico por pouco não serrou de verdade a própria mulher.
Ele diz que acidentes na profissão só são comuns com "amadores afoitos". Afirma que seus bons alunos jamais o decepcionaram.
— Tenho feito conferências e exibições para universitários, professores, juízes de Direito. Aliás, os juízes costumam ser pessoa muito interessadas em truques.
Robertini, sem citar nomes, diz que teve gente importante entre seus alunos. Mas a todos deu **sempre um conselho: "Só** repitam os truques que aprenderam de verdade".
Na pequena escola, mais uma aula chega ao fim. Acotovelados na sala estão estudantes cariocas, um casal mineiro, dois rapazes de São Paulo, uma moça da Bahia. Depois de descerrar a mecânica de mais um segredo, o mestre conta uma história que provoca risos:
— Vocês sabiam que é comum vir gente aqui comprar um aparelho para serrar a sogra? Só que exigem um que serre de verdade.

No novo cenário da Cinelândia, surgirá um Municipal renovado.

Turandot, Tosca e Otelo

MUNICIP

Ameaçado de desabar, com a saúde e aparência seriamente comprometidas, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi fechado em 1975. Agora, após três anos, será devolvido ao público, em 15 de março, depois de uma reforma total em que foram gastos 100 milhões de cruzeiros e empregados 300 operários.

Os saudosistas não têm motivos para preocupação: um dos objetivos da reforma foi devolver ao teatro as características que possuía, quando foi inaugurado em 1909. Para isso, foram utilizadas plantas e desenhos da época, feitas por artistas brasileiros. Mas uma coisa é certa: não mais haverá bailes de carnaval no Municipal, responsáveis, segundo os técnicos, por grande parte das avarias. Dignidade recuperada, o velho teatro exibirá, não o colorido das lantejoulas de fantasias carnavalescas, mas, sim, o brilho do ouro de 24 quilates que reveste detalhes da ornamentação e o reflexo dos lustres de cristal da Boêmia.

As obras no interior do Municipal estão em fase de acabamento. A restauração do pano de boca, pintado por Eliseu Visconti, já foi concluida. A abóboda do *foyer* principal — estava rachada em todo o comprimento — também pintada por Visconti, os painéis que ornam as duas rotundas laterais do *foyer*, pintados por Rodolfo Amoedo e Henrique Bernadelli, também estão restauradas.

Texto: **Altenir Rodrigues**
Fotos: **Fernando Seixas**

No bailado das alturas, o trabalho dos operários.

abrem o novo

PAL

MUNICIPAL

— Nesse trabalho de restauração — diz o diretor do Municipal, Geraldo Mateus Torloni — foram utilizados fotos e livros da época da construção do Teatro.

Baseados neles, pode-se reconstituir as características originais das obras de arte. Para que não houvesse a mínima diferença, cuidou-se para que a consistência e a tonalidade de cada tinta, metal, madeira e tecido fossem as utilizadas originalmente pelos grandes mestres Rodolfo Amoedo, Henrique Bernadelli, Eliseu Visconti e Rodolfo Bernadelli.

Para recuperar os mármores de Carrara, os especialistas descobriram uma técnica nova: preparam uma liga com o pó da própria pedra, obtendo uma massa com a mesma tonalidade do mármore a ser reparado. Por trás da abóboda do **foyer** principal — rachada devido à infiltração de chuvas — foi colocada uma laje de concreto, que impediu o desabamento. As sancas de ouro foram reconstituídas com metal de 24 quilates e os veludos, cortinas, tapetes e forros das poltronas foram remendados de maneira que as costuras ficaram imperceptíveis. Todo o material inflamável — esculturas, pinturas, tecidos, madeiras, couros e plásticos — foi revestido por uma substância que o tornou imune a incêndio. Os acessórios e equipamentos novos foram confeccionados com material não combustível.

— O teatro, desde 1934 quando sofreu a primeira reforma — diz Torloni —, é equipado com um sistema de **sprinklers** (chuveiros) contra incêndios, de acionamento fácil e que dispõe de uma caixa dágua sempre cheia. O teatro possui ainda uma cortina de ferro que isola o palco da platéia, em caso de fogo. Esse sistema é o mais utilizado atualmente e foi recentemente revisado pela firma inglesa que o instalou.

Nenhuma característica arquitetônica do Teatro Municipal foi alterada. O imóvel, por ser tombado pelo Patrimônio Histórico, permanece com acervo artístico intacto. Mas na parte técnica contará com um moderníssimo sistema de iluminação cênica, de controle e memória eletrônicos.
— Os cuidados com os equipamentos eletrônicos — diz Torloni — visaram à obtenção de maiores recursos técnicos e à eliminação do

Verdadeira malha de ferros envolve o Municipal para o retoque.

A reforma das luminárias obedece às características de estilo.

O diretor do teatro explica que não está havendo ampliação das áreas internas da casa. O que ocorreu, diz ele, é o reaproveitamento de espaços, que com o tempo foram sendo destinados a escritórios, depósitos, guarda-roupa. Agora esse espaço servirá somente às finalidades artísticas do teatro e todo o setor burocrático será transferido para a Central de Produções de Inhaúma.

Bailes de carnaval, formaturas, apresentação de conjuntos populares, nunca mais. O Teatro Municipal, quando reaberto, só mostrará ao público, em seu palco, espetáculos líricos ou sinfônicos, balé ou grandes montagens teatrais.

— O mais importante — diz Geraldo Mateus Torloni — é que a reforma permitirá uma atividade cultural contínua, dinâmica e menos onerosa, o que não acontecia. O teatro será reaberto para a exibição de grandes artistas. O público voltará a ter contato com nosso patrimônio artístico e cultural. Para ele, o Baile de Gala do carnaval não terá mais vez e para isso está preparando resoluções internas. Pedirá ao Governador do Estado e ao Presidente da República para que proíbam a realização lá de qualquer baile.

— Não se justifica termos feito uma obra desse vulto, ao custo de 100 milhões de cruzeiros, para ver novamente o Municipal depredado, por realizar atividade imprópria à sua destinação. Se alguém decidir o contrário, deverá assumir as responsabilidades pelos crimes que serão, como foram no passado, praticados contra o patrimônio e a atividade artística do teatro. A preocupação do diretor do Municipal se justifica ainda mais quando se sabe que a restauração do teatro não foi feita exclusivamente de fora para dentro. Sua visão principal é voltada para o público, que estava privado de uma grande casa de espetáculos no Rio.

Além de ganhar uma casa nova, luxuosa, o freqüentador do Municipal terá muitas outras vantagens. Uma delas: durante os intervalos, poderá fazer o lanche sem sair do lugar — carrinhos móveis, tipo usado nos aviões, substituirão os bares do balcão simples e nobre. Os bares das galerias serão mantidos. Os que desejarem jantar encontrarão um novo restaurante no Salão Assírio, com funcionamento independente do teatro.

Maquilagem total, ressaltando a beleza da antiga obra.

Um tratamento especial à fachada com suas letras douradas.

risco de incêndio por curto-circuito. A arcaica cabine de luz será substituída por um moderno sistema de iluminação cênica, que consiste em uma mesa de controle para 360 canais, dotada de 123 memórias magnéticas para gravação de até 400 cenas, tele-impressor e 360 sensores individuais para acionamento individual optativo.
Segundo o diretor do Teatro, a nova aparelhagem eliminará as centenas de chaves de luz de palco que eram acionadas manualmente. Agora o iluminador poderá programar cronometricamente a iluminação de cada etapa do espetáculo e pelo simples acionar de um botão obterá a mudança automática de luzes, em quantas sessões desejar. Ainda na parte de iluminação, o teatro terá um novo ciclorama (painel côncavo no fundo do palco), construído em material transparente, que substituirá um de madeira ali colocado em 1934.

Anexo, 22 andares que servirão de apoio

Projetado por Oscar Niemeyer, que doou o projeto, o Teatro Municipal ganhará também um novo anexo. O prédio será construído no local do antigo anexo (Travessa Manoel de Carvalho, fundos do Teatro) e terá 22 andares. Os primeiros 10 pavimentos abrigarão a escola de dança, salas de coro, orquestra e massagens, camarins, chuveiros, salões de ensaio, Coro, Orquestra Sinfônica e Corpo de Baile.
As salas de balé serão na altura de dois andares, para permitir a realização dos saltos de dançarinos, e as de música terão acústica aprimorada. Os demais andares serão alugados para obtenção de renda. O andar térreo ficará inicialmente reservado para a venda de ingressos de todos os teatros da cidade.
Segundo Oscar Niemeyer, o traçado do prédio levou em conta o problema econômico, a viabilidade técnica e a obediência fixada pelo programa. Como o prédio é todo climatizado, evitou-se aberturas externas, inconvenientes sob o ponto de vista do ruído. Estabeleceu-se também um sistema de circulação correta, independente para artistas e público. Os artistas utilizarão um grande elevador, ligado diretamente às salas de repetição e serviços complementares.
O estilo arquitetônico do novo anexo será simples e funcional, servindo como pano de fundo para o Teatro Municipal. "Entre os dois prédios, do Municipal e do Anexo, não haverá contraste acentuado, diz seu diretor, pois essa diferença de imagem arquitetônica já existe pela presença de outros prédios que circundam a Cinelândia".

Uma operação delicada: a reconstituição das artes murais.

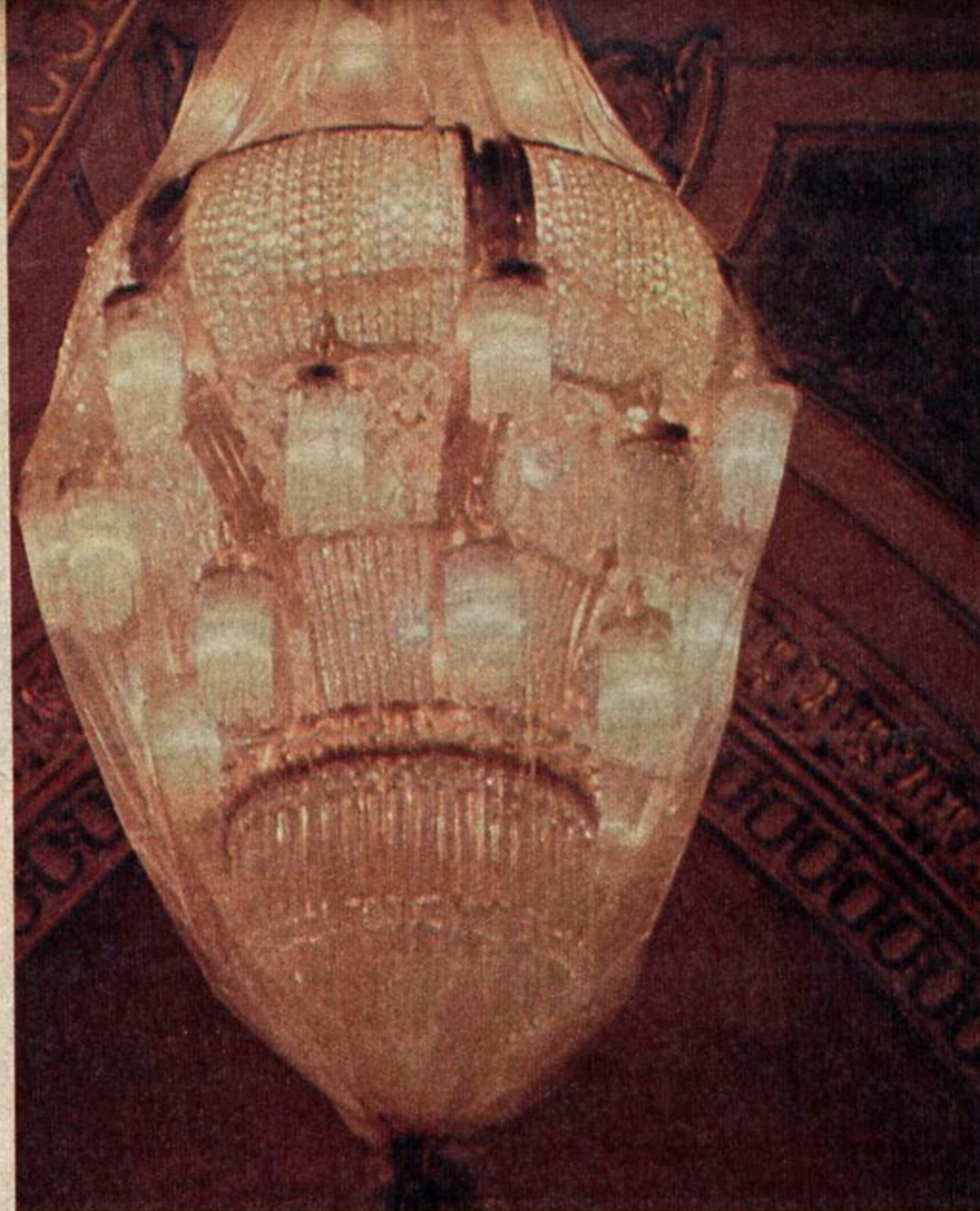
MUNICIPAL

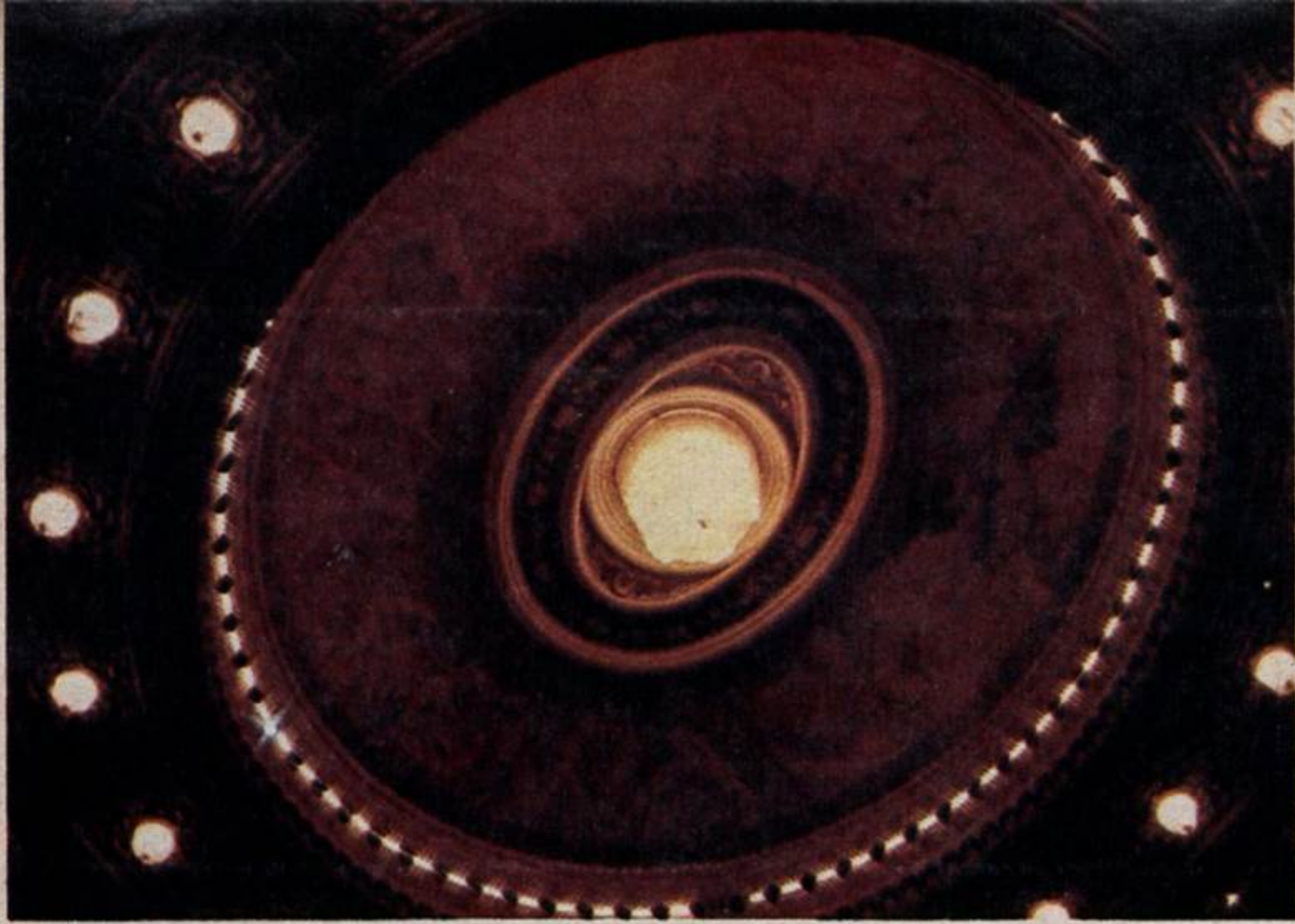
Obras de arte estiveram em perigo, mas estão salvas.

Na Central, produções técnicas e artísticas

Um dos pontos principais da reforma do Teatro Municipal é a construção, em Inhaúma, da Central de Produções Técnicas e Artísticas. Ela está sendo instalada em galpões pré-montados, com área coberta de 8 mil metros quadrados.
Na Central funcionarão todas as seções de apoio ao teatro, como a oficina de cenários, depósito de roupas e instrumentos musicais, carpintaria, arquivos, lavanderia, oficina elétrica e hidráulica. Para servir de modelo para testes de cenários e de iluminação, foi também construída uma réplica do palco do Teatro Municipal, com todos os recursos técnicos.
— Antigamente — diz o diretor da casa — para realizar uma exibição de três dias, o Teatro Municipal tinha que fechar durante 15 dias. Isso para que no seu interior fossem construídos cenários, escolhida a iluminação. Agora, com a Central de Produções, as facilidades serão muitas; os cenários poderão ser feitos com antecedência e desmontados para transporte. Na Central se montará qualquer espetáculo com grande tranqüilidade, sendo possível encenar até três espetáculos diários, não havendo mais intervalos entre temporadas.
Segundo Geraldo Mateus Torloni, o Teatro Municipal também formará novos profissionais para as atividades de apoio, proporcionando inicialmente cerca de 150 empregos diretos. "Essa Central, que é a primeira do Brasil e a maior da América Latina, atenderá ainda a estudantes e companhias de teatro amador e profissional, brasileiras ou não".

Construção demorou quatro anos e custou 10 mil contos de réis

A luta de Artur Azevedo para a criação de um teatro municipal no Rio de Janeiro começou em 1894. Seu clamor, expresso diariamente através dos jornais cariocas, entretanto só começou a ressoar em 1902, ao merecer a atenção do Presidente Rodrigues Alves e do prefeito do então Distrito Federal, Francisco Pereira Passos. No ano seguinte era aberta a concorrência pública. Houve empate entre duas empreiteiras e acabou escolhida a do arquiteto "Aquilla", pseudônimo que encobria o filho do prefeito, Francisco de Oliveira Passos.
O projeto do Teatro Municipal foi inspirado na Ópera de Paris. O prédio era tido como dos mais modernos e de grande beleza arquitetônica. Possuia o máximo em equipamentos de prevenção de incêndios na época: uma cortina isolante de metal, localizada na boca de cena, para ser baixada em proteção ao público, em caso de incêndio.
Na construção foram empregados 6.262 quilos de cimento, 8.669 metros quadrados de granito, 1.669 mil quilos de aço e 1.545 quilos de mármore, considerando-se o corpo principal e o anexo. Em moeda da época foram gastos nada menos do 10.856 contos de réis.
O espetáculo de inauguração, dia 14 de julho de 1909, foi todo brasileiro, como queria o Presidente, na seguinte seqüência: Hino Nacional, discurso de Olavo Bilac (Artur Azevedo já morrera) e a encenação dos espetáculos **Insomnia,** poema sinfônico e música de Francisco Braga, letra de Escragnolle Doria; **Noturno,** da Ópera Condor, de Carlos Gomes; **Bonança,** peça em um ato de Coelho Neto, pelos artistas da Companhia Dramática Artur Azevedo; e **Moema,** ópera em um ato de Delgado de Carvalho, letra de Assis Pacheco, pelos artistas do Centro Lírico Brasileiro. A regência foi do maestro Francisco Braga.
No dia seguinte começa a primeira temporada de bilheteria do Teatro Municipal, com a estréia da atriz francesa Réjane, apresentando **Le Réfuge,** de Dario Niccodemi. O Municipal começava sua vida. No interior, materiais nobres: granitos da Candelária, mármores de Carrara, ouro de 24 quilates nas paredes e bronzes na fachada. Na decoração externa, vitrais, lampadários o obras de arte, como as esculturas de Rodolfo Bernadelli. No interior, veludos, couro e pinturas de Visconti, Rodolfo Amoedo e Henrique Bernadelli, que também desenhou os azulejos.
A dança clássica entrou no Municipal com o ballet russo de Diaghilev, com Nijinsky e Tamara Karsavina. A ópera, por uma companhia italiana. A música clássica com um recital Chopin, interpretado por vários artistas. O teatro, pela companhia francesa Réjane. E a palavra com Anatole France, que pronunciou duas conferências em março de 1909. A construção do Teatro Municipal começou dia 2 de janeiro de 1905 e foi concluída quase quatro anos depois, a 14 de julho de 1909.

Os novos lustres, cristal da Boêmia. Grande efeito de luz e forma.

Operários especializados empenham-se num trabalho delicado.

MUNICIPAL

A iluminação do teto é um dos pontos destacados da reforma.

O esplendor oculto pela destruição ressurge a cada momento.

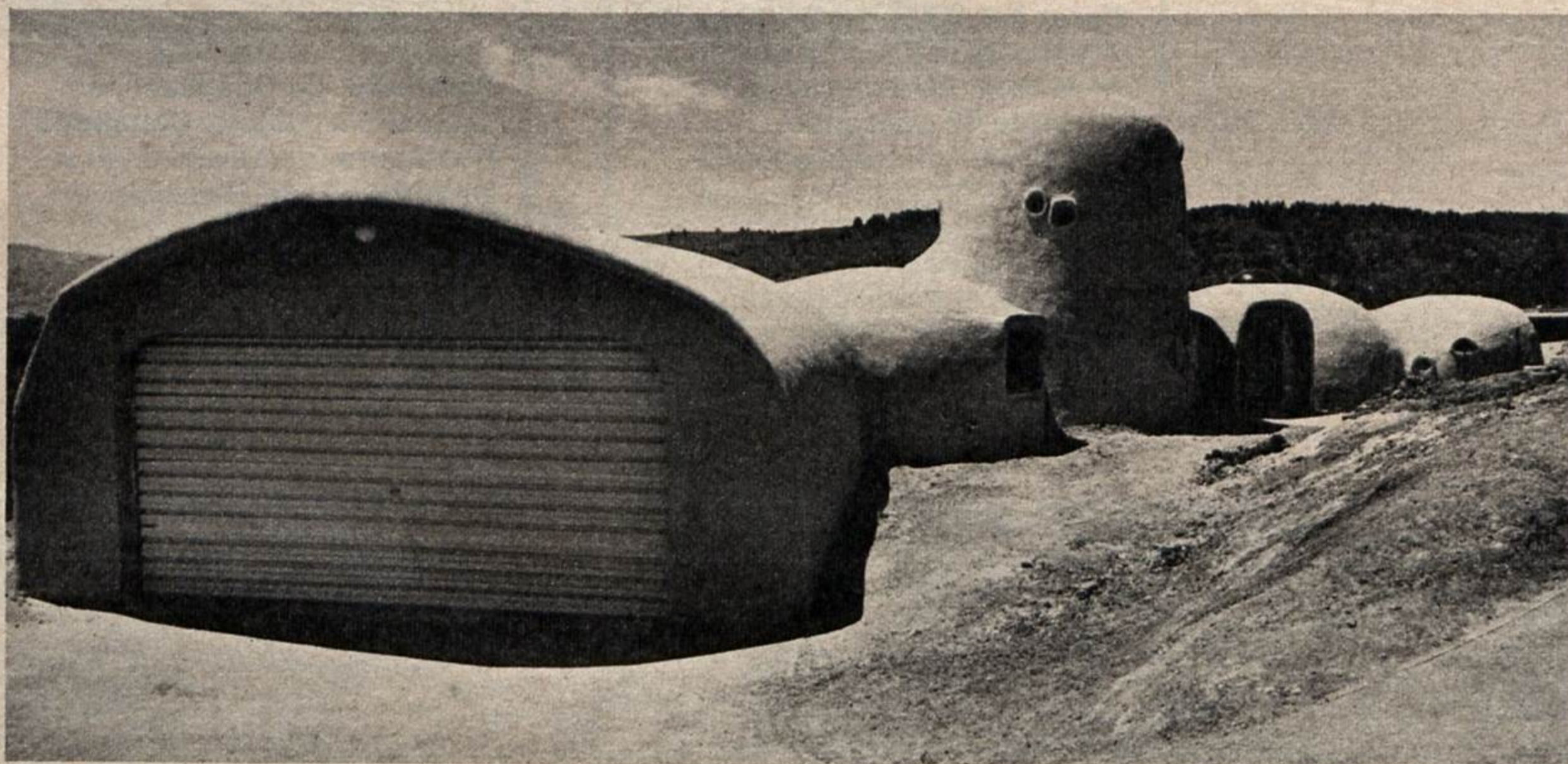
MUNICIPAL

Reabertura será com ópera de Puccini

O Teatro Municipal reabrirá dia 15 de março de 1978 (aniversário da fusão do Estado do Rio com a Guanabara), com a encenação da ópera **Turandot,** de Puccini.
A temporada lírica irá até novembro, entremeada por cerca de 30 concertos, espetáculos de balé e outros eventos artísticos. As óperas serão:
Turandot, de Puccini, a primeira, terá cinco récitas em março; **Tosca,** de Puccini, quatro récitas em princípio de maio; **Otello,** de Verdi, récitas em julho; **O Sargento de Milícias,** de Francisco Mignone, encomendada especialmente, terá sua estréia mundial em agosto; **La Perichole,** de Offenbach, em setembro e outubro; **Cavalleria Rusticana,** de Mascani, e **La Navarraise,** de Massenet, em novembro.
Os elencos serão formados por artistas locais e convidados internacionais.

Internamente, já se notam os efeitos da recuperação do teatro.

As estranhas formas da casa do futuro

Reportagem Keystone

Sobre a colina, uma imagem do século 21. A estrutura harmoniza-se com a vista espetacular.

As formas parecem brotar do chão — e quando alguém diz isso ao arquiteto Bill Nicholson, ele agradece como se fosse um cumprimento. Afinal de contas, era essa exatamente a sua intenção quando criou em Crystal Springs, ao sul de São Francisco, na Califórnia, aquela que pode ser considerada a casa do futuro — uma construção estranha, a **casa ecológica**, que levou em conta tanto o meio-ambiente como a crise de energia. Avaliada em meio milhão de dólares, lembrando um grupo de grandes esculturas, a casa aguçou, durante os nove meses de sua construção, a curiosidade dos passantes, que se perguntavam que diabo ia sair dali.

Seus proprietários, a família Thompson, estão felizes com ela. À prova de fogo, cupim e terremoto, é prevista durar pelo menos 200 anos e pode ser aquecida por energia solar. Com cerca de mil metros quadrados, é na verdade um conjunto de nove blocos interligados que se estende ao longo de uma colina, construídos de areia e cimento. De suas 16 janelas

de vidro fosco pode-se apreciar um panorama espetacular, que inclui o reservatório de água de Crystal Springs e os arcos da grandiosa ponte Doran. Norma Thompson diz que a casa onde mora é uma obra de arte. Cada dependência parece ter sido esculpida em formas livres. A textura branca e áspera das grossas paredes contrasta com as partes envidraçadas. Mais importante do que tudo, dizem os Thompson, os moradores e as visitas sentem-se relaxados e a impressão de relaxamento é aspecto fundamental numa casa moderna.
O interior é extremamente confortável. Uma das atrações é o banheiro, com uma verdadeira piscina para dois, engastada na rocha. A sala de estar dispõe de um enorme sofá curvo, estofado de espuma.
Com suas cúpulas em forma de casca de ovo, a casa do futuro, na opinião dos seus proprietários, mais do que uma nova e bizarra construção, é um fascinante lugar para se viver.

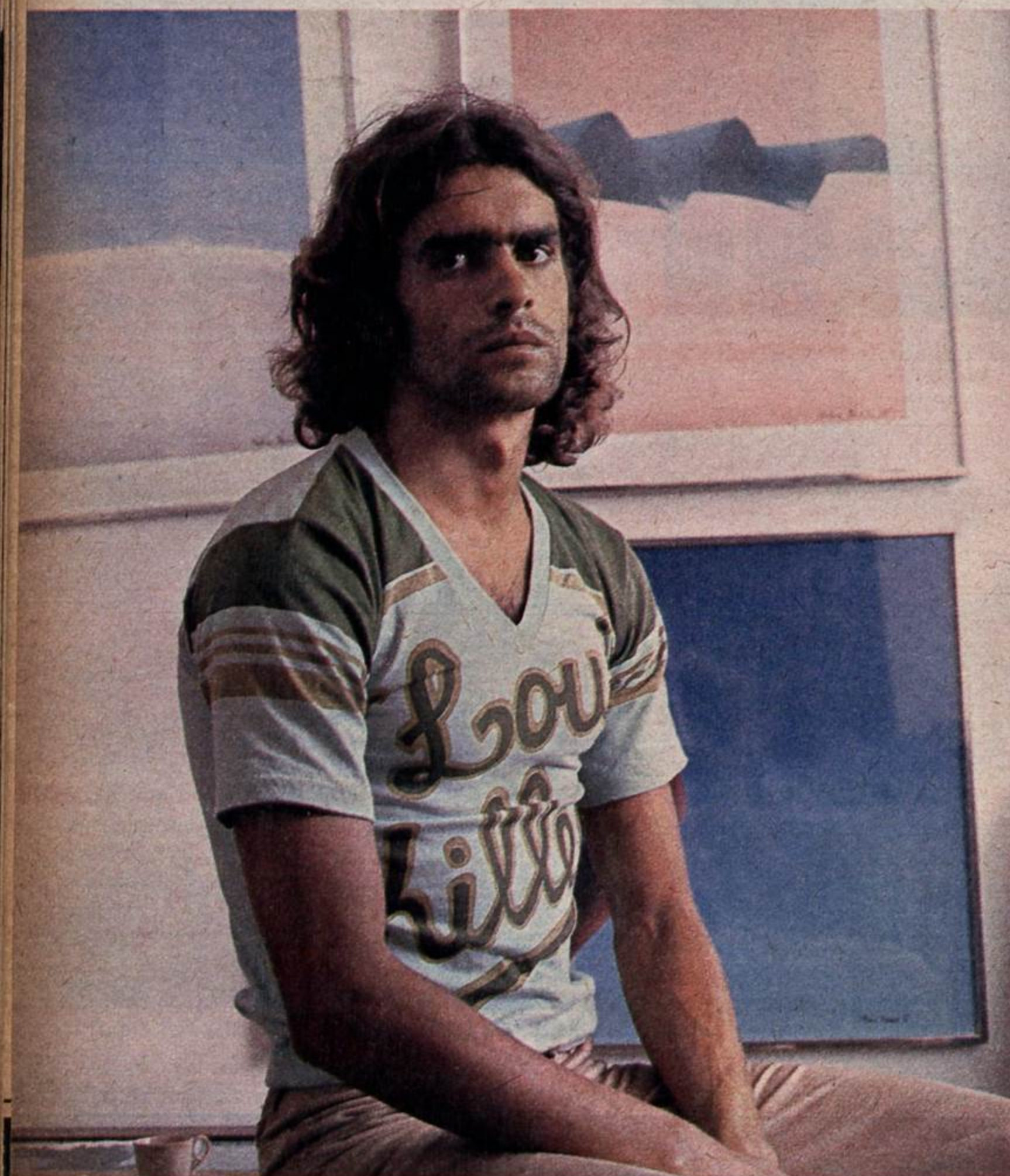
Na cozinha de sonhos existe espaço para tudo.

A banheira é grande e faz sentir o contato com a natureza.

Uma sala para conversar ou apreciar o por do sol do sofá.

WALMIR AYALA

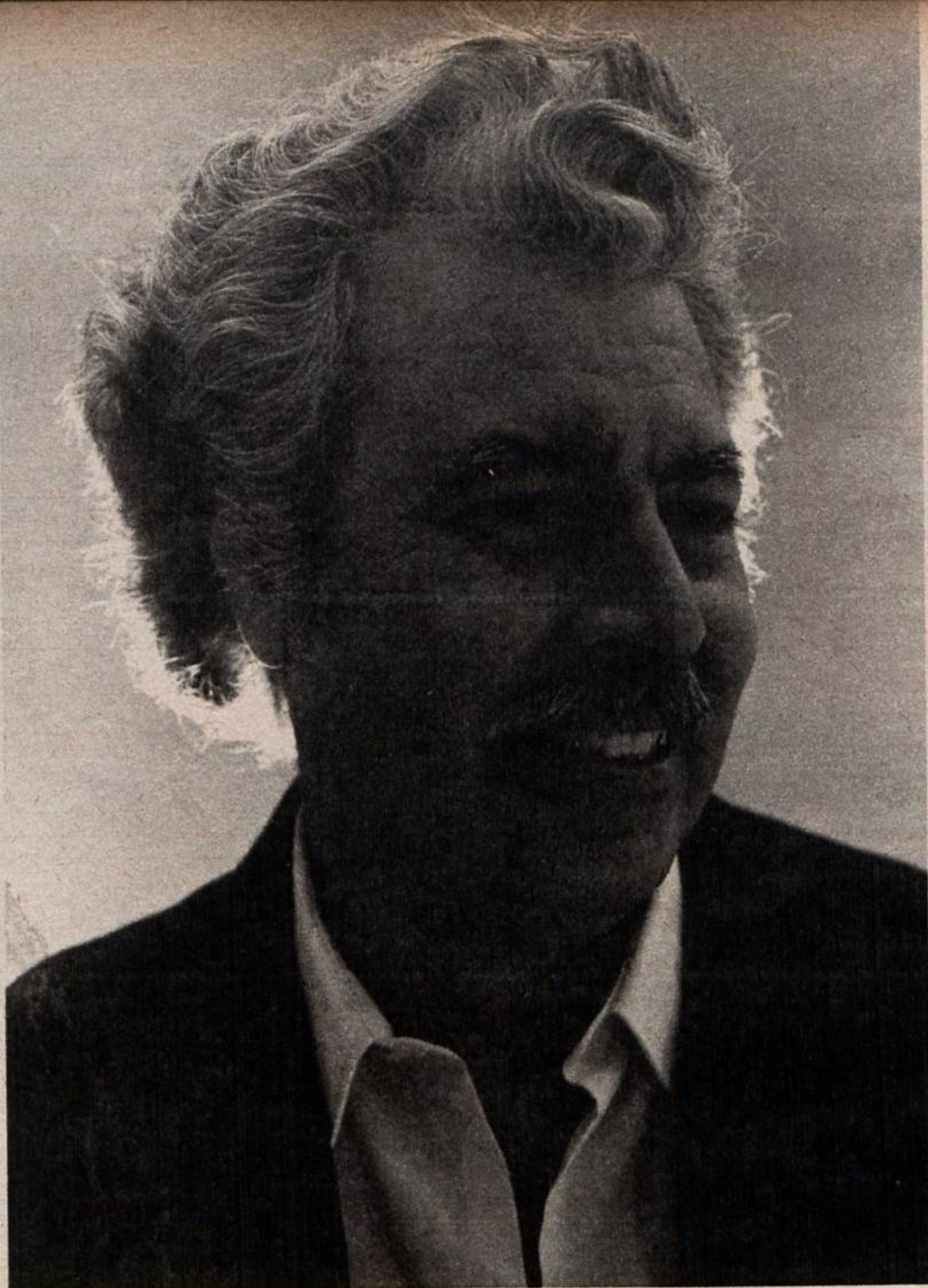
SOU TERRÁQUEO, NÃO APENAS BRASILEIRO

Fábio Kerr, surfista, vinte e cinco anos e ipanemense típico (no dizer de Millôr Fernandes) inaugura esta semana, na Galeria Celina (Rio de Janeiro) sua primeira individual. Tendo concluído licenciatura de iniciação artística no Colégio Bennet, sua atividade profissional volta-se inteiramente para a arte aplicada, ao poster, à promoção visual (cinematográfica). Desenha desde garoto, mas a primeira influência de peso foi a dos cartunistas norte-americanos e da convivência doméstica. Seu pai, Illen Kerr, conhecido gravador e jornalista, foi uma presença marcante. Sua mãe, Silvia Vianna Kerr, cursou a Escola Nacional de Belas Artes. Fábio revela hoje, no início de um tempo de trabalho, uma imagem de exemplar disciplina e senso profissional. Consciente da necessidade do domínio técnico, e atraído pelos rumos atuais da arte norte-americana, ele surge com um depoimento que poderia ser vinculado ao realismo fotográfico, embora adote tonalidades de expressão que tangenciam a pop/art, a pintura metafísica e o surrealismo. Nota-se a tendência ao despojamento, à reprodução direta e fiel do real. Ao mesmo tempo a necessidade de transfigurar simbolicamente estes flashes, com detalhes e cortes que conferem nova dimensão ao trivial. A obsessão do perfeccionismo, o domínio do aerógrafo e a fidelidade essencial ao lápis, iluminam a mão deste jovem que se interioriza à procura de uma versão cada vez mais universal das coisas vividas. "Procuro retratar o que imagino" — diz ele. Esta retratação pode estar situada numa cenografia onírica da mais pura liberdade. Este mundo imaginário vinha estruturado no cuidado de evitar qualquer distorção de ordem técnica. Para ele o real e o irreal se fundem, iluminados por uma única vigilância, a de bem reproduzir, formalmente, o mundo imaginado e calcado na visão imediata do complexo urbano. Millôr, ao apresentar Fábio Kerr, diz: "Fábio se movimentou sempre nesse mundo até há pouco tempo mágico e criativo chamado Ipanema". Ipanema pode ter deixado de ser mágico, mas deixou em Fábio Kerr o carisma da magia. Mágicos são seus detalhes de corpos, sua zoologia, seus retratos de olhos vazios etc. Mágico é seu olhar sadio e percuciente sobre estas coisas todas, referências materiais de uma memória poética. Sobre a captação de um clima nacional ele contesta: "Minha arte não tem raízes nacionais, admito. Só os primitivos têm raízes. O resto tem sido uma tendência de amoldar influências. A nossa cultura é das mais universais que existem. Quero ser entendido em qualquer cidade do mundo. Acho que tudo tende ao universalismo. Sou terráqueo, não apenas brasileiro".

CLARO ESCURO

Para tocar o **além-da-cor,** Israel Pedrosa construiu uma obra teórica das mais completas e abrangentes sobre a própria cor. Partindo de uma teoria da cor inexistente, ou tendo como alvo final, este artista analisa a cor e seus estímulos, a percepção da cor, sua classificação; a luz, o olho e a visão; a teoria das cores de Leonardo da Vinci, a óptica física de Newton, a teoria das cores de Goethe. Aprofunda-se, analisa as cores em si, sua harmonização e contrastes; as mutações cromáticas e a cor inexistente. O livro vale por ser um precioso e oportuno curso, no qual se paralelizam os conceitos científicos e o sinal permanente de um intencional humanismo. O convite ao sonho, ou ao adestramento visual do espectador, quando não a um certo conceito de fé sob o qual se estruturam sólidas teorias, tudo conduz à final compreensão de que se trata de uma obra altamente utilitária e de grande valia para a ampliação de conhecimentos que valorizam a percepção do mundo e conseqüentemente da vida humana. Mesmo para as pessoas que, como eu, não tiveram a graça de ter visto ainda a cor inexistente, o livro que Israel Pedrosa escreveu, e que Leo Christiano teve a feliz idéia de editar, mantém-se como suporte de um tesouro de sabedoria, em linguagem simples e concisa, sem desperdício de energia e palavra, como um toque de sensível abertura por caminhos transfigurados graças ao equilíbrio indispensável da ciência e de sonho.

SELETIVAS

Setenta por cento dos trabalhos expostos por Adamoli na Casa do Médico de Piracicaba foram vendidos nos quatro primeiros dias. O arquiteto Salvador Gobeth, que sabe o que faz, adquiriu nada menos que oito obras de Adamoli, cinco na exposição e três na casa do artista.

• U. Galera, artista brasileiro radicado no Japão, e gerente da Varig para toda a Ásia, será o ilustrador de vários livros brasileiros a serem lançados em japonês ainda neste primeiro semestre, sob a responsabilidade editorial de Maurício Crespo.

• A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que reformulou com tanto sucesso a imagem do nosso selo, precisa cüidar dos cartões de Natal que promove cada ano. São de um mau gosto exemplar. Pelo mesmo preço podem fazer coisas realmente interessantes, basta que chamem as pessoas certas (no caso, os artistas) para projetarem os desenhos, como fizeram com os selos.

• O professor Antônio Gomes foi escolhido para coordenar a sede do Anglo Americano em Paris. Grandes planos no setor cultural. Antônio Gomes, além de professor, participa da equipe de redação do Dicionário Brasileiro dos Artistas Plásticos, do Instituto Nacional do Livro (MEC).

• São Paulo conta com nova galeria, a Entreartes, dirigida pelo experiente Laerte Mendes de Oliveira, que já dirigiu galerias de arte no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

• A Galeria Trevo assinou contrato com Cícero Dias para exposição em novembro do corrente ano. A Trevo inaugura a temporada, em março, com individual de Júlio Vieira.

Israel Pedroso, o analista da cor

• Já em fase de organização o próximo salão da Casa da Bahia. O de 1977 resultou na criação de um Instituto Brasileiro de Artistas Plásticos e numa exposição itinerante de premiados, em Salvador e Itabuna.

• Uma das artistas premiadas no concurso de decoração da cidade do Rio de Janeiro para o carnaval deste ano é a filha dos escritores Lúcia Benedetti e Raimundo Magalhães Jr. Seu nome: Rosa Magalhães.

• Aldemir Martins acaba de ser agraciado com a Ordem de José de Alencar, do governo de Fortaleza, por serviços prestados à cultura. Juntamente com Lívio Abramo, Aldemir foi encarregado de criar para Itaipu as gravuras que a empresa distribuiu de brinde o ano findo.

Pintura de Julio Vieira. Um bom momento da temporada de 78

Um homem, uma máquina. Na pista, a 300 quilômetros por hora, não importa o que pensa o homem sobre a vida e a morte. Homem e máquina se confundem na vertigem da velocidade. No momento, o que importa é a performance, traduzida em emoções para os aficionados e em cifras e cifrões para toda uma engrenagem que está por trás desse homem.

A vida e a morte a 300 quilômetros por hora

um momento, uma vida a 300 km por hora

Texto: G. M. Netto

Fotos: Warner Bros.

Só os olhos do piloto ficam à mostra, a indicar que há um homem ligado à máquina

Grudado a seu Fórmula Um, o piloto está imóvel enquanto a equipe técnica ajusta os sistemas de segurança. Água, ar, oxigênio, temperatura, equipamento de comunicação — tudo é ministrado como se se alimentasse um computador. Só os olhos do piloto ficam à mostra, a indicar que há um homem ligado à máquina.

Fora da pista, mecânicos, projetistas, patrocinadores, empresários o cercam. Entre uma e outra competição, ele é preparado para nova performance. A vitória significa status, glória. O herói do momento é o campeão de vendas das marcas que ele anuncia na roupa, no capacete, no carro. Ele não é dono sequer da própria imagem.

Ao ás das pistas de corrida sobra pouco tempo para indagações sobre o sentido da vida e da morte. Ele esqueceu o passado; deixou para trás, em ímpeto vertiginoso, a família e o país; ele mesmo deixou de existir. Sua vida é contada em segundos, a cada volta em busca da felicidade fugaz no podium, que se dissolve na espuma do champanha.

Sobre esse pano de fundo, desenrola-se o drama de Bobby Deerfield, um rapaz de Nova Jersey que se torna ídolo na Europa e deseja esquecer suas origens plebéias. Quando ele chega a um sanatório no alto dos Alpes suíços, conhece uma jovem, Lillian, que supõe que ele tenha a resposta para suas perguntas vitais.

As primeiras palavras que ela diz a Bobby são estas: — Você deve saber muito sobre a morte. A resposta é: — Não penso na morte, só penso em guiar.

Cenário de um conto de horror

Anne Duperey é Lydia, a companheira do campeão, que o protege e escraviza

Nas cenas de corrida, Al Pacino foi substituído por José Carlos Pace

O diálogo inicial de **Um Momento... Uma Vida** — filme de Sydney Pollack com Al Pacino no papel principal, produzido por John Foreman para a Warner Bross. e a Columbia Pictures — tem como cenário uma estalagem isolada nos Alpes que serviu de fundo para um conto de horror de Guy de Maupassant, **L'Auberge** (O Albergue).
O local fica em Leukerbad, na província de Vallais, Suíça, uma vila conhecida desde os tempos de Roma pelas virtudes medicinais de suas águas e seu clima. Perdida a 1.370 metros de altitude, a estalagem é alcançada por um caminho íngreme e cheio de curvas que parte da vila. Os pontiagudos telhados cobertos de neve conferem um aspecto bastante sombrio à "clínica" na qual Lillian está internada. As montanhas rochosas parecem ameaçar a fragilidade dos seres humanos que vivem ali.
Da Suíça, a história se desloca para a região dos lagos do norte da Itália. O local escolhido é Bellagio, chamada **Bilacus** pelos romanos antigos. A escolha foi feita pelo roteirista Alvin Sargent, que havia lido um artigo da revista **National Geographic** sobre as cidades junto ao Lago Como. Bellagio é uma cidade erguida em uma escarpa que submerge no fundo do lago, com ruas estreitas emolduradas de arcadas, onde **villas** suntuosas com jardins de sonhos, cafés e restaurantes se refletem na superfície da água. Um cenário adequado a um segundo encontro romântico de Lillian e Bobby.

Os carros para serem destruídos e incendiados foram construídos por Alain de Cadenet, piloto (3.º nas 24 Horas de La Mans em 1976) e **designer,** que também colaborou como assessor técnico de Sydney Pollack e Al Pacino. Para fugir ao estereotipado corrdor — alto, rubro, de poucas palavras — Pollack e Pacino matricularam-se em escolas de pilotagem. O ator conviveu com os pilotos de Fórmula Um, conversou com eles pelo telefone, procurando penetrar no tipo natural que iria representar. O resultado surpreendeu aos próprios

corredores. Quando o viram desembarcar do **trailer** da Martini, eles trocaram impressões, descobrindo semelhanças do ator com colegas de pistas.

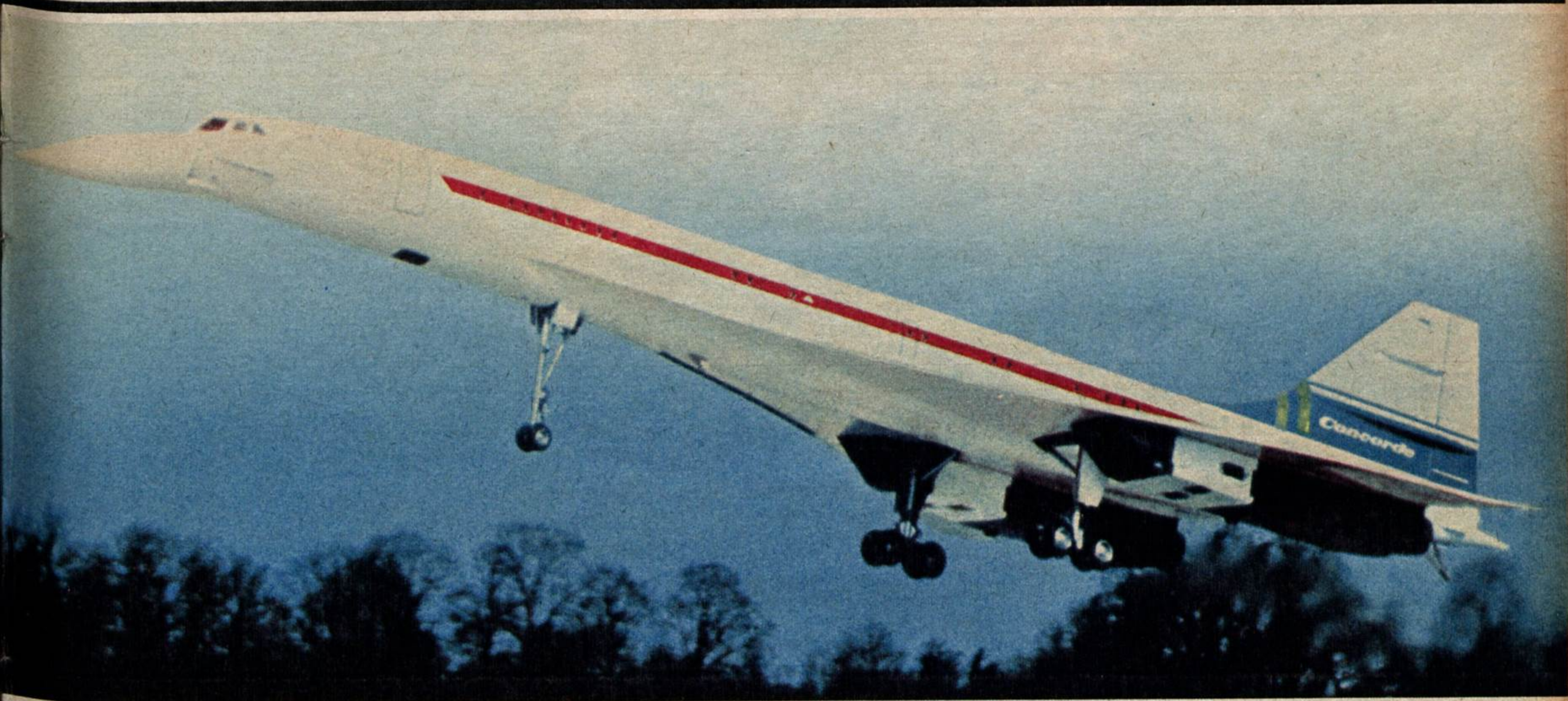
Al Pacino e Marthe Keller fazem seu primeiro papel romântico no cinema americano

As companheiras de aventura de Al Pacino

Para Al Pacino, o personagem de **Um Momento... Uma Vida** é uma experiência nova. Antes, ele fez papéis que lhe deram prêmios em Cannes e quatro indicações ao "Oscar". Mas, do Michael Corleone — o filho do Chefão nos dois filmes sobre a Máfia — ao **tira** de **Serpico,** todos eram personagens extrovertidos, exuberantes e fanfarrões. Bobby Deerfield é o seu primeiro papel romântico, no qual ele viu a oportunidade de mostrar suas possibilidades reais de ator.

Assim como Al Pacino, Marthe Keller (Lillian) faz seu primeiro papel romântico no cinema americano. Ela foi escolhida depois de extensa pesquisa entre nomes famosos, apesar de ser praticamente desconhecida nos Estados Unidos. Na Europa, ela filmou Broca, Lelouch e uma série de TV na França que a tornou um ídolo. Foi o filme de Lelouch que despertou a atenção do produtor americano Robert Evans, que a convidou para fazer **The Marathon Man** com Dustin Hoffman e Laurence Oliver, sob a direção de John Schlesinger.

Outra mulher da história de Alvin Sargent, baseada em uma novela de Erich Maria Remarque escrita há mais de 30 anos, é Anne Duperey, que filmou com Godard e se tornou conhecida em **Stavisky,** ao lado de Jean Paul Belmondo. Em **Um Momento... Uma Vida,** Anne é Lydia, a fria e elegante companheira de Bobby, que protege e escraviza o campeão.

Para Sydney Pollack, o filme não é uma simples história de amor, nem tampouco uma história sobre automobilismo; "é a história da ressurreição de um homem, e do entendimento entre duas pessoas". Ele e o autor do roteiro, Alvin Sargent, transpuseram a história de **O Inferno Não Tem Favoritos,** de Remarque, para os dias atuais, em que os carros de corrida são como aviões a jato e nos quais os valores se transformaram, embora o filme haja guardado um certo sabor romântico dos tempos de entre daus grandes guerras, descrito por Remarque.

A. Accioly Netto

SODOMA E GOMORRA
o último a sair apaga a luz.

O que teria acontecido em Sodoma, a cidade-maldita do Velho Testamento, quando Jeová, justamente irritado com a depravação geral de seus habitantes, ameaçava destruí-la pelo fogo, se nela não fossem encontrados ao menos "dez homens bons"? Esta foi uma idéia de João Bethencourt, que transportou a narrativa do Genesis para a era moderna, num divertido "pastiche" arqueológico, transformando a tragédia bíblica em dois atos teatrais de irresistível comicidade. Dono de uma fecunda inventiva, o autor de muitas comédias, algumas de repercussão internacional — entre outras a famosa "No dia em que raptaram o Papa" e "Bonifácio Bilhões" —, nas quais aborda os mais diversos e surpreendentes temas, aqui se fixa na cidade-irmã de Gomorra, Seboin e Adama, com seis personagens que avolucionam diante do esperado cataclismo (que afinal só aconteceu vinte anos depois) no salão de um badalado Departamento Governamental. Movimentando com seu habitual "savoir-faire" e excelente carpintaria cênica, algumas figuras-chave da administração sodomita, compõe uma paródia dinâmica, repleta de surpresas, cuja única intenção aparente é fazer rir, mas que em realidade faz pensar sobre as reações da criatura humana, em suas perversões, quando enfrenta um perigo iminente capaz de destruí-la. É a filosofia de Oracio em "ridentem dicera verum, qui vetat?" (a verdade pode ser dita mesmo em forma faceta) usada por muitos comediógrafos, entre os quais o maior foi Molière.

Tudo acontece quando um velho antiquário israelita, "doublé" em profeta, afirma que recebera pessoalmente uma grave mensagem de Jeová (encarnado no porteiro do edifício onde morava) avisando que "a cidade seria fulminada pelo fogo celeste dentro de poucas horas, se nela não fossem descobertos alguns homens honestos". Daí por diante toda a máquina governamental é acionada febrilmente, usando-se arquivos e computadores, em busca de cem cidadãos impolutos, que em sucessivas barganhas entre o céu e a terra, por intermédio de seus embaixadores, minguam para setenta, cinqüenta, trinta e finalmente dez! São várias horas de ansiedade e loucura coletiva, reduzidas teatralmente em duas, nas quais o público ri continuamente não só pela ação frenética e diálogos do melhor humorismo, como pela primorosa atuação dos intérpretes.

Dos seis personagens, em maiores e menores papéis, não se pode destacar em sã consciência o melhor, embora a direção de João Bethencourt os tenha deixado soltos em cena (inclusive permitindo "cacos" em abundância) confiando possivelmente na qualidade interpretativa de cada um. Jorge Dória é o "meneur du jeu", excelente em todos os sentidos, como um ministro corrupto e mulherengo, capaz de qualquer patifaria monetária ou sexual. Seu comparsa é o vice-presidente, encarnado nesse ótimo Milton Morais, que também vive um revolucionário seu sósia, e até mesmo "recebe" o espírito de Jeová, durante um programa radiofônico. Em todas as ocasiões dá o máximo em justeza e comicidade. André Villon, no seu estilo "nonchalant", de extrema naturalidade, compõe um messias altamente convincente nas suas conversações humanas e divinas. Já Procópio Mariano, ajudado por um físico avantajado, é uma grata surpresa, em rápida intervenção na pele de um prisioneiro injustiçado que não deseja abandonar a penitenciária. O que dizer de Sueli Franco? Escondendo sua beleza num uniforme funcional, é a atriz perfeita para qualquer papel, sobretudo nos cômicos, aos quais sabe dar um sabor especial, de intenso frenesi. Finalmente a linda Iris Bruzzi, que já foi do teatro musicado e que funciona muito bem em comédia. Faz uma elegante ninfômana, vice-governadora, capaz de provocar qualquer loucura pecaminosa, e que se mostra "generosa" com todos, do contínuo ao ministro.

Cenarização funcional, com impressionantes "efeitos especiais" nos desmoronamentos do terremoto.

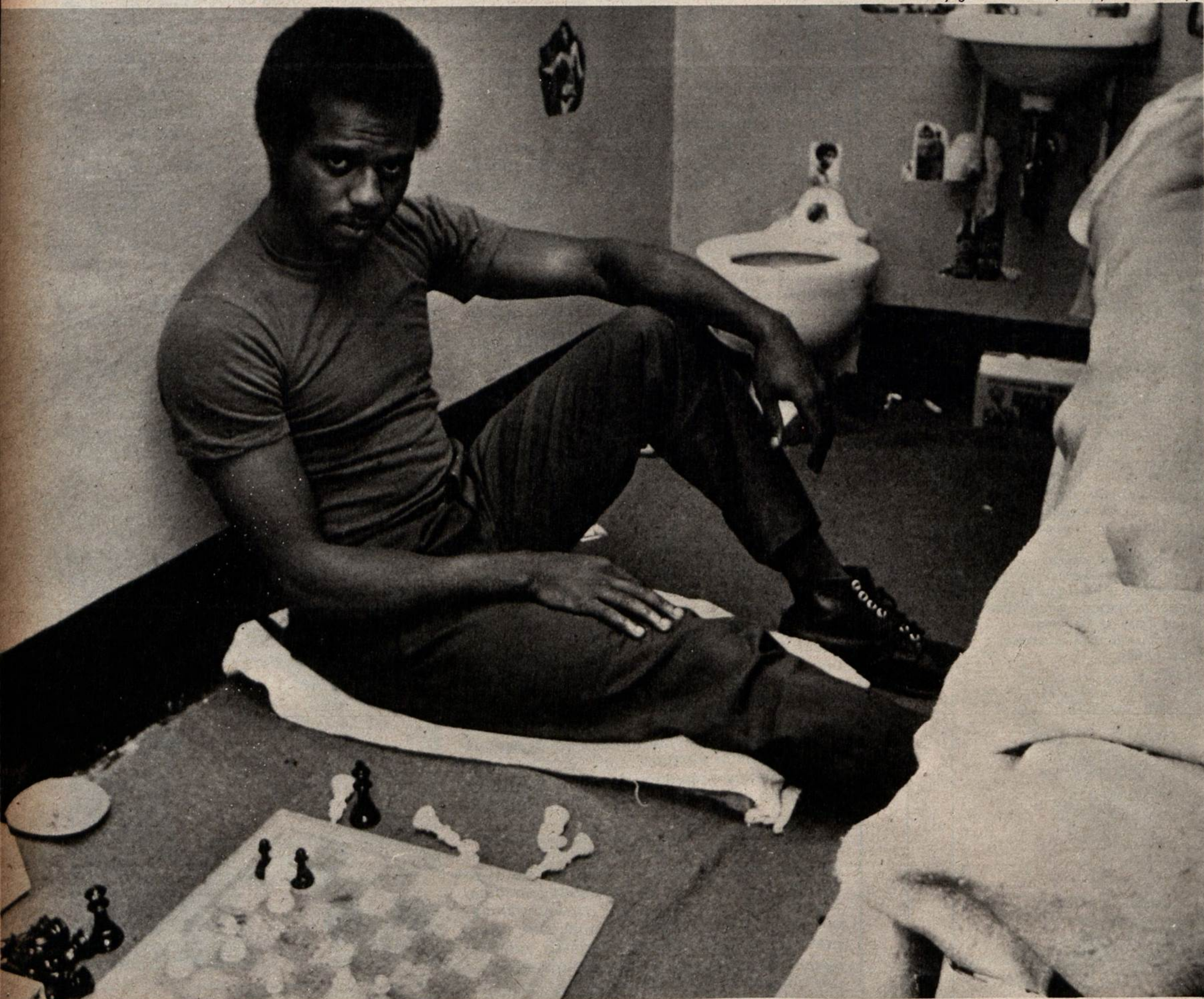
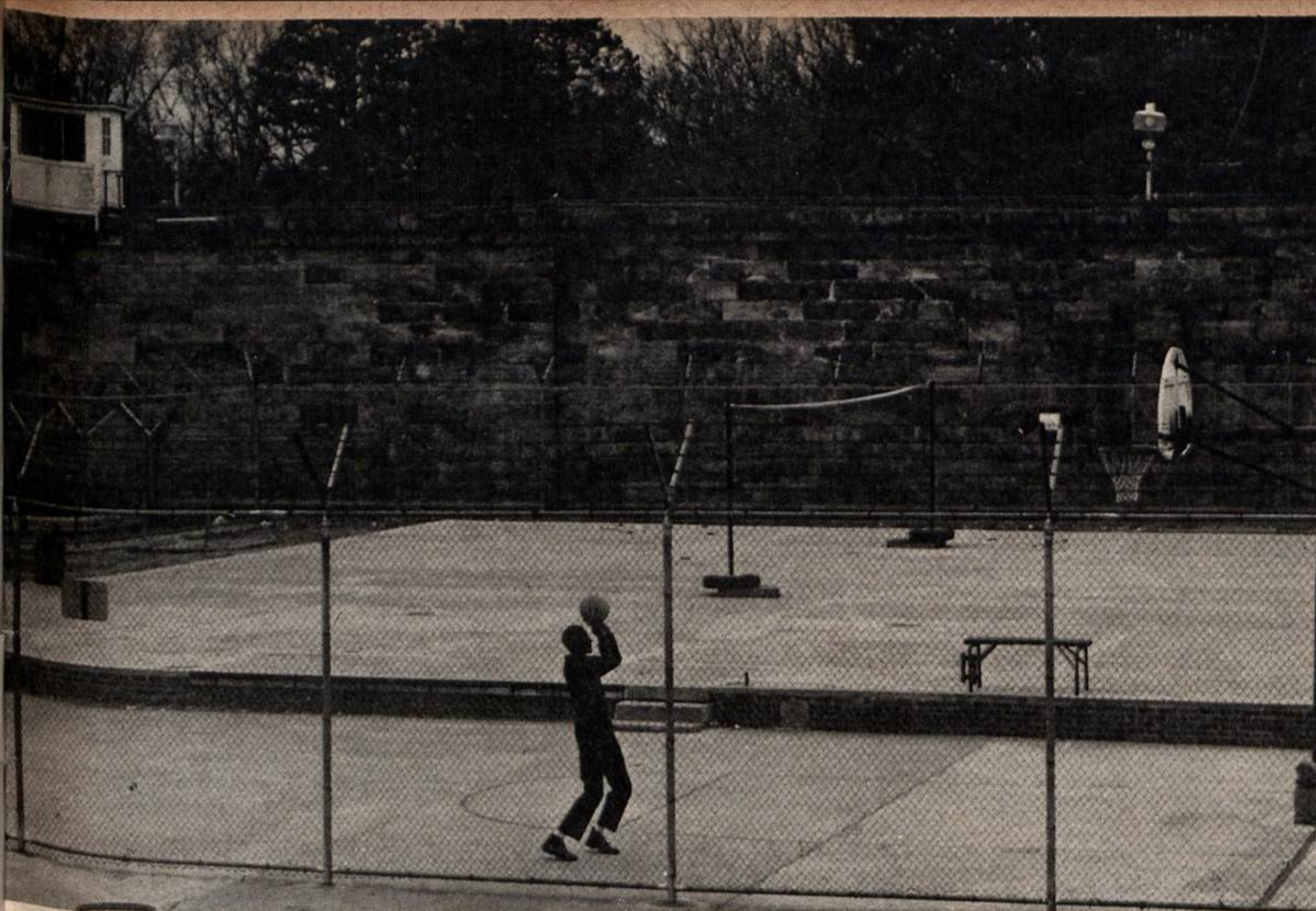
Uma consideração extra: os palavrões são abundantíssimos (provocando sempre o riso) e que seriam em maior parte dispensáveis — mas em se tratando de Sodoma, altamente pervertida, se justificam por conta da ambientação...

Cotação: ★★★★

Iris Bruzzi, Jorge Dória e Sueli Franco na TV (Sodoma)

A vida no corredor da morte
À ESPERA DA CÂMARA DE GÁS

Reportagem Scope Features

O jogo de xadrez ajuda a passar o tempo

O condenado tem direito a uma hora de exercícios

Embora não esteja tão superlotada quanto outras penitenciárias americanas, a Prisão Estadual da Carolina do Norte detém o triste privilégio de abrigar mais condenados à morte do que qualquer outra. Nas celas do sombrio *corredor da morte,* construídas para abrigar 40 homens, nada menos do que 106 condenados aguardam o momento de caminhar para a câmara de gás.

Os prisioneiros usam espelhos para enxergar os companheiros das celas vizinhas

Se você perguntar a qualquer um deles, a resposta será que preferem a morte do que ficar neste lugar.

A afirmação de Sam Garrison, diretor da prisão, dá bem uma idéia do tipo de vida que se leva no **corredor da morte.** Ele explica que uma novo corredor teve de ser construído para alojar as novas levas de condenados. Conhecida por Bloco F, tem 30 celas de cada lado, cada uma abrigando dois prisioneiros.

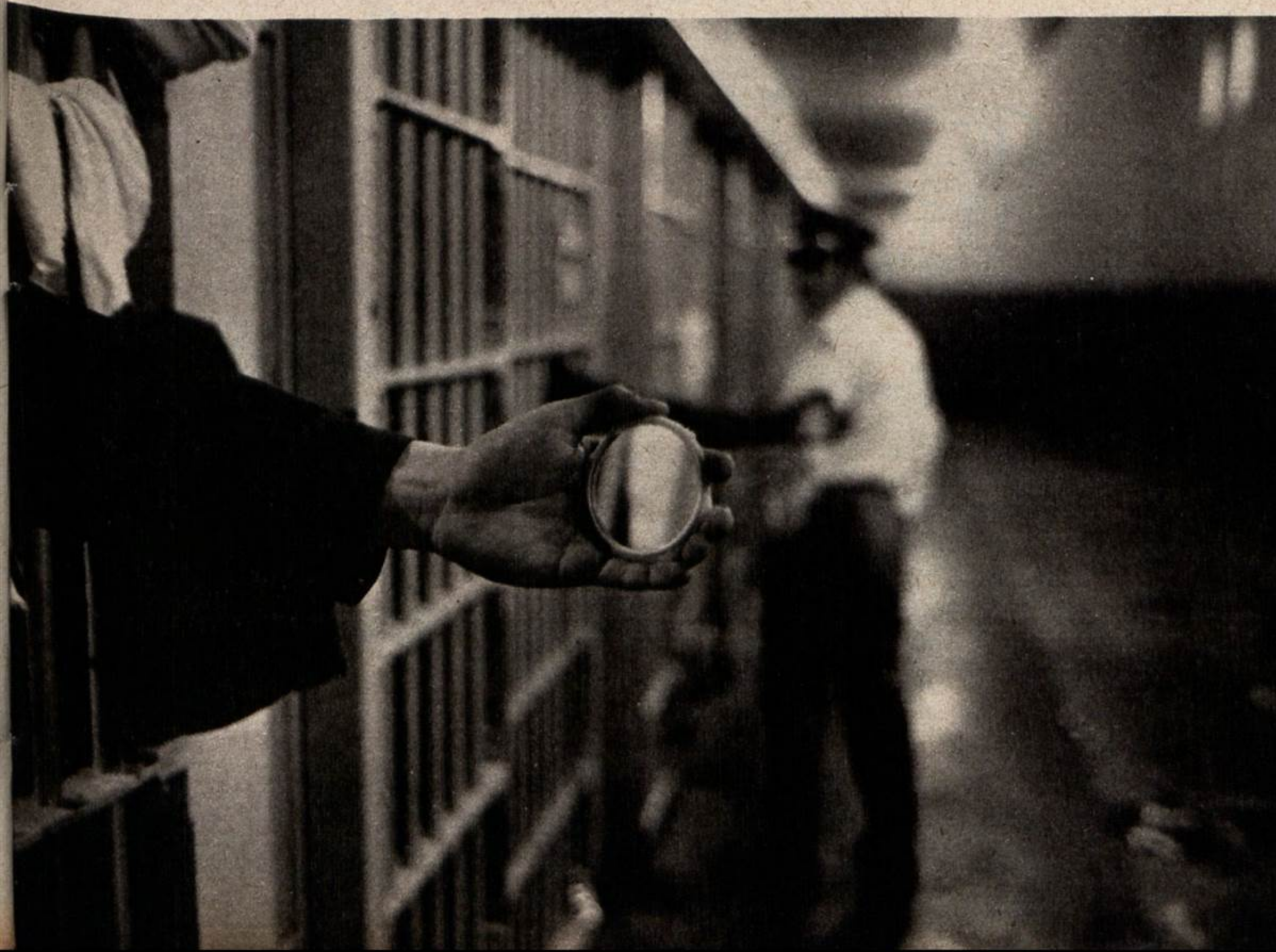
O dia transcorre extremamente monótono. Os prisioneiros têm direito a uma hora e 15 minutos de exercícios diários. O resto do tempo eles passam em suas pequenas celas, lendo. Há um aparelho de televisão de frente para cada ala, que é ligado uma hora por dia. O corredor é fracamente iluminado. Um fluxo constante de conversa perdura no ar, de cela a cela, e os prisioneiros seguram pequenos espelhos, o braço esticado por entre as grades, para enxergar os companheiros das outras celas com quem estão falando.

Os guardas que servem no **corredor da morte** em geral estão ali há muito tempo e conhecem cada prisioneiro, mas suas caras de pedra nunca demonstram qualquer emoção, mesmo quando acompanham o condenado em sua última caminhada, que é curta, porque a câmara de gás fica no fundo do corredor.

A câmara de gás é constantemente verificada. Tem duas cadeiras com correias para prender os braços e as pernas e uma espécie de capuz preto onde o condenado enfia a cabeça. A sala tem duas janelas para observação, onde ficam os médicos de estetoscópio na mão.

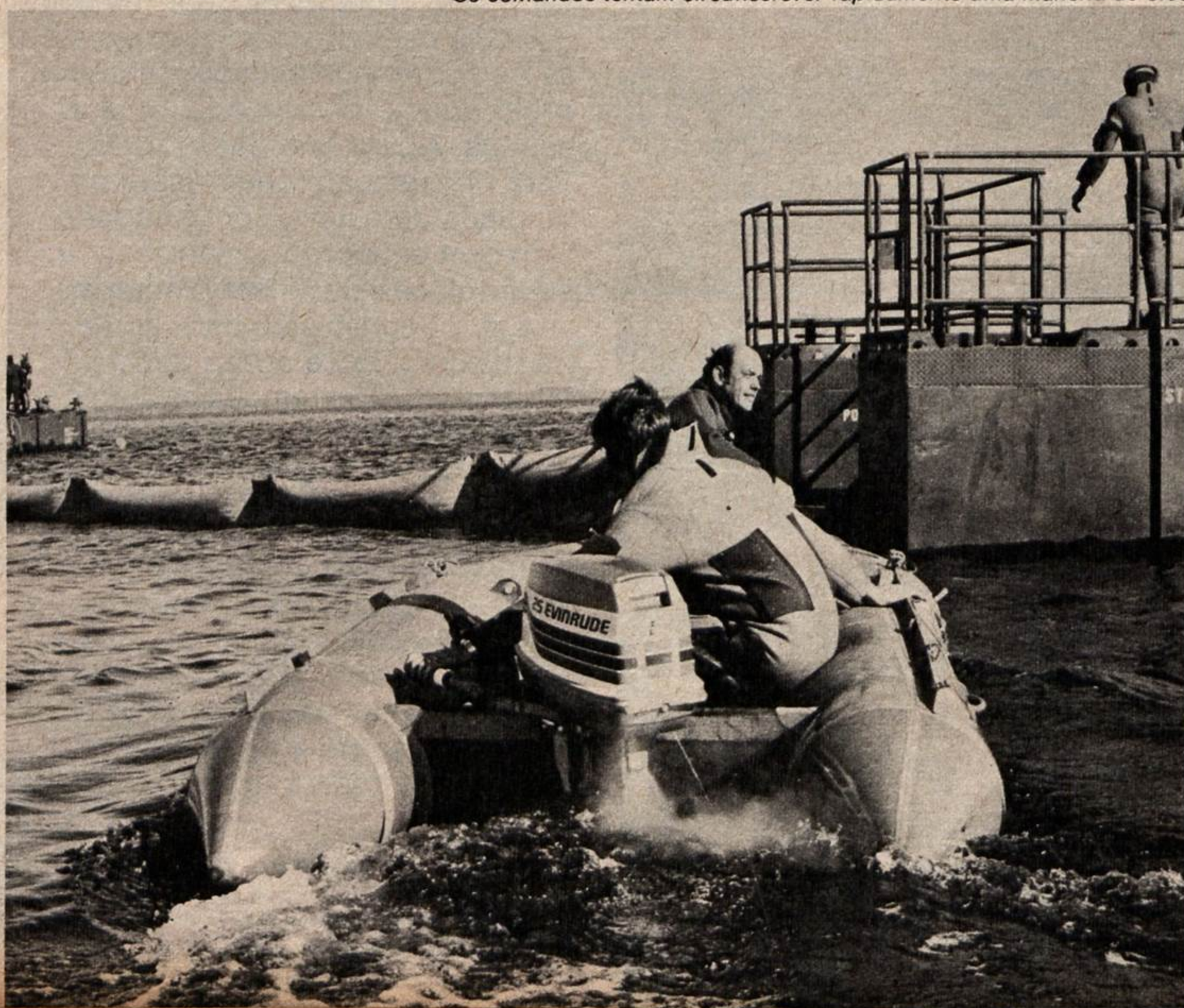
Garrison está preocupado com a superlotação da Prisão Estadual:

— Ela foi construída para abrigar no máximo 850 e agora tem 1350 internos. Nós estamos sentados sobre um barril de pólvora que pode explodir a qualquer momento.

Esta explosão ocorreu em 1968, quando oito homens morreram nos distúrbios e vários outros ficaram feridos. O problema se repete pelos outros presídios apinhados dos Estados Unidos, principalmente no Sul. Enquanto isso prossegue a discussão sobre a pena de morte. envolvendo toda a opinião pública do país.

O mergulhador é baixado do helicóptero sobre a barcaça avariada

Reportagem
Camera Press

Os comandos na batalha contra o óleo

Os comandos tentam circunscrever rapidamente uma mancha de óleo

De repente o bip do tenente Barry Chambers começou a chamar. Em poucos minutos ele era informado do que se passava. Rápidas ordens — e instantes depois 10 homens super-treinados voavam para o Estreito de Málaca, próximo a Singapura. O super-petroleiro japonês Showa Maru agonizava, encalhado. Antes que os eficientes e frios homens do tenente Chambers chegassem, mais de um milhão de galões de óleo derramara no oceano, alastrando sua espessa mancha poluidora.

Fatos como esse são rotina para os combatentes anti-poluição da Força de Guarda-Costa dos Estados Unidos.

São 60 homens, divididos em três turmas de 20, alertas as 24 horas do dia. Em apenas duas horas, eles podem atingir qualquer ponto dos Estados Unidos, com seu equipamento especial. O tenente Chambers nunca tira o bip do cinto — e quando dorme, o **bip** fica na mesa de cabeceira.

Os comandos foram criados em 1973, para enfrentar as ameaças, cada vez mais constantes, de vazamentos de óleo no mar, que sujam as praias e estão liquidando com a flora e a fauna marítima. Suas missões são tão vitais quanto perigosas. Eles arriscam a vida para salvar navios e tripulações e tentam de todas as maneiras estancar os vazamentos.

Embora atuem principalmente no litoral norte-americano, os chamados do exterior são freqüentes. Em 1974 o apelo veio do governo do Chile. Oito comandos voaram para o Estreito de Magellan, para socorrer um petroleiro que perdia milhares de toneladas de óleo cru. Subindo a bordo, o pequeno grupo de peritos ali viveu precariamente 43 dias. Seriamente avariado, o navio estava sujeito a afundar a qualquer momento. Utilizando bombas, a despeito das correntes de mais de oito nós, das marés, dos fortes ventos, e das temperaturas baixíssimas, eles conseguiram manter o navio flutuando.

O tenente Chambers comanda a operação pelo rádio

Nem sempre os Comandos do Óleo têm tanta sorte em suas ousadas missões. Em 1974, um mergulhador de 30 anos da equipe do Atlântico morreu quando inspecionava o casco de um navio graneleiro. Apesar disso, acidentes como esse são surpreendentemente raros. Diz o tenente Chambers:

— Nós temos um número razoável de hérnias e dedos esmagados, além de algumas picadas de serpentes em zonas pantanosas. Mas já estamos habituados a este trabalho duro.

Eles se acostumaram até ao medo do óleo: muitos sofrem queimaduras mas se socorrem com solventes químicos. Seus equipamentos de mergulho são verdadeiros salva-vidas.

Os ultra-treinados guerreiros da poluição têm em geral entre 25 e 35 anos e pelo menos cinco anos de experiência anterior na Guarda-Costa. Muitos dentre eles se especializam em diferentes tarefas, como o mergulho ou a limpeza da água. O equipamento que usam vale milhões de dólares.

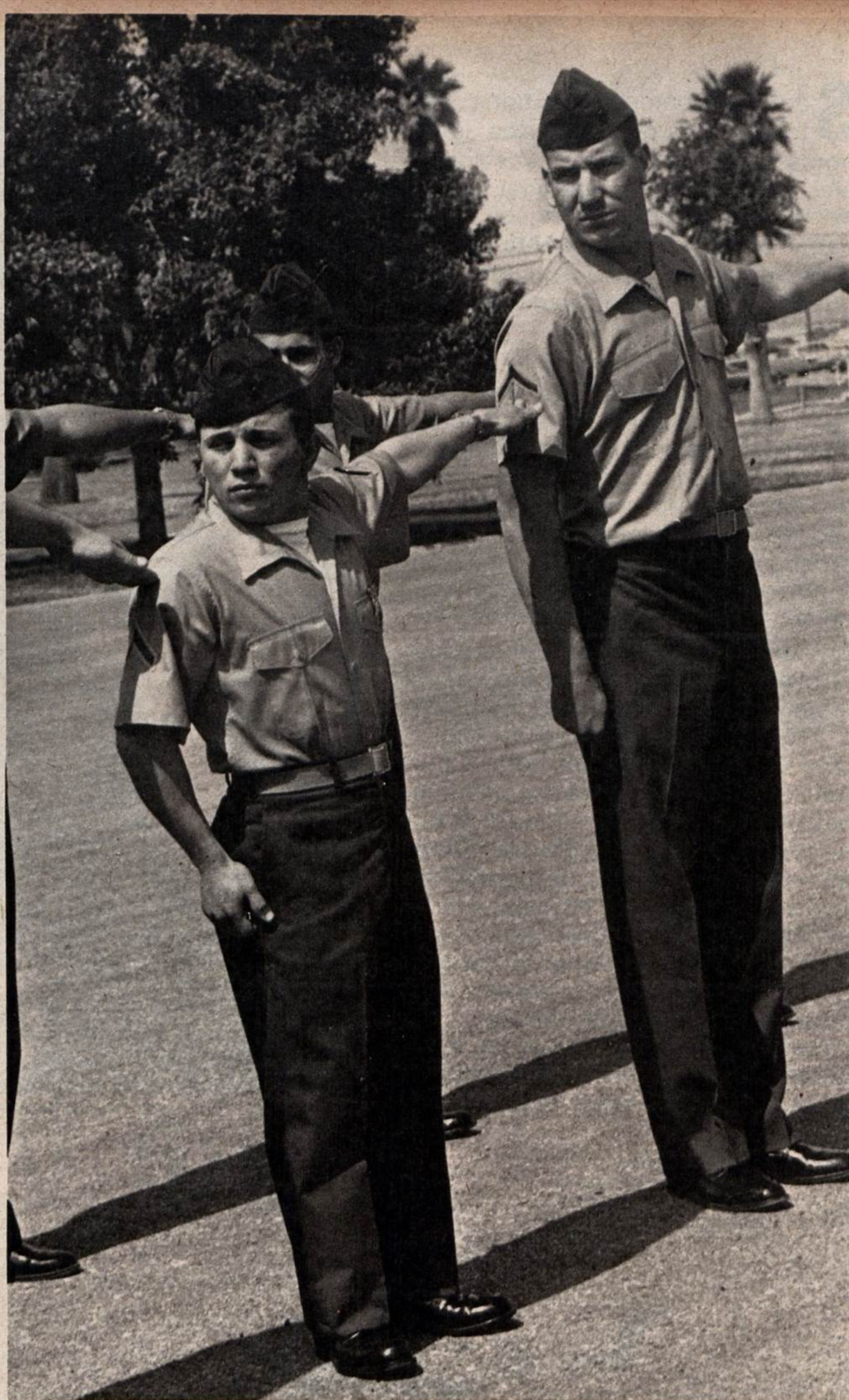
Infelizmente nem sempre eles conseguem dominar a poluição do óleo, que cada vez mais envenena o planeta, principalmente a partir da construção dos super-petroleiros. Então, como diz Chambers, não há nada a fazer e eles entregam tudo nas mãos de Deus.

Helicóptero e mergulhadores tentam resgatar o barco naufragado

O soldado opera uma bomba, protegido por uma roupa especial

QUEM NÃO É O MAIOR TEM QUE SER O MELHOR

Cobrir, para Jerry, uma ordem pouco convencional

Ele nunca olhou seu sargento nos olhos

Reportagem
CAMERA PRESS
Fotos: NEYSTONE

O oposto das aventuras de Guliver em Liliput foi a experiência vivida por Jerry Pleban no Corpo de Fuzileiros Navais americano. Com um metro e 44 centímetros de altura e 52 quilos apenas, ele foi duas vezes recusado para o serviço militar. Mas, não desanimou. Alistou-se uma terceira vez, e então começou sua verdadeira luta.

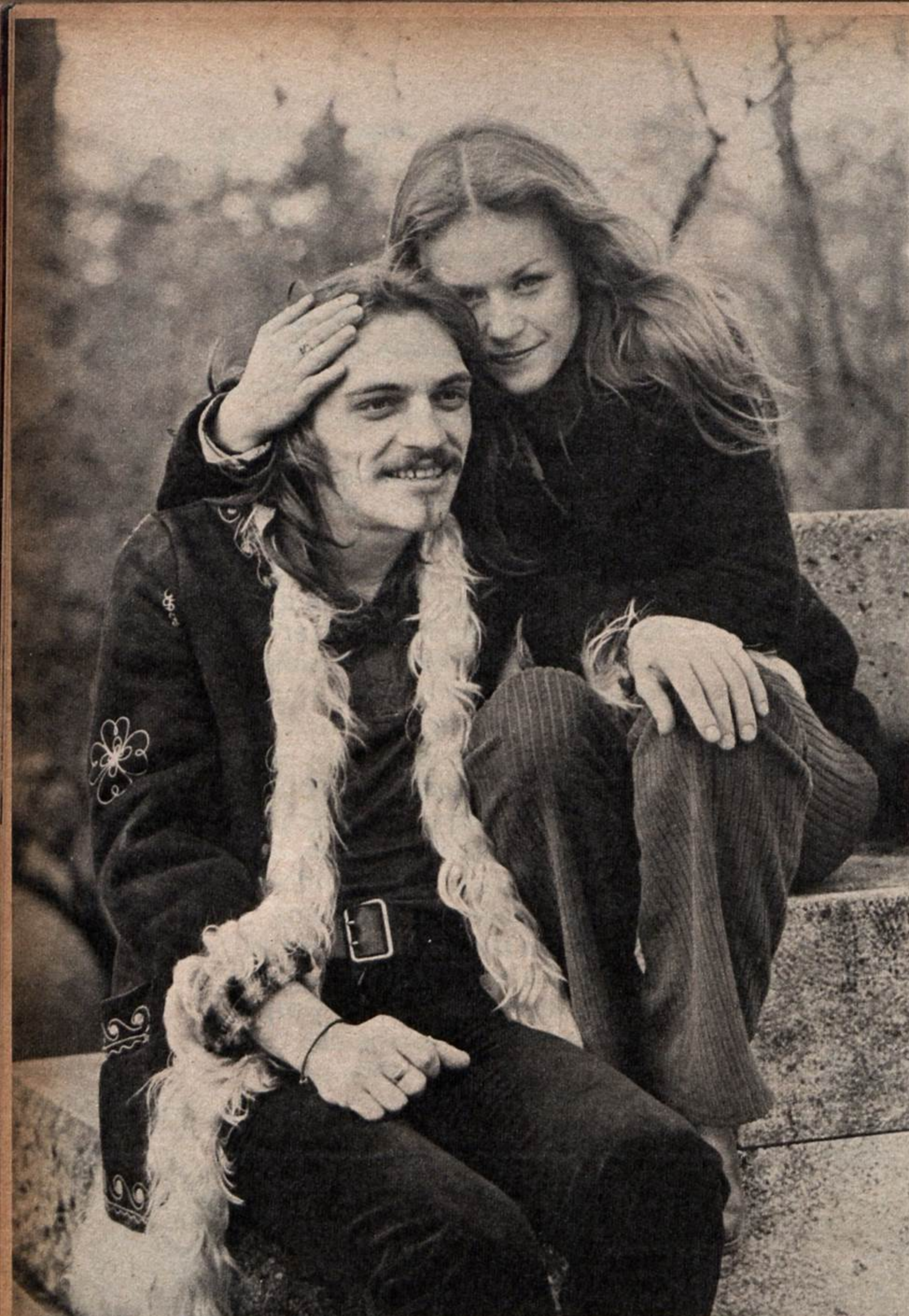
Antes de enfrentar 12 semanas de treinamento, Jerry teve que vencer a batalha dos uniformes. Ele literalmente sumia nas roupas feitas para **marines** altos e musculosos. Os alfaiates da Marinha aceitaram o desafio, e a farda de Jerry foi feita sob medida e as vestimentas de treinamento recortadas para suas diminutas dimensões.

O próprio fuzil de Jerry é um modelo especial. Com a arma, bem menor do que as de seus competidores, o menor fuzileiro naval de que se tem notícia bateu a todos os gigantes, somando o maior número de pontos em um torneio classificatório de tiro. Alguém associou o feito à vitória do pequeno Davi sobre o gigante Goliás.
Nos exercícios em Camp Pendleton, Califórnia, Jerry se transformou em dois. Explica-se: enquanto os outros fuzileiros davam um passo, ele tinha que dar dois. Não é exagero se dizer que suas marchas eram dobradas. Sua persistência serviu de estímulo aos mais altos, principalmente aos que marchavam atrás dele.
Agora, que sobreviveu ao duro treinamento, Jerry faz um curso intensivo de administração, de quatro semanas, preparando-se para ser designado para uma unidade na tropa. E está sendo apontado como exemplo vivo de um dos lemas do Marine Corps: "Tudo o que queremos são os melhores homens". Não os maiores.

O fuzil de Jerry é um modelo exclusivo

Para Jerry, uma ordem unida particular

Dois passos para cada um dos outros, sem errar o passo

A AVENTURA PERIGOSA DESSES PIRATAS DO AR

Jiri e Alena Beran fugiram juntos de Praga e se casaram na prisão em Bayreuth

Depois de atirar em um piloto, Lubomir Adamica segue algemado para a cadeia.

O drama de dez jovens em busca da liberdade

Para Jaromir Dvorak, o sonho de fundar um conjunto musical é apenas sonho.

Eles se lançaram a uma aventura decisiva: chegar ao Ocidente seqüestrando um avião da companhia estatal da Tchecoslováquia, a Slov Air. Nessa tentativa, Lubomir Adamica, um jovem tcheco de 23 anos, que liderava o grupo — três moças e sete rapazes —, atirou em um dos pilotos. Isso aconteceu em 8 de junho de 1972. O último deles acaba de deixar a prisão, em Bayreuth, Alemanha Ocidental. No caminho, deixaram algumas ilusões e perderam seu líder. Lubomir Adamica não resistiu à prisão e se enforcou em sua cela. Agora, cumpridas suas penas, cada um busca seu caminho.

Olga Setnicka vive em Munique com seus filhos David e Nicoletta. A menina nasceu quando ela estava presa.

Alena e Frantisek Hanzlik recebem a visita de Jaromir Kerbl e seu filho Roman no pequeno apartamento que dividem com dois companheiros de aventura.

Jaromir Kerbl tinha 19 anos quando decidiu juntar-se ao grupo em sua tentativa, em Praga. Na Prisão, ele aprendeu a pintar. Hoje, sustenta a duras penas sua mulher alemã Helena e seu filho Roman. Oficialmente, Kerbl não pode trabalhar enquanto não conseguir legalizar sua situação como asilado. Mas, os órgãos oficiais fazem vista grossa.

Ao sair da prisão, Milan Trcka, 26 anos, passou a viver sozinho em Darmstadt, onde tem problemas por sua participação no seqüestro. A cada duas semanas, ele vai à agência de empregos, mas ainda não conseguiu encontrar trabalho.

Jiri Beran, 26 anos, e Alena fugiram para construir um lar no Ocidente. Casaram-se na prisão. O último a sair foi Jiri. Juntos buscam agora realizar seus planos. Mas, são muitos os obstáculos a superar. Em um modesto apartamento de duas peças em Heppenheim, Jaromir Dvorak, Jiri Vochomurka e Frantisek e Alena Hanzlik vivem com dificuldade. Dvorak não encontra trabalho e seu desejo de fundar um

conjunto musical com seus amigos não passa, por enquanto, de sonho porque falta dinheiro para comprar instrumentos e amplificadores. Em Praga, Vochomurka era disc-jockey, mas não estava satisfeito em apresentar programas que tinham que ser oficialmente aprovados: ele sonhava em fazer música ocidental no Ocidente, mas também não consegue emprego. O único dos quatro companheiros de apartamento a conseguir logo um lugar de secretária foi Alena Hanzlik. Frantisek também está desempregado.
Com seus filhos Nicoletta e David, Olga Setnicka vive em Munique, onde trabalha como recepcionista. David tinha um ano de idade quando ela resolveu participar do seqüestro aéreo. Nicoletta nasceu na prisão. O pai das crianças é o companheiro de aventura de Olga, Jiri Vochomurka.
O drama desses **piratas aéreos** os convenceu do caminho inadequado que escolheram para alcançar a liberdade.

Laromir Kerbl, sua mulher alemã Helena e seu filho Roman: a arte de sobreviver.

Está faltando um. O líder do grupo. Lubomir Adamica, enforcou-se na prisão

O MELHOR JORNAL DE BRASÍLIA É NOTÍCIA HÁ 5 ANOS.

Desde o início procuramos dar aos nosso leitores mais do que simples informações. E optamos por um estilo jornalístico com base na abordagem criteriosa da notícia e análise imparcial do fato. Com isso traçamos, desde cedo, nosso perfil de jornal sério, isento, compromissado com a verdade. Em 75, com apenas 3 anos de vida, conquistamos o Prêmio Esso como a melhor contribuição ao Jornalismo brasileiro, naquele ano. A partir daí, a afirmação definitiva. Hoje frequentamos os lugares mais importantes da capital e estamos sempre nas mãos de quem decide.

Jornal de Brasília

Você lê, você decide.

Jornal de Brasília

BRASÍLIA, DIS... FEDERAL, TERÇA-FEIRA, ... DE 1977

...COM A IGREJA

JOGADA ...

Geise... coma... sema...

...t desaf... ...do ára... ...tensã... a Isra...

ARNALDO ARAUJO

Raimundo Faoro, presidente da OAB - RJ.

Orientação e esclarecimentos são dados aos divorciados na Apoio.

Texto: Hélio Cunha Vieira

Fotos: Fernando Seixas

O divórcio do começo ao fim

A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Brasília, fixou as custas processuais de um divórcio em cerca de Cr$ 7 mil, o advogado Raimundo Faoro, presidente do órgão no Rio de Janeiro, afirma que as custas dependem do patrimônio que estiver em discussão, mas o cálculo de Brasília não foge à realidade. Raimundo Faoro acrescentou ainda que uma ação de divórcio será julgada rapidamente — é coisa para meses, como ele afirmou — não vai demorar nem um ano, o que para nós é considerado rápido.

O único problema admitido por Raimundo Faoro é que durante o ano de 1978 as Varas de Famílias ficarão congestionadas pelos pedidos de divórcios, uma vez que funcionam com somente dois juízes. Faoro explica que a Corregedoria de Justiça deverá tomar providências para habilitar as Varas de Família com mais juízes e os cartórios seriam dotados de medidas para atender a demanda.

Rotina em um ano

Raimundo Faoro admite que o divórcio, em princípio, é um problema mais administrativo do que judiciário, mas dentro de um ano passará a rotina como vem acontecendo atualmente com as ações de proteção aos filhos, alimentação e outras. Ele afirma, também, que a lei veio melhorar muito a situação com relação aos filhos e explica:

— Agora, um homem casado que tenha filho em regime extraconjugal poderá registrá-lo, tranqüilamente, o que não acontecia anteriormente. Esta é a modificação de maior relevo no assunto.

Raimundo Faoro esclarece

Uma funcionária capta o problema e encaminha a solução.

que, quanto ao regime de bens, haverá comunhão parcial, isto é, cada um levará do casamento os bens que já tinha antes. Quanto à pensão alimentícia, ele frisa:

— Também não sofre modificações substanciais. O que há é uma modificação que não é de lei. O marido vai deixar de prestar assistência alimentícia à mulher que contrair um novo casamento. É uma definição de responsabilidade que até o momento sofria pela prova. Agora, com o novo casamento, fica tudo definido.

Quanto à tramitação processual de uma ação de divórcio, Faoro acha que será muito fácil:

— Há dois casos: o primeiro no que um casal já está há mais de cinco anos separado, dependerá de uma prova; o segundo, de casal já desquitado há mais de três anos, só basta provar o cumprimento das obrigações a serem consideradas para o processamento do divórcio.

Finalmente, Raimundo Faoro disse que a maioria divorcista foi muito prudente em não retardar o projeto — que ele considera inconstitucional — mas que dentro de três anos, quando o problema surgir, os tribunais já declarariam a constitucionalidade. Para ele, a lei é boa e resolverá problemas antigos.

Apoio defende a família na hora incerta

Enquanto escritórios individuais de advocacia, sobretudo nas grandes metrópoles, preparam-se para atuar na Justiça em função da entrada em vigor — a 28 de dezembro último — da lei que regulamenta o divórcio, entidades estão sendo criadas com a mesma finalidade, mas de maneira mais ampla. Se a primeira preocupação de tais entidades seria o barateamento do processo de desquite, por outro lado, pretendem um alcance mais profundo, de modo a resguardar a família, cuja estrutura vem de ser alcançada, no Brasil, com a vigência da Lei Nélson Carneiro.

Tomando-se por base Rio e São Paulo, estima-se, nos meios forenses, que um divórcio (honorários e custas) amigável fique, quando não houver partilha, em 20 mil cruzeiros; na hipótese de partilha, os custos se elevarão automaticamente. O rebaixamento desses custos poderá ser provocado por tais entidades em formação.

Já existe uma em funcionamento no Rio que, à semelhança de outras dos Estados Unidos, Canadá, França, Bélgica e Dinamarca, se constituiu para uma tentativa de manutenção da estrutura familiar, ajudando seus associados a enfrentarem, em todos os campos, as repercussões com a adoção do divórcio. No bairro carioca de Botafogo, no casarão n.º 188 da Rua D. Mariana, está em plena atividade a Associação Proteção e Obra Integração e Orientação Familiar — APOIO — cuja origem é o idêntico sofrimento por que passaram, em questões de família, seus fundadores.

A mecânica de funcionamento é a seguinte: o associado adquire título de sócio efetivo e remido por Cr$ 20.000,00 (que podem, também, ser pagos em outro plano, a prestação), o que os capacita a qualquer ação judicial que envolva direito de família (divórcio, desquite, pensão alimentícia, anulação de casamento, tutela, curatela, investigação de paternidade, doação, pátrio poder, guarda e educação de menores, etc).

Com um detalhe: por toda a vida, sem que tenha o associado de desembolsar novas quantias, além dos emolumentos de cartório e custas, as quais serão mais baratas cerca de 50% do que as dos processos individuais, porque os custos são rateados entre associados da APOIO.

Segundo a presidenta da associação, d. Thais Mello Lima, a entidade não tem qualquer fim lucrativo, trabalhando seus dirigentes sem qualquer remuneração. Toda a arrecadação se destina à contratação de profissionais (advogados, psicólogos, pedagogos etc) especializados nas diversas gamas de problemas que seus associados possam oferecer.

"Pretendemos minimizar ao máximo os conflitos resultantes da separação do casal, quaisquer que sejam eles", diz d. Thais, que, diariamente, cercada de seus auxiliares, está recebendo, desde o dia 12, pretendentes ao guarda-chuva da Apoio.

Sucessão só depois do carnaval

Cláudio Lembo, presidente da Arena-SP

Presidente da Arena paulista pede calma

Quando Cláudio Lembo foi escolhido para presidir a Arena de São Paulo houve, entre experimentados políticos, manifestações de reserva quanto ao acerto da indicação, partida do Governador Paulo Egidio Martins. Tratava-se de um jovem que, embora categorizado funcionário de um dos maiores bancos do País, carecia da necessária experiência política para exercer cargo de tanta relevância. Acontece que o dono de banco era Olavo Setúbal e Cláudio Lembo seu assessor especial. Quando Setúbal foi nomeado Prefeito de São Paulo, levou Cláudio Lembo consigo e, para tê-lo sempre perto de si, nomeou-o Secretário Sem Pasta, ou mais precisamente, Secretário para Assuntos Extraordinários da Municipalidade paulistana. E, assim, Lembo travou contato com fascinante e intrincado mundo da política. Designado presidente da Arena-SP, em pouco tempo fez com que as manifestações pessimistas das "velhas raposas" da política bandeirante fossem substituídas por palavras de aprovação à escolha feita pelo Governador, tal a argúcia com que soube se conduzir no cargo, a par do senso de moderação e equilíbrio que demonstrou. Nesta entrevista exclusiva a **O Cruzeiro,** Cláudio Lembo, embora não fale sobre nomes de candidatos à sucessão — no Estado e no País —, fornece um dado, que parece novo: a sucessão federal dificilmente se definirá em janeiro, mas só depois das viagens que o Presidente Geisel fará ao Uruguai e ao México, nos começos do ano.

SUCESSÃO PAULISTA ESTÁ SE DEFININDO AGORA

— "A sucessão paulista, na verdade, está se definindo agora", diz Cláudio Lembo. "São múltiplos os candidatos que surgiram a Governador de São Paulo. No entanto, não temos ainda maneira efetiva de saber o que querem as bases da Arena de São Paulo. É indiscutível que a melhor forma de saber o que querem essas bases será o resultado da Convenção do partido, em junho do próximo ano. No entanto, muitos nomes estão surgindo, nomes todos eles muito qualificados, e cabe agora às lideranças do partido, bem como as próprias bases partidárias, somarem esforços para que surja aquele nome que, efetivamente, tenha condições e qualidades para aglutinar a Arena paulista e, ao mesmo tempo, capaz de fazer um bom trabalho administrativo à frente do governo paulista".

— Quantos candidatos estão no páreo?

— "São muitos os candidatos conhecidos, ou melhor, propalados, de modo que não ficaria bem, nem seria justo, que o Presidente da Arena paulista indicasse alguns nomes, porque se ele o fizesse poderia esquecer outros, igualmente respeitáveis, e estaria praticando uma injustiça. O Presidente do partido deve se manter sempre numa posição de árbitro, de juiz, que aguarda a vontade da maioria, na Convenção, e que não deve se pronunciar a respeito de nenhum nome.

— O Presidente da Arena-SP, ao mesmo tempo é também Secretário Extraordinário da Prefeitura da Capital e, assim, trabalha bem perto do Prefeito. Acha que o Sr. Olavo Setúbal é um bom candidato a Governador do Estado?

— "Pessoalmente admiro as qualidades do Prefeito Olavo Setúbal. No entanto, quem poderia responder se ele seria um bom governador é o próprio partido, através de suas bases e de suas lideranças, indicando-o candidato a esse posto. Se eu me pronunciasse a respeito, estaria rompendo o silêncio que venho mantendo, como árbitro, no decorrer de todo esse processo que precede a sucessão do Governador Paulo Egidio Martins".

— No âmbito federal, tem algumas considerações a fazer sobre os nomes apontados como possíveis candidatos a Presidente?

— "Parece que o processo sucessório deverá se iniciar em janeiro. Mas não creio que ele possa se definir em janeiro. Imagino, mesmo, que esse processo só terá um contorno nítido e preciso após as viagens que o Presidente Geisel fará ao Ururguai e ao México nos primeiros meses do ano. Precipitar o processo não me parece nada oportuno, porque poderia criar tumulto na área administrativa, tanto federal como estadual. Parece-me que as duas coisas devem caminhar com muita tranqüilidade, ou seja, o processo administrativo e o processo político. E o processo político, neste instante, é feito de especulações, de vontades que surgem e desaparecem, e tudo isso é válido. No entanto, uma definição sobre a sucessão quanto mais tardar talvez seja melhor para o partido e para o País, como um todo, que deve ser administrado num clima de harmonia".

— Quais as datas das viagens do Presidente Geisel?

— "O Presidente viaja para o Uruguai em janeiro e para o México em fevereiro, após o Carnaval. Acredito que só depois dessas viagens teremos uma definição mais clara do processo sucessório, em ambas as esferas, a estadual e a federal"

— E as eleições parlamentares de novembro vindouro?

— "De minha parte, dou grande importância ao pleito de 15 de novembro de 78. Imagino que essas eleições sejam extremamente importantes para a obtenção do necessário suporte popular para os próximos governos. Sem esse suporte popular um governo pode exercer suas funções, porém jamais existiria o indispensável amálgama entre governados e governantes. Peço até aos companheiros da Arena para que não se preocupem somente com as sucessões estadual e federal, mas concentrem seus esforços na campanha que culminará com o pleito de 15 de novembro".

Entrevista a Arlindo Silva
Fotos: Olímpio Sayanoviscki

Cha

Dos tempos modernos para todos os tempos

Texto: Ivan Bella
Fotos: Rex Features

Aos 18 anos Charles Spencer Chaplin já havia ganho o primeiro milhão de dólares e o apelido de Carlitos, marcando o seu êxito num mundo que ele criticou ferozmente, com toda a força de uma mímica poderosa, que levava até os mais insensíveis a rirem ou chorarem dos seus dissabores e da sua candura diante da vida. Mas como ele próprio disse, o vagabundo que criou permaneceu sobre o muro, e nunca desceu. Por fim, o muro tornou-se um pedestal: diante dele passaram milhões de pessoas, durante várias gerações, sem distinção de idade, de classe social, de raças, sem distinguir credos, em todas as nações. Foi, talvez, o maior humanista do século.

Em *The Kid* ("O Garoto", 19[illegible]) [illegible] ego, o garoto Jackie Coogan [illegible].

plin

Tempos felizes com Paulette Goddard: ao todo foram quatro esposas até encontrar Oona O'Neil.

Chaplin brincou e sorriu no seu leito de morte. Ele morreu na madrugada do Natal, na mansão onde residia há anos, em Vevey, na Suíça, junto ao Lago de Genebra. Eram quatro horas e o velho comediante dormia o sono dos seus 88 anos. Sua família estava à volta: Oona, sua mulher, e os filhos, à exceção de Geraldine, que viajava pela Europa. Os médicos de Chaplin haviam advertido a família de que este seria o último Natal de Carlitos. Por isso estavam todos em casa, embora o comediante estivesse acamado, atacado de bronquite, todos foram ao seu quarto levar-lhe presentes, puramente simbólicos — gravatas, lenços, estatuetas, brinquedos pitorescos e eletrônicos. O ambiente que o cercou nos últimos momentos foi fraternal, alegre e teve aquele toque de drama que nunca faltou aos seus filmes, nem à sua própria vida, como ele contou:

"Nasci a 16 de abril de 1889, às 8 horas da noite, em East Lane, Walworth, na Inglaterra. Pouco depois mudamo-nos para West Square, em St. Georges Road, Lambeth. Segundo mamãe, era feliz o meu mundo de então. Vivíamos com relativo conforto em três cômodos bem mobiliados. Uma das minhas primeiras recordações é a de que toda a noite, antes de mamãe ir para o teatro, Sydnei e eu éramos carinhosamente postos numa cama confortável e entregues aos cuidados da empregada. Naquele mundo dos meus três anos e meio tudo era possível; e se meu irmão Sydnei, mais velho do que eu quatro anos, podia escamotear uma moeda, engoli-la e fazê-la reaparecer na nuca, eu também podia fazer o mesmo. Foi assim que engoli meio penny e mamãe precisou chamar o médico."

O "Grande Ditador" Winkel ergue o braço. Parece advertir alguém, mas na época ninguém entendeu. Foi em 1940.

O menino não chegou a conhecer bem o pai, mas sua mãe, que também era atriz de variedades, contou-lhe que ele era um homem calado, taciturno, de olhos escuros, que se parecia com Napoleão. Tinha uma clara voz de barítono e era considerado um dos bons atores de variedades de Londres. Ganhava a confortável soma de 40 libras semanais. O problema é que bebia demais e isso causou a separação do casal.

Após a separação dos pais, a mãe de Chaplin o levava à noite para o teatro. Ela preferia isso a deixá-lo sozinho na pensão. Nessa época ela representava num *poeira*, cuja platéia, em sua maioria, eram soldados, uma audiência rude, que não perdoou quando a atriz começou a perder a voz. Carlitos tinha cinco anos. Certa noite sua mãe ficou muda em meio a uma canção. O público começou a cantar em falsete e a miar como gatos. Chaplin contou assim o espisódio:

— Tudo era vago e não entendi direito o que ocorria. Mas o barulho aumentou tanto que mamãe se viu obrigada a sair de cena; foi para os bastidores muito agitada; discutiu com o empresário, e o homem, que me vira representar para os amigos de mamãe, sugeriu que me pusessem em cena no lugar dela.

Naquela confusão toda, lembro-me de que o homem me levou pela mão até o centro do palco e depois de algumas explicações deixou-me sozinho sob as luzes, num ambiente enfumaçado. Comecei a cantar acompanhado pela orquestra, cujos violinos gemeram até acertar com o meu tom. Era uma cantiga muito conhecida, chamada *Jack Jones*. No meio da cançoneta uma chuva de moedas desabou sobre o palco. Parei de cantar imediatamente, dizendo que primeiro ia apanhar o dinheiro e depois prosseguiria com a canção.

O empresário apareceu com um lenço para me ajudar — e desconfiei que ele pretendesse ficar com as moedas. Quando disse isso à platéia, estouraram as gargalhadas, principalmente quando segui o homem até os bastidores para reaver meu dinheiro. Só depois que ele entregou o dinheiro a

mamãe é que voltei ao palco. Sentia-me à vontade. Conversei com o público e fiz várias imitações, inclusive de mamãe cantando a sua marcha irlandesa. Mamãe jamais recuperou a voz. Pouco depois nos recolhíamos ao asilo de pobres de Lambeth.

Foram anos duros para a família de Chaplin. E seu primeiro emprego no palco, depois disso, foi numa companhia de sapateadores. Antes ele fora jornaleiro, tipógrafo, fabricara brinquedos, foi soprador de vidro, recepcionista de médico e desempenhou vários outros bicos para sobreviver. Enquanto isso, ia periodicamente à agência teatral de Blackmore, em Bedford Street. Um dia o mandaram procurar um Sr. Hamilton, que mostrou-se surpreso e divertido com o tamanho de Chaplin: — Claro que menti a respeito da minha idade. Disse que tinha 14 anos, mas na verdade tinha só 12 e meio, contou Carlitos.

Foi aí que o menino ganhou *seu* papel: o criadinho de Sherlock Holmes, durante uma turnê de 40 semanas.

— Eu atingira aquela idade penosa e desagradável da adolescência, sujeitas a flutuações emocionais. Era um adorador do temerário e do meio dramático; um sonhador, um choramingas, insultando a vida e a adorando; inteligência ainda em crisálida, mas com súbitas erupções de amadurecimento. Eu criava nesse labirinto de espelhos deformantes, com minha ambição funcionando em jorros intermitentes.

A palavra *arte* jamais entrara em minha cabeça. O teatro representava apenas um meio de vida — nada mais.

Passada a crise da adolescência, fracassos e meios êxitos levam finalmente o comediante para os Estados Unidos, onde em pouco tempo fez seu primeiro milhão de dólares, formando uma das filmografias mais ricas da história do cinema, meio de comunicação do qual ele aproveitou todo o potencial. Nos seus filmes retratou a humanidade que ele conhecera na infância pobre, na maturidade rica, condenando a guerra, a desumanização trazida pela sociedade de consumo e, finalmente, o totalitarismo, do qual ele também foi uma das vítimas. Não perdeu, no entanto, aquela veia sensível, não destituída de um certo distanciamento do menino pobre que assiste a vida e não compreende por que a neve é mais fria para ele. Talvez seja essa a razão que o levou a compreender melhor do que ninguém os Tempos Modernos, um dos seus maiores sucessos, e que lhe permitirá, também, e melhor do que qualquer outro, permanecer na lembrança dos homens — talvez por todos os tempos.

A imagem clássica de Charles Spencer Chaplin, o Carlitos que o mundo recordará.

Chaplin conserva nos olhos o brilho do jovem que aprendeu a olhar a alma das pessoas.

Adeus Carlitos. O vagabundo genial dá as costas ao mundo que pretendeu tornar um pouco melhor.

Edição de relançamento esgotou-se em 30 horas

Reinauguramos o nosso correio com os leitores, com uma bonita notícia: nossa edição de relançamento esgotou-se em 30 horas de banca: 150 mil exemplares. As subseqüentes vêm mantendo excelente nível de venda em todo o Brasil. Um jorro de telefonemas, cartas e telegramas — e muito mais cartões de Natal —, evidencia que a sua Revista continua firme, desejada como nos velhos tempos.

Nossas festas de relançamento, no Rio e São Paulo, reuniram as grandes lideranças da sociedade brasileira — no campo político, econômico e social. Tudo isso indica que voltamos em boa hora, sob o amparo de um mercado vivo e saudoso de seu **O Cruzeiro**. Afinal, a Revista pertence ao Brasil, aos leitores, e nós, que a produzimos, somos apenas delegados da confiança do mercado.

ARNALDO PRIETO

— CUMPRIMENTANDO REVISTA O CRUZEIRO AGRADEÇO GENTILEZA CONVITE ENVIADO VG FORMULANDO VOTOS COQUETEL RELANÇAMENTO TENHA SE REVESTIDO MAIOR BRILHO VG LAMENTANDO NÃO COMPARECIMENTO VIRTUDE COMPROMISSOS ESTA PASTA (Ass) Arnaldo Prieto, Ministro do Trabalho.

CARTA DE ÁLVARO VALLE

— A carta do deputado Álvaro Valle, na edição de relançamento de **O Cruzeiro**, nos faz bem. Homens como ele, graças a Deus, não faltam para salvar a Igreja. São respeitosos da tradição, praticantes do culto, estudiosos das Encíclicas, preocupados em não sujar a mensagem evangélica por caminhos novos, cautelosos para não dar passos nem à direita, nem à esquerda. Com esses homens podemos viver tranqüilos. Suas peneiras retêm todas as infiltrações. Seus pronunciamentos, nas assembléias, são acima de qualquer suspeita... (Ass) Yves Maupeou, rua Coronel Pacheco, 115 — Várzea — Recife.

MINISTRO DO EXÉRCITO

Vamos iniciar o registro de parte da correspondência recebida:

— AGRADEÇO GENTILEZA CONVITE COQUETEL RELANÇAMENTO REVISTA **O CRUZEIRO** PT COMPROMISSOS ASSUMIDOS CURSOS ESCOLA MILITAR IMPEDIRAM MINHA PRESENÇA PT FORMULO VOTOS PLENO ÊXITO ESSA IMPORTANTE REVISTA CUJO NOME MUITO REPRESENTA PARA TODO BRASIL (Ass) General Fernando Belfort Bethlem, Ministro do Exército.

EMILINHA BORBA

— Realmente o que é bom sempre volta, e foi com satisfação que li o primeiro número de **O Cruzeiro** em sua nova fase. Desejamos à tradicional e mais completa revista da América Latina êxito total, como nos velhos tempos. São os votos da Associação Nacional de Fãs e Amigos de Emilinha Borba. (Ass) Matos Matias, Secretário.

GOVERNADOR ÉLCIO ÁLVARES

— AGRADEÇO RECEBIMENTO CONVITE RELANÇAMENTO O CRUZEIRO DESEJANDO GRANDE REVISTA PLENO ÊXITO PT (Ass) Governador Espírito Santo, Élcio Álvares.

INFÂNCIA

— Eu tenho 10 anos e papai me mostrou a revista **O Cruzeiro**, dizendo que ela é a melhor. Eu olhei e achei muito bonita. Mas fiquei também triste. Não encontrei reportagem de Roberto Carlos. Mandem fazer uma com ele por favor. (Ass) Andrea Peres, rua Cristiânia, 24, fundos, Cachambi, Rio de Janeiro.

VOLTA AO LUGAR

— Sinceros e eloqüentes parabéns pela reedição da mítica **O Cruzeiro**. Retomou ela o lugar que esteve vago por dois anos, mas sustentada pela indiscutível mística. Sua ausência foi apenas material, eis que sobrevivia na opinião pública. E pelo que se pode ver, é certo, reeditará os grandes momentos na imprensa brasileira. (Ass) Aldo Gomes, rua Engenheiro Antônio Carlos Tibiriça, 128, apto. 101 — Bairro Jardim do Salso, Petrópolis, Porto Alegre, RS.

ESCOLA

— Eu aprendi as primeiras letras lendo **O Cruzeiro**. Como era muito pobre, um vizinho me emprestava a revista e eu levava para a professora me ensinar a ler. Graças a Deus a revista voltou. Como fiquei alegre. (Ass) J. Brasil, Garanhuns — Pernambuco.

SÃO PAULO ELVIS PRESLEY SOCIETY

— É com muita satisfação que recebemos de braços abertos o ressurgimento de tão valiosa revista. Não seria por menos, pois como foi e será importante para nós, leitores assíduos da mesma, sua aparição nas bancas foi maravilhosa. Contem conosco e com a juventude alegre de São Paulo. (Ass) João Antônio, Relações Públicas da SPEPS, Santo Amaro, São Paulo.

IDEAL

— Filho da geração de 50 é com imensa alegria que saúdo **O Cruzeiro** no seu relançamento. A princípio um certo ceticismo, mas, depois, a certeza na volta de um ideal que não se perdeu: o reencontro com uma velha e boa amiga do passado. A mesma consciência criadora, personalíssima, forjada em lições que o ontem soube ganhar. **O Cruzeiro** volta a ocupar um lugar para o qual não deixou substituto em termos de jornalismo verdadeiro, eletrizante, que dá real prazer em quem lê suas colunas semanais e vê suas fotos. Retrato inegavelmente vivo de nossa História, que continue em sua missão de bem informar e de melhor formar profissionais como escola que sempre soube ser. (Ass) Médico João Capozzoli, rua Orlando, 543, Vila Alpina, 03203, São Paulo.

MARANHÃO

— Cumprimento **O Cruzeiro** brilhante vitória relançamento pt Parabéns persistência seu diretor/editor e sua equipe pelo bonito trabalho. (Ass) José Ribamar Teixeira Araújo, Conselheiro do Tribunal de Contas do Maranhão.

MISSÃO DO RETORNO

— Estava incluído na minha agenda o prazer de participar da festa de relançamento de **O Cruzeiro**, no dia 14 de dezembro. Entretanto, motivos inteiramente fora de meu controle não permitiram que o meu retorno de Brasília se desse a tempo de participar de tão grata festividade. Aceitem os meus sinceros votos de pleno sucesso para **O Cruzeiro** e que a revista volte a ser aquele prestigioso e importante veículo de comunicação. (Ass) J. B. de Abreu Amorim, presidente da IBM.

Nota-da-Redação: Muitas cartas não foram aproveitadas em virtude de não registrarem endereços e das assinaturas serem ilegíveis. Solicitamos aos leitores atenção para esse detalhe, com os agradecimentos da redação.

Belo Horizo
A explosão da cidade

Vencendo todos os obstáculos, resultantes em sua maioria do seu explosivo crescimento, Belo Horizonte chega aos 80 anos com a garra das grandes metrópoles. A velocidade é tal que sua expansão não chega a ser notada, muitas vezes, pelos seus próprios habitantes. Construção de pontes, canalização de córregos, abertura e asfaltamento de ruas, praças e avenidas, novas escolas, postos de saúde, aumento das áreas verdes, formação de centros comunitários e de lazer.

No conjunto desse elenco de obras, o maior da história de Belo Horizonte, se destaca o Viaduto do Barreiro, que vem beneficiar, diretamente, 300 mil pessoas. Mais que uma obra de engenharia, ele é um monumento vi ao progresso de uma cidade, que se fez metrópole graças à perfeita identidade de propósitos e integraçã de forças entre povo e governantes, e tem sido a marca da administração Luís Verano-Aureliano Chaves.

Para conferir um colorido festivo

Após dois anos de ausência, treinando a equipe do Kuwait, Mário Jorge Lobo Zagallo, alagoano, tricampeão mundial, técnico de futebol, volta ao Brasil. Mas apesar de não ter atingido o objetivo para o qual fora contratado — classificar o Kuwait para disputar a Copa do Mundo na Argentina — não voltou derrotado. Pelo contrário:
— Volto auto-confiante, pois aprendi muito mais com as derrotas de 74, na Alemanha, e com a não classificação do Kuwait, do que com todas as vitórias que já consegui.

Assim falou Zagalo

As derrotas nos ensinam a vencer

Texto de Antonio Carlos Muricy
Fotos de Ayrton Quarezma

Zagallo explica que, na vitória, tudo são flores, tudo é perfeito. Os erros existem, estão lá, mas ninguém os vê. Na derrota, as falhas aparecem claramente, e aí se pode corrigí-las. No Kuwait, Zagallo e Parreiras, seu preparador físico, tiveram uma tarefa ingrata: conseguir transformar um time de amadores numa equipe competitiva, capaz de se classificar para a Copa. E quase conseguiram. Depois de dois meses de trabalho árduo e cansativo, os primeiros resultados começaram a surgir: o Kuwait ganha a Copa do Golfo da Arábia, que equivale a uma Copa do Mundo do Oriente, derrotando o grande favorito, o Iraque. "Parecia até a chegada da Seleção Nacional do México", conta Zagallo. "O torcedor do Kuwait é muito pacato, quando assiste a uma jogada melhor, aplaude, como num teatro. Mas a vitória na Copa do Golfo deixou o pessoal transtornado, porque ninguém acreditava que isso seria possível. O prêmio pelo feito foi um terreno e uma casa para cada jogador." Depois veio a disputa da Copa da Ásia, sempre disputada em Teerã, capital do Irã, que geralmente é o vencedor. A Vila Olímpica, onde se realizam as disputas, "não tem igual na América do Sul", segundo Zagallo. O Irã voltou a ser o campeão ao derrotar o Kuwait por 1 a 0, na final. Dessa maneira terminou o primeiro ano de Zagallo no Kuwait, quando regressou ao Brasil para passar o Natal com seus quatro filhos.

— Inclusive foi este um dos motivos da minha volta ao Brasil, diz Zagallo. Imagine o que foi para mim, um carioca que nunca havia trabalhado fora do Rio de Janeiro, ir parar no Kuwait, longe de meus filhos, acompanhado apenas de minha esposa. Mas nisso não vai nenhum ressentimento para com o povo do Kuwait. O carinho das pessoas era algo comovente. Sempre que me reconheciam, diziam para mim: good-luck, good-luck, good-luck!

O segundo ano começa com a Copa do Exército, uma competição entre vários países, mas na qual as equipes são as respectivas seleções nacionais, ao invés de uma seleção só de soldados ou algo parecido. "Essa copa do Exército nós perdemos para o Iraque na disputa de pênaltis, e pra mim perder dessa maneira não passa de um mero capricho da sorte, sem nenhum desprestígio para o técnico". Veio finalmente a batalha por uma vaga no 4.º Grupo da Copa do Mundo. O Kuwait venceu os quatros jogos. Na fase decisiva perdeu para o Irã:

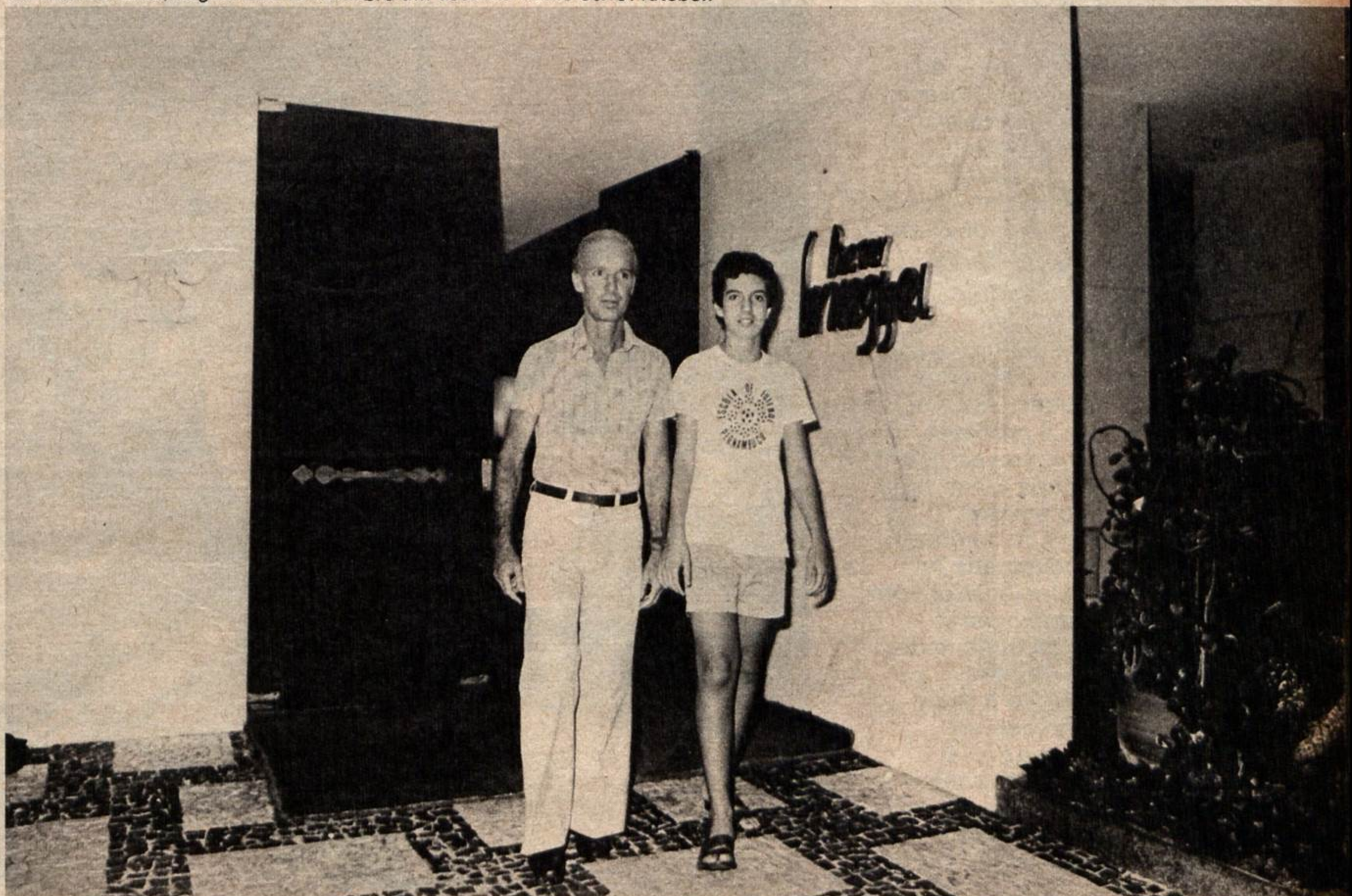
— Mas nós jogamos sem seis de nossos titulares, que estavam afastados por motivo de contusão. Tanto foi, que nos pediram que ficássemos por mais um ano treinando o time do Kuwait. Nós, eu e Parreira, temos até o dia 31 de dezembro desse ano para dar uma resposta final, mas eu já posso adiantar que, após conversações familiares, eu não vou voltar mesmo, apesar do carinho com que me receberam e à minha mulher. Fico mesmo no Botafogo. E do Kuwait ficam as lembranças agradáveis dos costumes diferentes, da terra estranha.

Tudo é importado, até a água, — conta Zagallo. Nós bebíamos água francesa, síria. Os navios no porto faziam filas que chegavam a 80, 90 deles. Uma vez, à noite, a filhinha do Parreira, vendo aquela fila de luzes falou: "Ih! Parece até a Ponte Rio-Niterói!"

— Em outra ocasião, ao ser convidado para um jantar, me fizeram uma recomendação: **não leve sua mulher.** Achei estranho, mas, em Roma faça como os romanos. Pois não é que num jantar de 400 pessoas não havia uma única mulher?

— Outro fato interessante — relembra Zagallo. Como o país é muçulmano, não há uma gota de álcool lá. Bebe-se refrigerantes, água, mas nada de álcool.

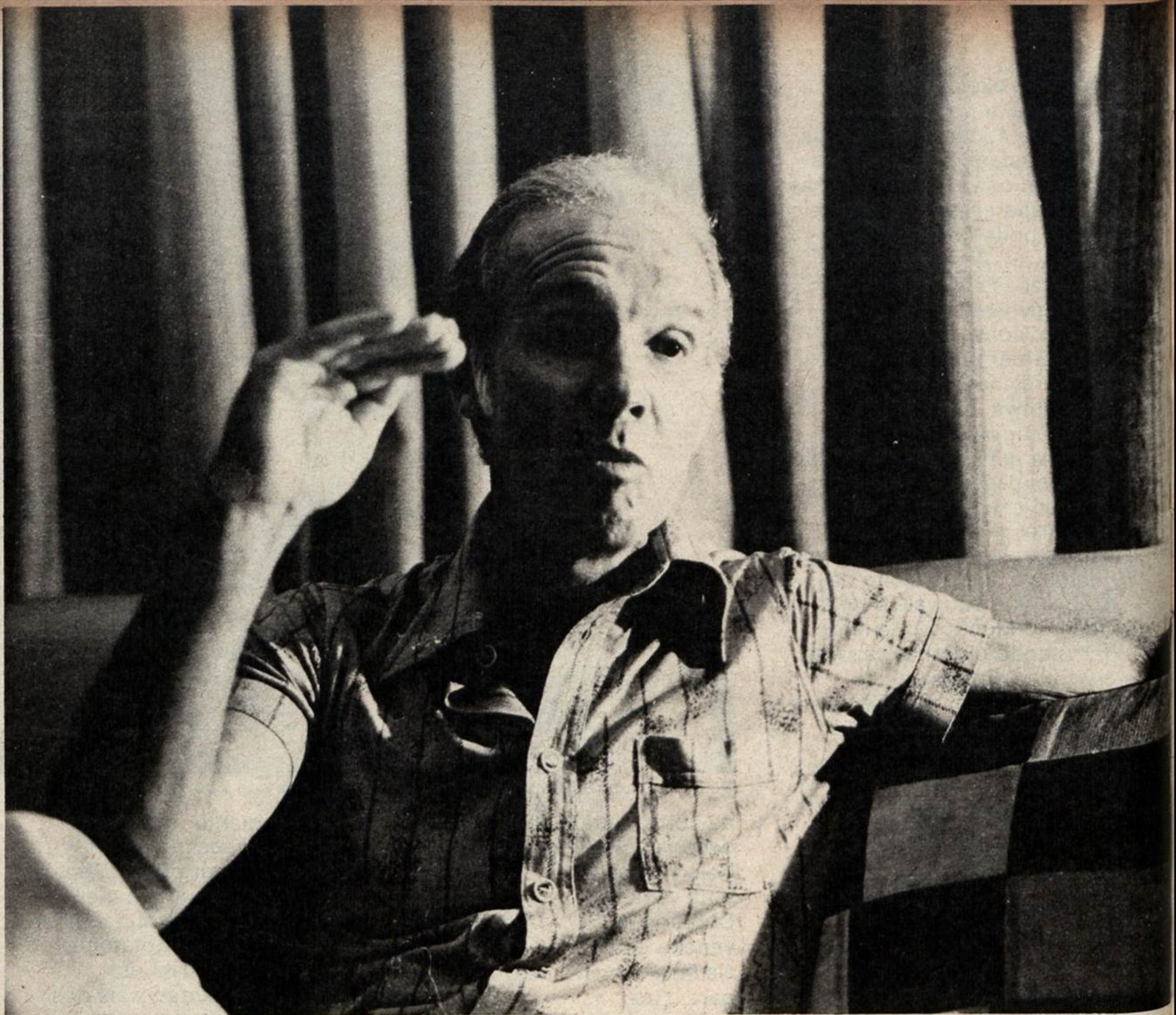
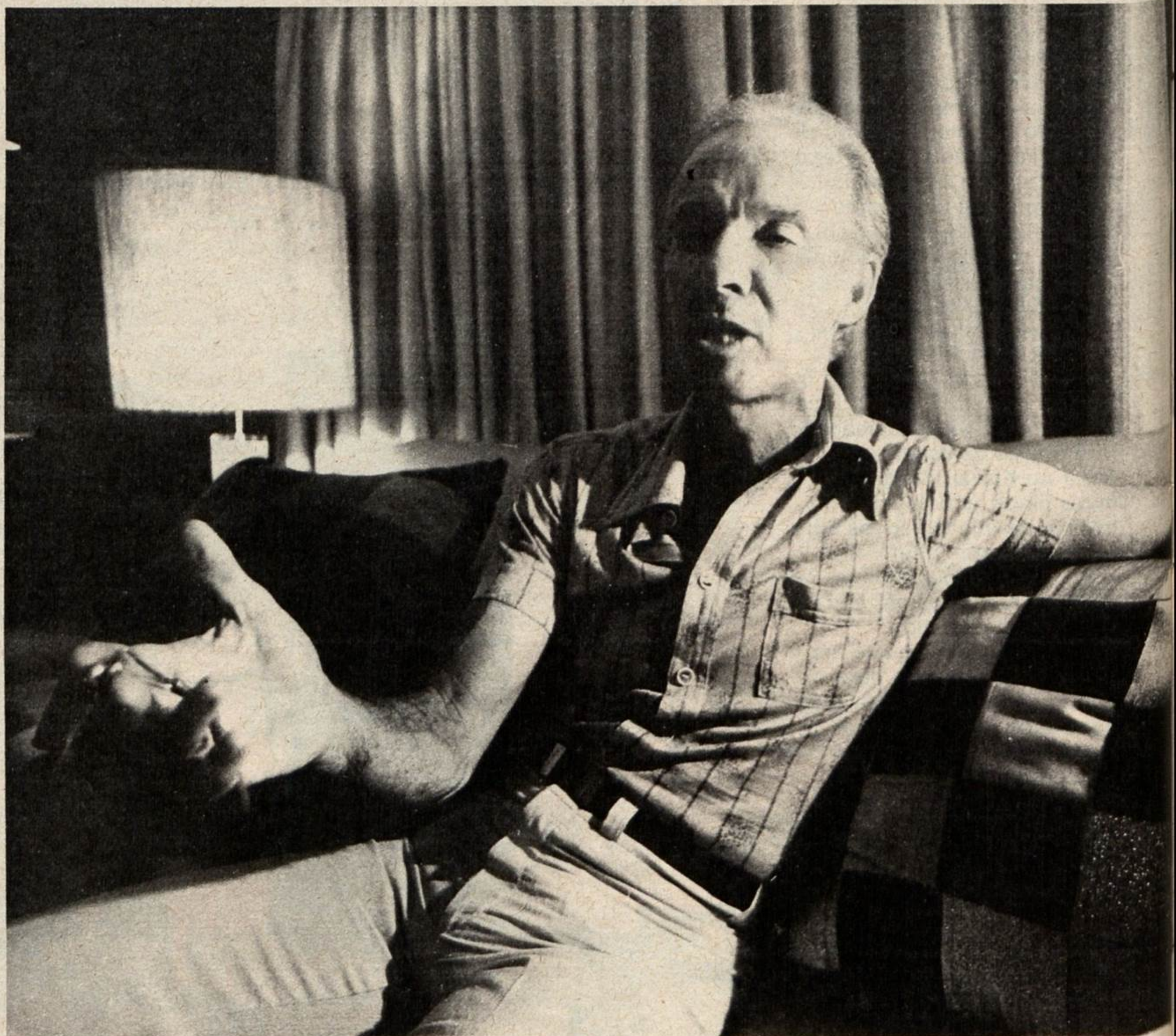
No Kuwait, tudo era importado, menos o carinho com que o povo me tratava.

Ao lado do filho, Zagalo fala sério sobre um assunto muito sério: futebol.

A volta ao ninho antigo

Mas, após o Kuwait, Zagallo começa agora uma nova fase de sua vida, de volta ao Botafogo. O trabalho deve ser lento, para que se consigam bons resultados. Será necessário uma reorientação geral, inclusive no que diz respeito ao número de jogadores do clube, que sofrerá uma redução. O que mais preocupa Zagallo é que ele só terá oito dias com a equipe, antes de o Botafogo recomeçar a jogar no Campeonato Nacional. Por isso acha que, inicialmente, nem vai tentar fazer alteração muito grande nas táticas, para não confundir os jogadores. Ao ouvir um comentário sobre a desclassificação do Fluminense e do Internacional, Zagallo diz que "as regras foram aceitas por todos, não adianta chorar.

É lamentável a desclassificação desses dois times, mas são coisas que fazem parte da caixinha de surpresas do futebol." Para Zagallo, o Campeonato Nacional deveria ter duas divisões, e explica: — Com menos clubes, porém mais selecionados, a disputa será muito mais interessante. Quanto ao problema das rendas, acho que só na prática se pode saber se esta ou aquela forma é melhor. Mas uma coisa se tem notado:

o futebol está melhorando, passando por uma renovação. Cada vez mais jogadores e técnicos saem de grandes centros para os centros menores, beneficiando, assim, o futebol do interior do Brasil.

Inclusive, nessa parte de melhoria de nível, eu acho que uma coisa muito importante seria obrigar o jogador a estudar, paralelamente à profissão, e quem não comparecesse às aulas não poderia jogar. Isso ajudaria muito o nosso futebol, porque, na minha opinião, a escolaridade é fundamental. Um jogador com Q.I. elevado fará jogadas muito melhor do que um de Q.I. mais baixo. E isso ajudaria também o próprio profissional, porque no momento em que deixar o futebol, ele poderá assumir outra atividade mais facilmente, se tiver um bom nível de escolaridade.

Para um bom técnico, a teoria é necessária, mas a prática é fundamental.

A experiência é tudo na vida. Perdendo foi que Zagalo aprendeu a vencer.

Zagallo entra em detalhes:

— Mas as coisas não devem ser levadas a extremos. No caso do técnico, por exemplo. O técnico só teórico leva uma enorme desvantagem em relação àquele que tem uma boa experiência prática. Eu acho que é necessário muita experiência de comando, que só com o tempo e prática se adquire. Um exemplo disso: Se você pega um contador que acabou de se formar, ele tem muita teoria; mas um contador que nunca estudou e foi contador a vida inteira, é muito melhor do que o primeiro, porque praticou. Eu acho que a prática é tudo na vida. A teoria é, no máximo, complementação. E, no caso de técnicos, mais ainda. O comando, a liderança é algo nato. Mas quem pratica a liderança sempre terá mais vantagem. O Chirol, por exemplo, é um teórico que eu aceito que seja técnico, porque ele já tem anos de prática como preparador físico. Tudo na vida se faz aos poucos, degrau por degrau. No meu caso, eu fui jogador campeão do mundo, mas comecei como técnico do time de juvenis do Botafogo. Eu era um cara inteligente, letrado, sabia falar, transmitir uma idéia, e no entanto, no meu primeiro ano como técnico de juvenis, eu pisava em ovos. A falta de prática de comandar atrapalhava. Nessa época o Neca era técnico da escolinha dos juvenis, e me deu mão muito valiosa. Fui técnico dos juvenis, ou seja, pratiquei, durante dois anos, antes de dirigir o time principal do Botafogo. Acho que é um erro enorme um jogador parar de jogar e ir direto dirigir o primeiro time.

— Zagallo, e a Seleção?

— Olha, em matéria de Seleção eu não dou palpite. A única exceção eu fiz durante uma entrevista na televisão, respondendo ao André Richer, que é da CBD. Por ser ele da CBD é que eu fiz essa exceção. Ele me perguntou o que eu achava da excursão da Seleção à Europa. Minha resposta foi de que sou contra a viagem se o time já estiver definido. Se não estiver — e parece ser esse o caso — ela deve correr um risco. Quanto ao resto, eu acompanho a Seleção como qualquer brasileiro amante de futebol, e vou torcer para que ela consiga conquistar mais essa Copa do Mundo.

A ética não me permite falar sobre a Seleção, exceto para os membros da CBD.

Só Wurtz pode dizer se estava vendo a bola...

Ulalá, essas parisienses...

Lido contra o Moulin Rouge no futebol de coristas

Reportagem Keystone

Branquinhas e esbeltas, elas trocam a maquilagem e as lantejoulas dos maiores shows **de Paris pela disputa de uma bola. Um espetáculo à parte na vida das coristas: o futebol-mulher, que nasceu de um desafio das garotas vermelhas de Saint Etienne, atraentes** girls **do Moulin Rouge, de Paris. Pouco futebol, mas muita** virtuosidade, **capaz de transformar a rivalidade com o Lido numa nova atração para os parisienses.**

Na França existe o time mais amado do mundo. Também não é muita vantagem, pois ele é formado pelas garotas do Moulin Rouge, tradicional e famosa casa noturna da Cidade Luz. É mais conhecido como o time vermelho de Saint Etienne. Como o Moulin estava absoluto na preferência do público, a rivalidade noturna impôs-lhe um adversário: o Lido de Paris. O das garotas azuis, como logo ficou conhecido. As coristas do Lido entraram no futebol agitando o noticiário e os meios desportivos, pois anunciavam aos quatro cantos que chegaram para serem campeãs da França em futebol feminino. Não tardou a resposta das garotas do Moulin, que lançaram o desafio: tudo se decide com a bola nos pés e não com o passado tradicional das noites parisienses. De dia, a coisa é outra. E veio a primeira partida no parque de Bagatelle, no Bois de Boulogne. Lá mesmo onde o nosso Santos Dumont decolou um dia com o "mais pesado do que o ar", o 14 Bis.

Um futebol diferente no parque de Bagatelle

Na arrancada do Moulin, ninguém quis saber do juiz

Robert Wurtz, o Armandinho da França, apitou o jogo

O jogo, o primeiro de uma série para decidir quem é melhor, despertou interesse, não pelo futebol a ser mostrado e onde a bola foi, realmente, o maior inimigo das rivais. Mas se elas não tinham a virtuosidade de um Pelé ou o calculismo de um Beckenbauer, tinham muita coisa a mostrar, sobretudo a plástica fora do alcance daqueles que não podem vê-la nas noites do Lido ou do Moulin Rouge.

A verdade é que o futebol das coristas era esperado mais como um **show** do que mesmo como uma partida a ser levada sério. E, por isso, nada melhor do que um juiz capaz de completar o espetáculo: Robert Wurtz, o árbitro francês mais conhecido internacionalmente e que gosta de dar o seu espetáculo à parte nas quatro linhas do campo. Assim ele foi visto no Maracanã, quando aqui esteve há tempos. Wurtz mostrou-se um juiz paciente e tolerante, mas chegou a mostrar cartão amarelo, quando a bola era deixada de lado e o puxa-cabelos continha uma arrancada mais perigosa na direção do gol. O juiz chegou mesmo a dizer que viu muito mais futebol do que esperava, mas confessou que perdeu alguns lances quando uma loura do Moulin ou do Lido aplicava o jogo de corpo na entrada da área.

— Talvez por isso — disse ele —, tudo terminou empate. Considero um resultado justo e muito bom para todos, porque já se sabe que vamos ter um jogo duro, daqui a pouco.

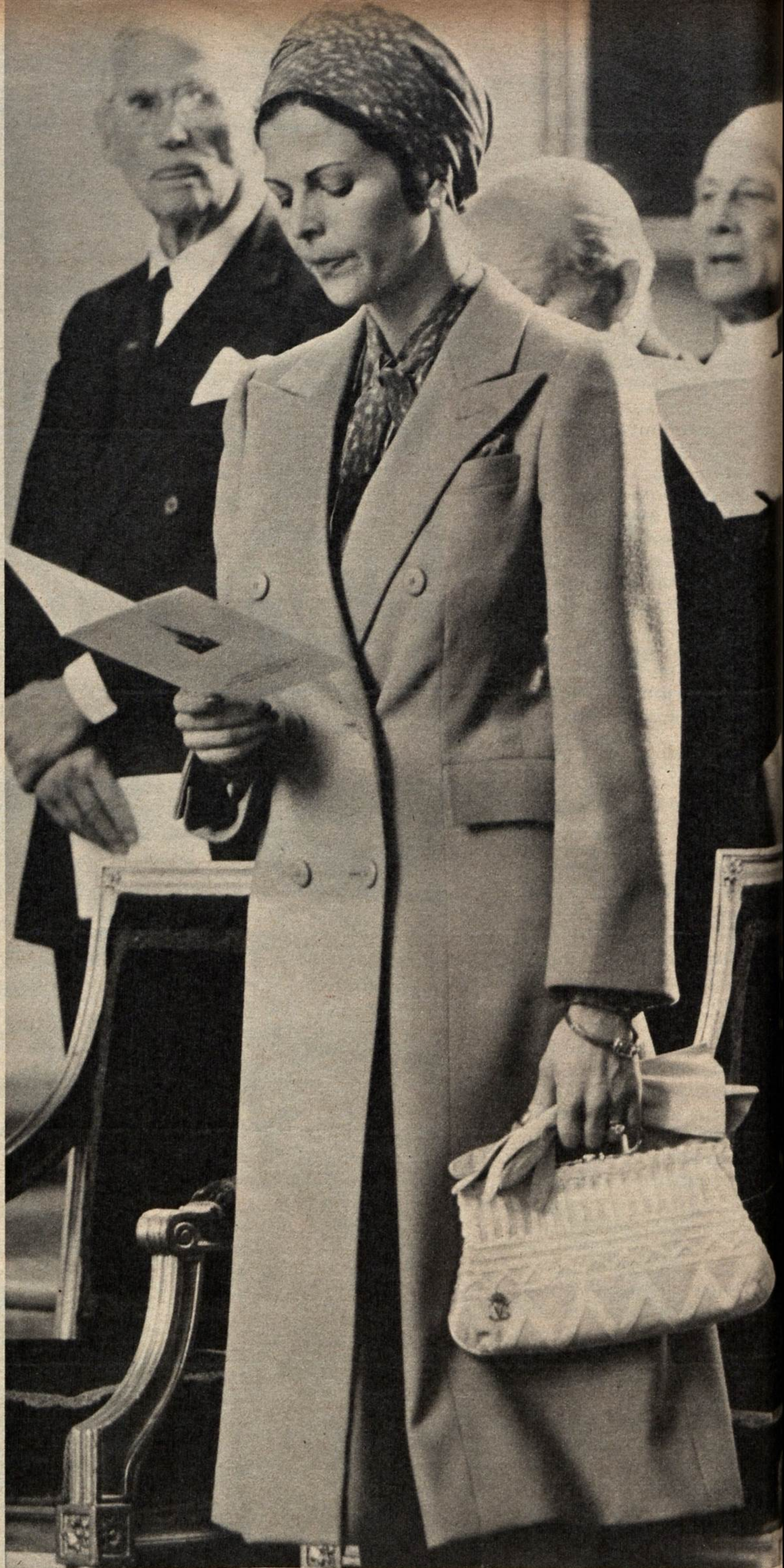
O futebol das coristas, de certa forma, está preocupando os donos das noites do Lido e do Moulin. Uma contusão pode quebrar o ritmo do **show**, que é o bom negócio para eles.

O jogo valeu também como um raro encontro com o sol

O empate foi festejado pelas estreantes do Lido

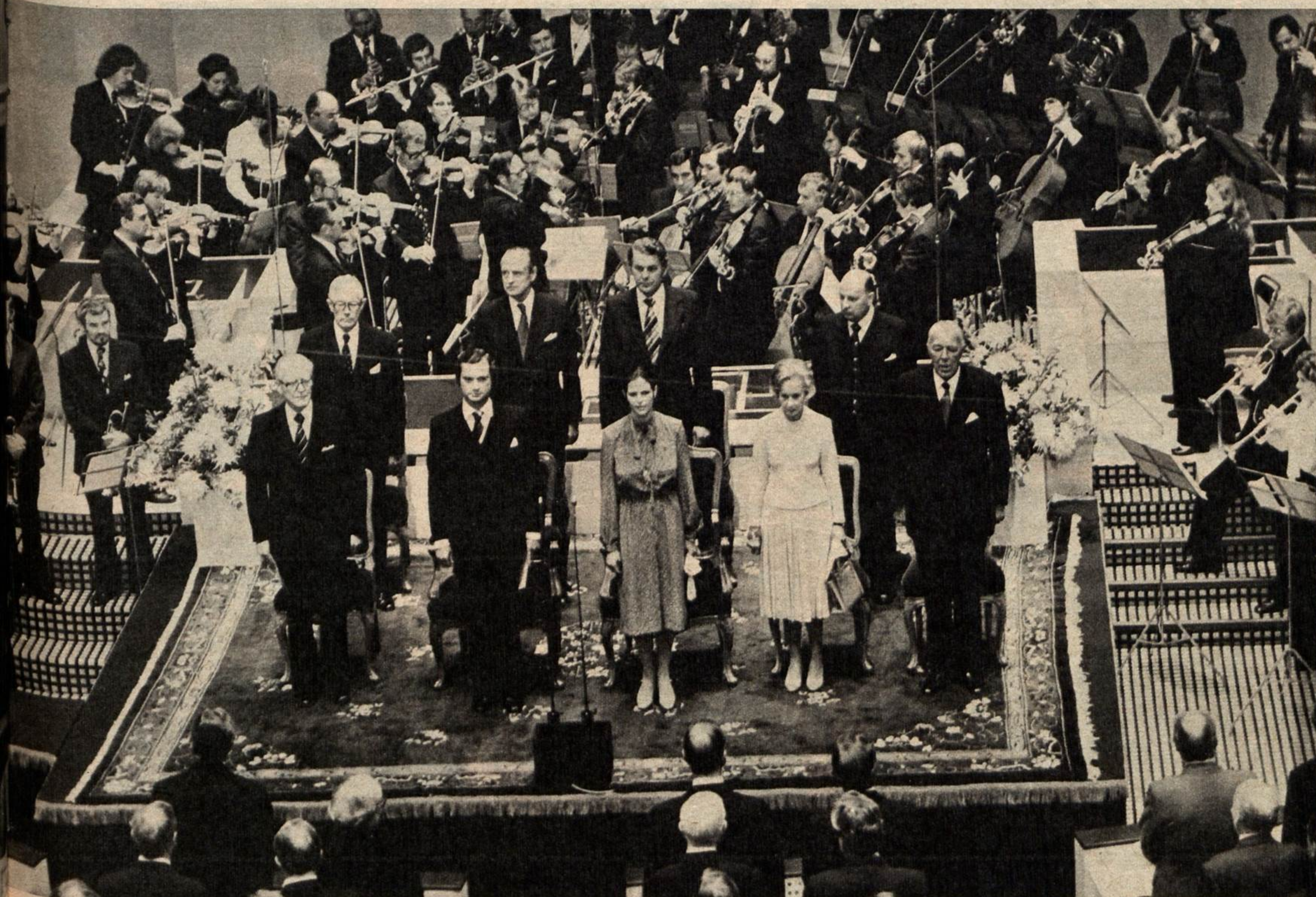
A recente abertura do Parlamento sueco traz a nós, brasileiros, novas imagens da Rainha Sílvia, esposa do Rei Carl Gustav. Sílvia, que ele conheceu como recepcionista e intérprete de alemão numa feira internacional, vive hoje mais uma realização dos sonhos e histórias de Cinderela, em que príncipes e plebéias, pelos tempos afora, se amam e se unem para sempre, num "happy end" que, por mais que se repita, nunca deixa de emocionar o mundo.

Rainha Sílvia um pouco do Brasil na nobreza da Suécia

Reportagem Keystone

Esbelta, mas de aparência saudável, após o nascimento de Vitória

Um dia festivo no Parlamento da Suécia. Na reabertura dos trabalhos legislativos, a presença do Rei Carl Gustav e da Rainha Sílvia. Um fato marcava mais, ainda, o dia da visita, pois sua filha Vitoria fora batizada havia poucos dias. Lá estavam também, entre tantas outras personalidades, os tios do rei, o Príncipe Berti e a Princesa Lilian, além do Primeiro-Ministro Thorbjorn Falldin e do líder partidário Karin Soder. Mas para nós, brasileiros, um detalhe sempre lembrado: a presença do nosso sangue na nobresa sueca, através da descendência indireta da Rainha Sílvia.
Na sessão parlamentar

Karin Soder, a líder feminista do Parlamento

O Primeiro-Ministro Thorbjorn Falldin, durante a solenidade

Todos cantam o hino nacional sueco

consagrou-se uma velha luta de Karin Soder pelas teses feministas, o que lhe deu especial destaque entre os líderes políticos. Foi, também, oficialmente anunciado que, durante as sessões do Parlamento, não mais será necessário que os membros da Casa se dirijam uns aos outros pelos títulos nobiliárquicos, por senhora ou senhor, mas apenas pelo nome de família, primeiro nome ou pela facção que represente.

A presença da Rainha Sílvia, sempre discreta, mas elegante, de uma nobreza cuja sobriedade vem sendo destacada na observação de seus súditos, foi o ponto alto da reunião da reabertura do Parlamento sueco.

Elegante e séria, Sílvia acompanha a solenidade

O Rei Carl Gustav, a Rainha Sílvia, a Princesa Lilian e o Príncipe Berti

A PAZ CHEGOU.

O anúncio que a humanidade precisa criar.

*A preocupação com a paz acompanha o homem em todas as gerações.
Na antiguidade, com lanças e flechas os homens se destruíam nas pequenas guerras tribais. O mundo evoluiu e com ele as guerras. A cada batalha, os homens apresentavam novos instrumentos destruidores, num aprimoramento constante. Milhões de pessoas e dezenas de nações sofreram com a destruição bélica. Um dia, o homem chegou à bomba atômica e o pavor de um conflito mundial com destruição de toda a humanidade passou a conviver com todos.
Hoje, se fala em bomba limpa. Irônica até no seu nome, esta bomba tem o poder de destruir os seres vivos, mantendo intactas as cidades e seus patrimônios.
Nós da propaganda trabalhamos e convivemos com os anseios dos homens. Sabemos como o desejo de paz está latente em cada ser humano, independente da sua nacionalidade. Nós gostaríamos que estivesse bem próximo o dia em que pudéssemos anunciar a todo o mundo que a paz chegou.
Sem guerras, sem ódios e sem ambições, o homem poderá se dedicar mais a construir do que a destruir.
Paz é o produto que os homens de publicidade desejam sinceramente anunciar.
Um produto que, felizmente, ainda está ao alcance de todos.*

Capítulo Brasileiro da
INTERNATIONAL ADVERTISING ASSOCIATION INC.

Amaral: MDB não é contrarevolução

— A Revolução quer o desenvolvimento, nós também. A Revolução quer uma Constituição, nós também. A Revolução quer sugurança, nós também. Estabelecendo essas analogias, o Senador Amaral Peixoto conclui pela inexistência de incompatibilidades entre seu partido, o MDB, e o regime trazido ao país pelo movimento de março de 1964, impossibilitando de assumir o poder superior no país.
Não descarta o representante fluminense a hipótese, formulada pelo repórter em conversa que teve muito de considerações pragmáticas sobre a conjuntura atual bem como de reminiscências de uma das mais experimentadas vidas de homem público, de a Oposição vir a ser majoritária no país.
— Depende da interpretação que se dê à Revolução. A primeira explicação que ouvi do Presidente Castelo Branco era a de que a finalidade da Revolução era a defesa do regime constitucional. Nesse sentido, inexistem antinomias, até porque hoje Governo e Arena reconhecem a necessidade de uma reformulação político-constitucional do país.

indecisão nacional

Parece-lhe, porém, que essa reformulação está obstaculizada pelo que chama "indecisão nacional". E diz:
— Há seis meses ou um ano, não sei bem, lêem-se nos jornais as mesmas declarações e debatem-se os mesmos temas, com soluções que surgem e morrem com a sem-cerimônia das coisas irrelevantes. Nada resulta dos diálogos, até porque eles são infindáveis. Paira uma grande indecisão sobre o país.
Desdobrando seu pensamento, sustenta o Senaor Amaral Peixoto que esta indecisão terá, porém, de considerar a aspiração nacional de redemocratização. Que não é, pois, simples exigência partidária e revela-se surpreso:
— Qual não foi meu espanto quando, na leitura desapaixonada dos jornais, deparei-me, outro dia, com apelo do presidente da Arena exortando seus correligionários a fazerem da extinção do AI-5 bandeira eleitoral. Por que não declaram, então, com lealdade, que aceitam parte do nosso programa? Meses atrás, era crime de lesa-pátria falar-se na revogação do AI-5. Toda a dificuldade está em encontrar-se o caminho dessa desejada institucionalização.

crítica geral

Embora estimulando a anunciada institucionalização, o que seria a via natural da realização do equilíbrio nacional, o senador Amaral Peixoto pretende que as reformas ganhem a amplitude que as dramáticas exigências nacionais estão a determinar. Parece-lhe que os partidos - e aqui não faz exceção nem para o seu próprio - se deixam envolver por um enfocamento exclusivamente político, com exploração limitativa de temas, como revisão do AI-5, salvaguardas (a expressão lhe soa estranha), artigo 16 da Constituição Francesa etc, etc. Aqui pergunta, com perplexidade:
— Há silêncio sepulcral sobre as grandes questões nacionais. E o restabelecimento da Federação, essa esquecida? E a melhor distribuição da renda? Falar-se que a mesma virá pela evolução educacional é genérico e aleatório. Sentir-se-ia o favelado, angustiado por tantas necessidades, atendido por saber que seu filho poderia vir a freqüentar uma Faculdade? O equilíbrio social pela redistribuição da renda é resultante de um elenco de medidas, que, porém, não são trazidas à discussão. Governo e Oposição se identificam aqui pela mesma omissão.

desconfiança

As conversações desenvolvidas pelo senador Petrônio Portella são lembradas. Concorda, indagado pelo repórter, estar hevendo uma marginalização no MDB, responsável que é pela representatividade de parcela significativa da opinião pública.
— Não tem sentido a consulta direta. É, em última análise, moção de desconfiança aos Partidos. Volto aqui à tese que defendi repetidas vezes: as pessoas de responsabilidade deveriam organizar-se ou serem organizadas para estabelecer as linhas mestras do projeto político exigido pela Nação. E, isso feito, convocar-se-ia uma Constituinte para sagrá-lo.
A Constituinte parece-lhe a via normal de transição política:
— Não vejo como se possa sair de um estado de exceção para o de direito senão através de um poder constituinte. Por outro lado, deveriam os partidos oferecer contribuição sincera e efetiva à consecução desse resultado, que é hoje busca comum.

analogia com 45

Tendo vivido - era genro do então presidente e Interventor no Estado do Rio, o melhor governo, por sinal, que a Província conheceu intensamente os dias finais do Estado Novo, o senador Amaral Peixoto descobre identificações entre aquela fase e a de hoje.
E se explica:
— Vejo coisas em comum entre as duas fases. Em 1945, inclusive, homens de bom-senso do Governo haviam compreendido a necessidade de mudar o Estado Novo, surgido como expressão de uma época do país e do mundo. O próprio Presidente Vargas considerara transitória aquela solução, tanto assim que nunca submetera a plebiscito a Constituição de 37, que teria tido fácil aceitação do povo, se a ele levado; esperava passar aquela quadra do mundo, para as redefinições.
— O erro de 45 - é ainda o representante do MDB quem explica - foi não ter precipitado essa transformação, imposta pelo fim da guerra. Deveríamos ter revelado sensibilidade para mutações, preparando um projeto de Constituição a ser submetido a uma Assembléia Constituinte. Se tivesse ocorrido a hipótese, certamente a Constituinte teria funcionado sem os excessos da paixão política que marcaram seus tempos iniciais.

cemitério de líderes

Retorna o senador fluminense aos dias de hoje. A Revolução, da qual se pede, faça o seu juízo:
— A maior crítica, no campo político, que lhe poderia levar, seria a de ter extinto as lideranças, sem substituí-las. E, ainda, de haver mantido o povo afastado das decisões políticas, entregue à algidez especializada dos técnicos. Um grupo de técnicos empolgou o Poder após 64, relegando os políticos. Na realidade, aqueles, sem dúvida necessários, deveriam limitar-se a resolver os problemas que os políticos lhes submetessem. Em administração, a eleição de prioridades é essencial, e essa eleição deveria caber àqueles que revelam, pelo trato continuado da coisa pública, maior sensibilidade - os políticos. Se assim fosse, ter-se-iam evitado muitas obras desnecessárias que por aí estão, museus incompletos do abusivismo tecnocrata".
Esclarece, porém, o Senador Amaral Peixoto a necessidade de determinadas limitações. Como, por exemplo, na elaboração da Lei de Meios, para ele instrumento basicamente técnico. Como fecho, a apologia das eleições diretas para Presidente, "quando o povo se emociona, participa e agiganta".

EM CONFIANÇA

A. PORTO SOBRINHO

Frota conversa
O General Sílvio Frota está chamando à sua casa diversos oficiais superiores do Exército que foram preteridos em promoções sob o atual governo para explicar-lhes a razão do veto que cada um sofreu da parte dos escalões superiores.
Nessas explicações, o ex-Ministro do Exército não só se exime de responsabilidade nas preterições como não situa bem a participação do governo nas mesmas.

Ato transitório
O sr. Rondon Pacheco acrescentou mais um valioso dado à história da edição do Ato Institucional n.º 5: a transitoriedade pretendida pelo Marechal Costa e Silva seria de um ano. Estimulado pelo ex-presidente, o seu chefe da Casa Civil apresentou emenda ao trabalho do Ministro Gama e Silva, a qual foi, porém, rejeitada em reunião do Conselho de Segurança Nacional.

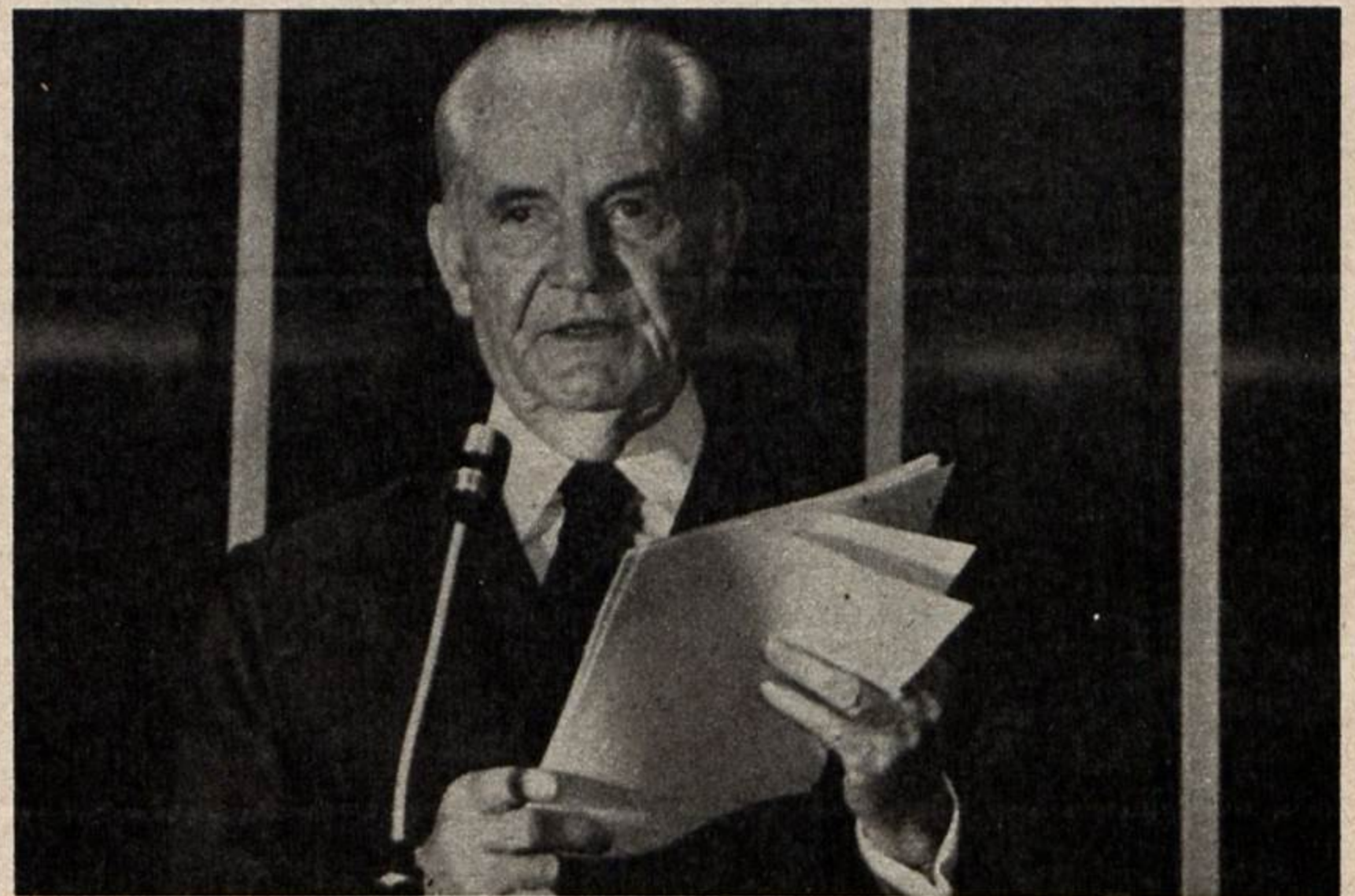
Eleição 1984
Segundo político da escola liberal da antiga UDN, se as coisas públicas continuarem a evoluir assim, os candidatos a Governador serão escolhidos mais ou menos conforme o seguinte procedimento: "tiram-se as fotografias dos pretendentes a candidato. As chapas são enviadas à câmara escura do Presidente que, em segredo de Estado, promove as revelações e escolhe o "eleito", cuja foto é enviada para o Diretório Estadual a fim de preparar a moldura e marcar data para sua inauguração no Plenário da Convenção. Estará, então, eleito o candidato."

Clube Militar
Está em plena evolução a candidatura do general César Montagna à Presidência do Clube Militar. Sua experiência nas lutas internas da entidade bem como as circunstâncias que cercam seu recente pedido de passagem para a reserva emprestam caráter de seriedade a essa candidatura.

Teratologia
O sr. João Evangelista de Almeida, vereador mais votado no município de Ponte Nova, Minas Gerais, é tido como caso de verdadeira teratologia político-eleitoral: apesar de suas poucas letras e de líder ferroviário, pertence à Arena, ala da antiga UDN. Seu leito natural, acrescentam, seria o PTB e, por projeção, o MDB.

Papáveis
Flávio Brito e Saldanha Derzi nomes que, discretamente, se fortalecem para as sucessões, respectivamente, no Amazonas e em Mato Grosso Sul. Neste, o nome do sr.Pedro Pedrossian, em que pese boa popularidade, encontra obstáculos em antigas razões políticas ligadas à Revolução.

Relatório Saraiva
Documento de circulação interna e leitura disputada nos canais não ostensivos da informação é o relatório do antigo adido militar do Brasil em Paris, coronel Saraiva Martins. A não ostensividade do documento aumenta as especulações em torno do seu conteúdo, que dão como contendo observações críticas à atuação do embaixador Delfim Neto, em Paris. O então chefe do Estado Maior do Exército, General Fritz Manso, ao qual estão subordinados os adidos militares, teria se recusado, na época, a dar curso ao relatório, classificado como "delicado" por quantos o leram.

Petrônio explica-se
O senador Petrônio Portella procurou, outra vez, o senador Magalhães Pinto. Desta feita para negar procedimento a declarações que a imprensa lhe atribuíra sobre eventuais perigos a ameaçar o patrimônio do representante mineiro, como corolário eventual da sua candidatura à Presidência. Lembrou-lhe o senador Magalhães Pinto que, em sua resposta às supostas declarações, firmara a preliminar de não acreditar que seu colega da Arena as houvesse formulado.

Roleta paulista
É notório o desapreço do Governador Paulo Egídio à canditatura do sr.Laudo Natel a sucedê-lo. Por outro lado, são, por igual, conhecidas as disposições pessoais do embaixador Delfim Neto ante o mesmo problema, que, por igual, mexe com as pretensões dos srs. Olavo Setúbal e Abreu Sodré, este ameaçando o Estado com uma recidiva. Na realidade, porém, dificilmente a próxima chefia do Executivo paulista sairá do sr. Laudo Natel, em particular se a sucessão presidencial for a defendida pelos círculos mais chegados ao Presidente Geisel.

Ministro explica-se
Registrou-se nesta coluna a surpresa e conseq5uente disposição de reagir do Ministro Rodrigo Otávio Jordão à menção que lhe fizera em documento secreto, o então comandante do III Exécito, General Fernando Betlhem. O episódio parece contornado com a ida pessoal do Ministro do Exército à casa do General Rodrigo Otávio, a quem levou as explicações cabíveis. E devidamente aceitas.

Censura: fim
Em meios políticos mais ligados ao Governo circula a notícia da disposição do Presidente Geisel de pôr fim a qualquer espécie de censura política aos veículos de comunicação social. Para dentro de um a dois meses, acrescentam.

Paternidade
Poderá o Professor Gama e Silva, nos próximos dias, conceder larga entrevista em defesa do Ato Institucional n.º 5. Como seu principal idealizador e arquiteto, o ex-Ministro da Justiça pretende, com franquezas, insistir nas razões históricas que justificaram a edição do Ato, em torno do qual se procura criar algo como clamor público. O sr. Gama e Silva vem evitando pronunciamento políticos.

Anti-Shakespeare
Em jantar íntimo, na Casa Branca, com pequeno grupo de brasileiros, entre os quais o industrial Camilo Steiner, a sra. Rosalyn Carter indagou sobre se o Ministro Azeredo da Silveira conhecia bem o inglês. Ante a afirmativa, com acentos de surpresa, dos circunstantes, a esposa do Presidente Carter explicou-se, referindo-se a episódios vividos durante sua viagem ao Brasil:
— É que tudo que eu dizia ele respondia ao contrário!

Candidatura Sizeno
Prosseguem as articulações em torno da candidatura do General Sizeno Sarmento ao Governo da Guanabara. A justificativa das pretensões estaria em uma possível prorrogação da fusão, hipótese em que o governador continuaria a ser indicado pelo poder central.

destaque

A presença do Presidente Geisel, no Plenário da Câmara dos Deputados, como Presidente de Honra da Arena, foi marcada pela constância de algumas carecas coroadas, como as que Roberto Stuckert, em oportuno flagrante, colheu para O CRUZEIRO.
Apenas uma bem conhecida está faltando... mas as que foram enquadradas por Stuckert são as do Presidente Geisel, do Ministro Falcão, do Senador Petronio Portella e Deputado Darcilio Ayres.
A que está faltando, na oportunidade, estava em franco processo criativo, buscando encontrar fórmulas e soluções...

Aquém da imaginação

O jornalismo político em Brasília, com as exceções que confirmam a regra, está atingindo níveis poucas vezes vistos de preciosismo, tais as dimensões das análises do quotidiano, envolvendo fatos e situações que em termos de grande público não poderiam ir além de algumas linhas e, assim mesmo, para tapar buraco.
Todavia, o que ocorre é precisamente o inverso. Derramam-se os colunistas sobre simples viagens de executivos partidários, sem nenhuma importância, posto que destituídas de poder decisório, tirando ilações, concluindo sobre hipóteses, numa fértil atividade intelectual que chega a causar espécie, tais os esforços, tamanhas as cargas que carregam sobre os ombros, no desempenho de obrigações diárias de encher coluna e ocupar espaço.
Trata-se de mercadoria de consumo reduzidíssimo, muitas delas com endereçamento mais que conhecido, sem nenhuma ligação com o povo, que por isso mesmo continua por fora da problemática política, principalmente nos seus escalões superiores.
O roteiro do Senador Petrônio Portella, por exemplo, é medido e acompanhado com avaliações milimétricas, registrando-se tudo o que validamente é possível, considerando a natureza sigilosa dos contatos que o Presidente do Senado realiza.
Mais ainda, quem conhece o representante do Piauí sabe de sua vivência política e da extrema discrição que mantém para com assuntos que transitam além de sua exclusiva responsabilidade, como é o caso das credenciais com que o Presidente da República o distinguiu.
Por isso mesmo indispensável se torna baixar um pouco o hermetismo de certas colunas, ou, por oposição, à excessiva clareza que assuntos reservados são tratados, como se fossem temas de palestras do Pen Club do Brasil, permitindo-se a certos colegas uma desenvoltura que não se equivale com os foros de verdade que suas colocações pretendem ostentar.
Dar o nome de futuros ministros, do provável Governo Figueiredo, é tão falaz ou hipotético quanto fazer os treze pontos na loteria esportiva. Três ou quatro palpites podem coincidir nominalmente, assim como qualquer analfabeto em futebol aposta na loteca, fazendo três ou quatro pontos. Afinal, sempre há algum Flamengo, Vasco ou São Paulo para confirmar um palpite...
O mesmo acontece em relação à sucessão nos Estados e à escolha dos futuros senadores biônicos.
Há, como se vê, necessidade de conscientizar alguns beletristas para que fiquem aquém da imaginação, mais dentro da realidade. Isto sem falar num pragmatismo que não deve estar ausente do espírito de alguns confrades que pretendem fazer da montagem da realidade política um jogo de xadrez, com uma ordenação matemática a amarrar fatos e personagens, principalmente se levarmos em conta que no tabuleiro de nossa política só se joga com um rei e que as demais peças não passam de simples peões.

Rainhas, torres, bispos e cavalos podem estar figurados mas não titulados.

E ao que tudo indica estes últimos estão fora do tabuleiro onde se joga o destino do país, ou mais precisamente, no retângulo de vistosas colunas.

E.Q.

Sete dias da semana

Terça — Está tão equilibrado o entendimento entre o Brasil e a Colômbia, em termos de café, que até já proporcionou uma bonita comenda ao Presidente Camilo Calazans, do IBC. Trata-se da Grã-Cruz da Ordem de San Carlos, uma das mais altas distinções daquele país amigo.

— Um dos mais categorizados executivos do poderoso Chase Manhatan Bank esteve de visita a Brasília, mantendo contatos de alto bordo.
O Vice-Presidente Walter Palmer circulou amplamente na Capital Federal.
— O Vice-Almirante Fernando Carvalho Chagas, Comandante Naval de Brasília, com um desempenho fora de série nas funções de coordenar e dar funcionalidade à Marinha numa área de pouco mar e muitos problemas.

Quarta — Brasília, até fins de fevereiro, é o maior desafio para os Relações Públicas credenciados para organizar eventos de natureza social e política. É que as listas não correspondem às presenças em Brasília. Tudo zerado com o recesso dos dois Poderes: Legislativo e Judiciário.
— Uma das maiores carteiras eleitorais do País é a de Humberto Esmeraldo Barreto, Presidente da Caixa Econômica. Trata-se da maior **poule** das próximas eleições, cotada a cinco x um. É que Humberto reúne qualidades que estão rareando em nosso mercado eleitoral: seriedade, sobriedade, trabalho, simplicidade, tratando com atenção todos os problemas que lhe são presentes e não deixando sem solução nenhum deles. Positivo e afirmativo.
— Três curiosidades relacionadas com a presença do candidato Magalhães Pinto na maior favela urbanizada do Distrito Federal, a Ceilândia: 1.º — A afirmativa de que o Presidente Geisel o indicaria à convenção da Arena; 2.º — O seu credenciamento de democrata de ter sido investido em funções públicas somente através do voto popular; 3.º — O seu sapato rigorosamente invernizado...
— O tribunal Federal de Recursos à cunha, em Brasília, com a posse dos novos ministros Lauro Leitão (RS), Carlos Madeira (MA), Evando Gueiros (RJ), Washington Bolivar Antonio Torreão (DF) e Carlos Maria Velloso (MG). Saudando os empossados, falou o Ministro Jarbas Nobre e em nome dos novos togados, agradeceu o Ministro Carlos Mario Velloso, o mais jovem integrante do escalão superior da magistratura brasileira.

Quinta — Comenta-se, em Brasília, que o curriculum do novo Embaixador do Paraguai, Moreno Gonzales, é muito mais rico do que o divulgado entre nós. Competentíssimo, excelente negociador e um profundo conhecedor de tratados e convênios internacionais. Vem na hora certa, quando já começam a turbilhonar as águas de Itaipu...
— Talita Aparecida de Abreu (Katucha), a mais meiga cronista social de Brasília, ainda internada no Hospital das Forças Armadas da Capital da República e recebendo as mais comoventes provas de afeto.

— Podem esperar o resultado: um parlamentar do MDB, com destacada atuação na questão dos remédios, coletou oficiosamente alguns medicamentos de dosagem impossível entre nós e os remeteu para um laboratório de credibilidade indiscutível, a nível internacional, pedindo confirmação da fórmula e da atividade farmacodinâmica das substâncias que os compõem. Garante o congressista que muita gente vai cair do cavalo.

Sexta — O deputado Carlos Alberto de Oliveira decidiu: se houver realmente liberdade nas convenções da Arena nos estados, ele disputa em Pernambuco, com seu colega Marco Antônio Maciel e com o senador Murilo Paraiso a candidatura ao Governo local.
— O Governador do Distrito Federal, Elmo Farias, continua em alta na cotação da bolsa para a sucessão baiana. Outros nomes governamentáveis, na "boa terra": Antônio Carlos Magalhães, o Ministro Ângelo Calmon de Sá e o Presidente da Fundação Milton Campos, deputado Rogério Rego.
— As gestões do Presidente da Arena, deputado Francelino Pereira, para transformar os critérios de escolha dos candidatos aos governos estaduais e mesmo do Presidente da República, das convenções para o âmbito dos diretórios regionais e nacional, teria uma explicação: seria a única maneira de ele chegar ao Governo de Minas. Ele (piauiense) e o Secretário de Viação e Obras de Minas, Fagundes Neto (fluminense) teriam dificuldades para enfrentar a Convenção por

Sábado — O general Cesar Montagna (três estrelas), preterido mais uma vez na promoção à quarta estrela pediu para ir para a reserva, ao mesmo tempo em que tomou uma outra decisão, a de concorrer à Presidência do Clube Militar, nas próximas eleições, no meio do ano. Será o candidato de oposição.
— O Presidente da Arena do Pará, deputado Gerson Peres (estadual) decidido a enfrentar todos os problemas e dificuldades para ser candidato à vice-governança, foi acusado pela ala do senador Jarbas Passarinho de estar cuidando muito mais do seu projeto, do que da luta para que fique com um "jarbista", ou com o próprio Passarinho, a governança do Estado.
— Os deputados que apoiavam a candidatura do ex-Ministro do Exército, Sylvio Frota, à Presidência da República, explicaram-se: não eram propriamente "frotistas". Apenas contrapunham-se à candidatura João Batista de Figueiredo porque, na Arena, ela já tinha o ostensivo apoio da ala renovadora do Partido

na Câmara. E "renovadores" e o Grupo de Ação Parlamentar, do deputado José Bonifácio, líder do Governo, não sentam na mesma mesa.

Domingo — Agora que se soube: quando foi divulgado que o senador Magalhães Pinto iria à Ceilândia, próceres bem situados da Arena tentaram demovê-lo da idéia. Frustrados no esforço, sugeriram ao senador que o Governo lhe daria um forte esquema de segurança. Magalhães também fulminou a sugestão, e foi ali cercado apenas pelos seus amigos mais fiéis e por um grande grupo de jornalistas curiosos para ver um comício em recinto fechado, que não se vê em Brasília desde 1960.

— Os deputados Dib Cherem (vice-líder do Governo) e Adhemar Ghisi, numa porfia sem quartéis, mas amistosa, para suceder o Governador Konder Reis, de Santa Catarina. A entrevista do deputado João Linhares (1.º vice-Presidente da Câmara) logo após a queda de Sylvio Frota, e desandando contra o ex-Ministro, parece que o afastou do páreo.

Segunda — Quando perguntaram ao deputado Sinval Boaventura, de profundas ligações com áreas militares, como estava a sucessão presidencial ele relembrou que o seu candidato, Sylvio Frota, estava fora do páreo. "E pássaro na muda não fala. Eu estou na muda..."
— O Secretário Particular do Presidente Geisel, Heitor de Aquino Ferreira, está sendo apontado como o grande articulador da sucessão estadual em alguns estados.

— A entrevista do senador Roberto Saturnino, condenando a candidatura João Batista de Figueiredo à Presidência da República, teria tido inspiração em setores da Arena dispostos a uma nova opção, o general (da reserva) Euler Bentes Monteiro.

ANNA MARIA TORNAGHI

MARINA RIBEIRO E MARIA, A CAÇULA *— "AOS AMIGOS, PARA 78, MUITA PAZ E AMOR".*

LIA CARVALHO, MARIANA, MARCOS e MARCELLO *— "Paz, amor e compreensão para todos".*

CRACINDA MODESTO LEAL, HUMBERTO CÉSAR E GABRIELA *"ESTAMOS TODAS AS FAMÍLIAS ESPERANDO QUE ESTE ANO TRAGA A VERDADEIRA CONFRATERNIZAÇÃO."*

GUIDA SEVÊ E LUÍS DE PAULA SEVÊ: *"FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO, E QUE O PRÓXIMO ANO SEJA PARA TODOS COMO FOI ESTE ANO PARA MIM"*

Helô Amado e Patrícia, *quem tem uma neta como ela, maravilhosa e que irá ultrapassar 2000 com 24 anos - dá todo o sentido de renovação - é a esperança, diz Helô*

" AVÔ MARAVILHOSO, PAI DEDICADO, SOGRO DOS MAIS QUERIDOS FOI O QUE DISSERAM" ***MARIA EDUARDA, MARIA ROBERTA, FERNANDA E ALEXANDRE; MAGDA; MARIA TEREZA E EDUARDO.***
FAMÍLIA PASSOU O NATAL EM RÉVEILLON E RECIFE E DESEJA AOS OUTROS A PAZ QUE REINA ENTRE OS SEUS.

VERA RÉGIS, PAULINHO, CARLOS E MARIA: *"DESEJO A TODOS A FELICIDADE QUE EXPERIMENTEI ESTE ANO".*

MARTHA WAECHTER E NADJA *— " PAZ, FELICIDADE E AMOR AO PRÓXIMO, QUANTO MAIS, MELHOR" OU AINDA "QUE AS LÍNGUAS SE QUEDEM DENTRO DAS PRÓPRIAS BOCAS, POIS TODO MUNDO TEM UMA LÍNGUA".*

CARMINHA E ROBERTA VIEIRA *— "PAZ, AMOR E TRANQÜILIDADE".*

ANNA MARIA TORNAGHI

A equipe desta página deseja um 78 maravilhoso, com a família reunida, e, que entre amigos, voltem as coisas perdidas, o sorriso franco, a boa vontade, a paciência de ouvir, o fazer alguma coisa. Queremos tudo isto para vocês.

SÍLVIA FRAGA e HÉLIO NETO — "ESPERO UM ANO DE TRANQÜILIDADE E MUITO AMOR".

CLARISSE LUNARDELLI E PAULA LUNARDELLI SANCTOS — DESEJA PARA TODOS "PAZ E MUITO AMOR E UM ANO DE 78 COM MUITAS VENTURAS".

MARIA CORA BÓRIO, ELIZABETE CRISTINA (BETINA), ANTÔNIO EDUARDO, LUCIANA — "MUITO AMOR E COMPREENSÃO, QUE NESTE ANO HAJA UMA ATENÇÃO ESPECIAL COM AS CRIANÇAS QUE SE DESENVOLVEM, SÃO OS FUTUROS ADULTOS".

REGINA RIQUE, ANA PAULA, ERNESTO e LUIS FELIPE — "UM ANO COM GRANDE ÊXITO NAS REALIZAÇÕES E MUITO AMOR".

FLORITA E MARIELLA — "QUE O AMOR REINE EM TODOS OS CORAÇÕES".

D. ZITTA PEZZY TORRES, ROBERTA E BRUNO — "QUE AS PALAVRAS DE CRISTO SEJAM OUVIDAS E ENTENDIDAS PLENAMENTE".

IONITA GUINALL E GEORGIANA — "QUE ESTE ANO DE 78 SEJA MELHOR QUE 77 E QUE CONTINUE POR 79".

ÂNGELA MANHÃES, ALEX, CHRISTIAN, CHRISTIANE E ADRIANE — "MAIOR COMPREENSÃO, BOA VONTADE E AMOR ENTRE OS HOMENS, É O QUE ALMEJO PARA O NOVO ANO".

MAITÊ QUATRONI, ADRIANA E RENATA — "QUE A PAZ SE PROLONGUE POR TODO ANO DE 1978".

Mostra-me o busto que eu te direi quem és

Na Itália, um certo professor Patrick descobriu uma maneira singular de ler o futuro das mulheres. O estudo é feito através do busto. Luísa, uma jovem estudante de Medicina, num acesso de curiosidade, entregou-se à consulta. O professor pintou-lhe os seios com uma tinta preta, mandou que ela os comprimisse sobre uma cartolina branca, para deixar as impressões dos mesmos. Depois de uma apurado estudo, o professor concluiu que Luísa, um dia, se casaria, teria filhos e dificuldade para amamentá-los.

Na Austrália é assim

As aparências enganam. Qualquer turista que for à Austrália e se deparar com estas três sorridentes moças, pensará logo tratar-se de três manequins desfilando sombreros mexicanos. Errrrrooouuu! diria o Mário Vianna. E errou mesmo. Esta foto não retrata nenhum modelo. As moças são plantadoras de grama do estádio de futebol da Austrália. Só que o biquíni e o sombrero foi uniforme mais adequado que elas encontraram para a função.

Alegria de campeão

Gente famosa das pistas esteve presente e participando do verdadeiro "show" de carros esporte em Munich, no Olimpic-hall. Lá estavam Jochen Mass, Jody Scheckter, Herald Ertl e o campeoníssimo Niki Lauda, muito alegre e interessado nos últimos modelos apresentados. Na foto Keystone, a alegria de Niki contagia o orgañizador da festa, Sepp Greger, e Haral Ertl.

Cem anos de golfe

Nos fins do século passado, as mulheres surgiram com mais presença nos campos de golfe, mas há cem anos elas tentavam este esporte, que surgiu na Escócia e ganhou o mundo. Neste desenho de Lucien Davis, publicado no "Illustrated London News", a cena mostra uma partida feminina de golfe em que nem as vestes nem o terreno impedem uma tacada caprichada aos olhos de uma platéia atenta, lá pelos anos de 1890 (Foto Keystone).

Um piloto e 2 Fórmulas

Alex Ribeiro, o piloto brasileiro que este ano defendeu a March, no Campeonato Mundial de Fórmula-1, deu uma marcha à ré em suas pretensões, para 78. Voltará à F-2, onde foi o 5.º colocado, no Campeonato Europeu. Alex diz que prefere disputar na F-2 e cumprir uma boa performance e chamar a atenção das escuderias de ponta da Fórmula-1, a ficar nesta Fórmula sem condições mecânicas e desgastar seu nome. Contudo, é possível que Alex Ribeiro ainda dispute os GPs da Argentina e do Brasil, possivelmente num carro alugado por seus patrocinadores, provavelmente um Shadow.

A Miss pelo mundo

A paz acabou naquela noite e Mary Staving nem percebeu, perdida no mundo maravilhoso de encantos da eleição de Miss Mundo, no Royal Albert Hall, de Londres. Desde então, Mary, louríssima sueca, não dá para as encomendas: convites, passeios e, também, a obrigação de se apresentar onde possa faturar para os organizadores do concurso, que ninguém elege **miss** de graça. O pior é que tem que sorrir sempre, como Mary faz nesta foto Keystone, exibindo o cetro e a coroa.

João Roberto Kelly

CARNAVAL DISCOTECA

Ao lado do carnaval de rua, que sempre existiu e se vem mantendo por força da tradição, outra modalidade se generaliza graças aos discos dedicados ao repertório momesco, que é a festa de salão, improvizada para alegria de muitos nas residências. Em verdade, o carnaval está na alma do povo. É um estado de espírito que exige exteriorização. Eis porque, quando se menos espera, uma sala se transforma num recinto da mais pura alegria. Aqui vai uma sugestão para aqueles que querem curtir, a suma moda, um carnavalzinho em casa. Até mesmo antes de ir aos grandes bailes, como um **aperitivo musical.** Recomendo, especialmente, o LP **Sambas-enredo** das Escolas de Samba do Grupo I e o do Grupo II; o LP relativo aos sambas-enredo de blocos - uma novidade no mercado fonográfico, lançada pela CBS; e o álbum 8.º Concurso de Músicas carnavalescas. Assim, juntamente com os compositores das alas respectivas de cada Escola e blocos , juntam-se autores e intérpretes como Emilinha, Oswaldo Nunes, Braguinha, Elza Soares, Cesar Costa Filho e Luiz Reis

zicartola de roupa nova

Um presente do destino aos amantes da música: Cartola, o estimadíssimo compositor e intérprete, está de volta plenamente recuperado. Em pessoa e em disco. Seu LP **Verde que te quero rosa** já começa a pintar nas paradas de sucesso. Sua esposa - fã número um, a querida Zica - me confidenciou por telefone as suas preferidas desse novíssimo disco: **Autonomia** e a que dá título ao álbum. Em São Paulo, a dupla está batizando uma nova casa de samba - **Zicartola** - que, a começar pelo nome, fará sucesso absoluto. Que o diga a pioneira carioca, que deixou saudades.

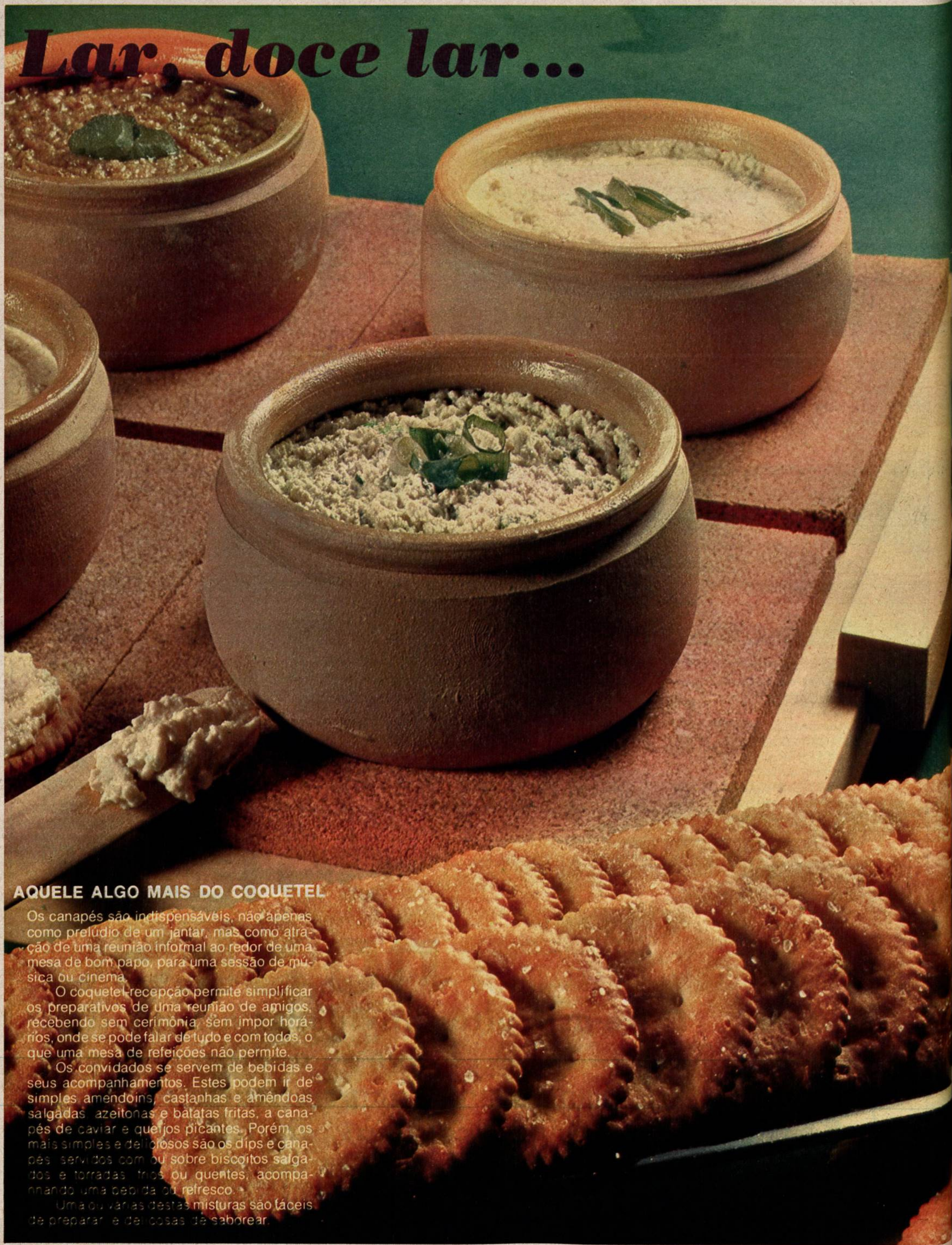
Esta é a maravilhosa Vanda Moreno que, para alegria dos pernambucanos, vai sacudir o carnaval de Recife

batidas soltas

Elizete Cardoso este ano não vai desfilar pela Unidos de Lucas. A **Mulata Maior,** que já foi até enredo, aborreceu-se com a escola e jura que não volta atrás. Será? / Por falar na Divina, está na praça o seu novo Lp gravado no Japão onde se destacam as faixas **Manhã de Carnaval** e **É Luxo Só.** / Elcio PV será mesmo o mestre-sala da Beija-Flor no próximo carnaval. Elcio deixou a Vila sem mágoas ou broncas. É o que dizem... / Cresce assustadoramente na preferência popular o samba enredo do Salgueiro. Tipo de samba que, ouvido quatro ou cinco vezes, amarra qualquer um. / A simpática Ivanoy, famoso destaque do Império Serrano, está deslumbrada com o figurino da fantasia que vai usar, representando o chafariz da Atlântida, a nunca esquecida produtora cinematográfica. Como sabem, o enredo do Império é **Chanchada no Asfalto,** uma homenagem a Oscarito. / Enquanto isso, Wanda Batista, destaque da Portela, vem de Marquesa de Santos, no contexto do enredo **Mulher a Brasileira.** Wanda será uma versão mulata e a meu ver melhorada da legendária Domitila paixão de Pedro I. / A Escola de Samba Unidos da Tijuca continua sem sede e sem samba-enredo, e sem que nenhuma voz se levante em seu socorro. Tem tradição e merece apoio. / A Mangueira já convocou a mesma Comissão de Frente do ano passado, formada pela Velha Guarda da Escola. Dentre outras grandes figuras, deverão estar novamente no abre-alas, saudando o povo, Cartola, Nelson Cavaquinho, Juvenal Lopes e Djalma dos Santos. / E dona Neuma? Sai ou não sai com os Meninos da Mangueira? O presidente Bira vem pedindo união de toda a família verde e rosa. / Os blocos **Fala meu Louro** e **Independentes do Morro do Pinto,** ambos do Eixo Santo Cristo-Gamboa, estão botando gente pelo ladrão. Ora viva! Muitos esperam que o Arlindo Rodrigues dê uma sacudidela firme na Mocidade, com seu enredo **Brasiliana.** / Carnaval na ordem do dia da Música Popular Brasileira...

batida firme

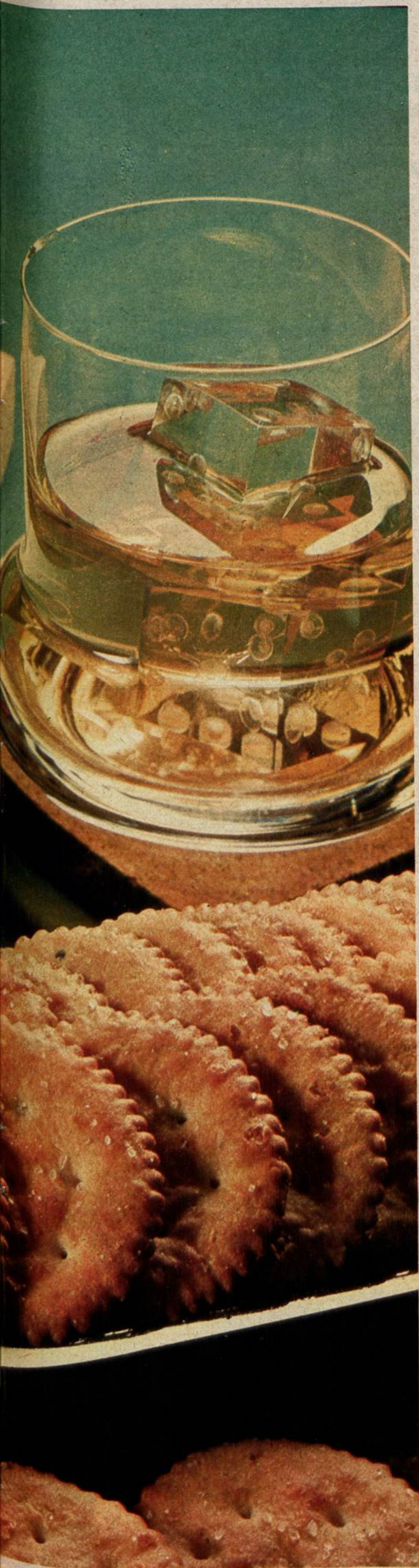
Atenção: matéria-prima dos desfiles de escola de samba é o bom crioulo, sambista de berço, e não o **invasor** em busca de popularidade, capa de revista e aplausos no asfalto... O seu a seu dono.

Lar, doce lar...

AQUELE ALGO MAIS DO COQUETEL

Os canapés são indispensáveis, não apenas como prelúdio de um jantar, mas como atração de uma reunião informal ao redor de uma mesa de bom papo, para uma sessão de música ou cinema.

O coquetel-recepção permite simplificar os preparativos de uma reunião de amigos, recebendo sem cerimônia, sem impor horários, onde se pode falar de tudo e com todos, o que uma mesa de refeições não permite.

Os convidados se servem de bebidas e seus acompanhamentos. Estes podem ir de simples amendoins, castanhas e amêndoas salgadas, azeitonas e batatas fritas, a canapés de caviar e queijos picantes. Porém, os mais simples e deliciosos são os dips e canapés, servidos com ou sobre biscoitos salgados e torradas, frios ou quentes, acompanhando uma bebida ou refresco.

Uma ou várias destas misturas são fáceis de preparar e deliciosas de saborear.

DIP DE QUEIJO ROQUEFORT

2 colheres de sopa (120 g.) de queijo Roquefort amassado, 3 colheres de sopa bem cheias, de creme de leite, 1 colher de café de pimenta-do-reino, biscoitos ou torradas.

Amasse o queijo com um garfo, acrescente o creme de leite e pimenta, misture muito bem. Sirva com biscoito salgados ou torradas.

DIP DE BACON

200 g de queijo de Minas, 100g de bacon, 1 colher de sopa de cebola picada, 1 colher de café de pimenta-do-reino, 1 colher de chá de Fondor, 2 colheres de sopa de maionese, 1 colher de sopa de suco de limão, biscoitos.

Bata no liquidificador os cinco primeiros ingredientes, acrescente por último a maionese e o limão. Misture bem e sirva com biscoitos.

PASTA DE QUEIJO

1 queijo tipo Catupiri, 200 g. de queijo picante, 2 latas de creme de leite, 1/2 cebola, 2 tabletes de caldo de galinha, sal, pimenta-do-reino

Bata no liquidificador a cebola cortada em rodelas finas e o caldo de galinha com um pouco do creme de leite, em quantidade suficiente para fazer uma pasta homogênea. Junte o resto do creme, queijos e ponha em uma tigela. Leve a gelar até o momento de servir, sobre biscoitos ou torradas.

PATÉ MALVINA

1 pacote de sopa de cebola, 1 lata de creme de leite, gelado e sem o soro, 1 copo de requeijão-cremoso, 1 a 2 colheres de sopa de geléia de damascos, cheiros-verdes picadinhos.

Misture o conteúdo do pacote de sopa e creme de leite até formar uma pasta lisa. Junte o queijo cremoso, cheiros-verdes picados e geléia. Sirva com biscoitos ou torradas.

WELSH RABBIT COM CERVEJA

1/4 de colher de chá de páprica, 1 colher de chá de mostarda, 2/3 de xícara de cerveja, 1 e 1/2 a 2 colheres de chá de molho inglês, 1/2 quilo de queijo tipo prato, ralado.

Misture numa panela páprica e mostarda. Junte a cerveja e molho inglês, coloque em fogo muito brando. Quando a cerveja estiver bem quente, junte o queijo ralado. Mexa até derreter o queijo. Sirva imediatamente, sobre torradas. Guarneça com pikles, se quiser.

RABBIT DE SARDINHAS

2 colheres de sopa de manteiga ou margarina, 1/2 quilo de queijo Prato, ralado, 1/2 xícara de leite, 1 ovo, 1/2 colher de chá de mostarda, 1 colher de chá de molho inglês, 300 g. de sardinhas no azeite, sem espinhas, escorridas; torradas.

Derreta lentamente a manteiga numa panela, junte o leite e queijo, cozinhe sobre fogo brando, mexendo constatemente, até o queijo derreter. Retire do fogo. Bata o ovo numa tigela pequena, junte a mostarda e molho inglês. Junte lentamente à mistura de queijo, mexendo sempre para ligar bem. Mexa sobre fogo brando, até aquecer totalmente e ficar lisa. Arrume as sardinhas nas torradas, coloque o molho sobre elas. Este é um excelente acompamnhamento para uma cerveja geladinha.

CANAPÉS SUÍÇOS

1 xícara de maionese, 3 ramos de salsa, 3 cebolinhas, 1 pepino em conserva, 1 colher de sopa de alcaparras, 3 colheres de sopa de azeitonas verdes picadinhas, sal e pimenta.

Bata tudo no liquidificador. Coloque sobre biscoitos ou torradas. Guarneça com rodelas de pepino ou ovos cozidos.

CANAPÉS DURVALINA

2 latas de atum, 1 lata de anchovas, 1 vidro de maionese, cebola ralada, azeitona picadinha.

Esmague o atum e anchova, junte a maionese e temperos. Sirva sobre torradas.

TIRINHAS DE QUEIJO

1 xícara de queijo ralado, 1 xícara de farinha de trigo, 1 colher de sopa, rasa, de fermento em pó, água, gordura para fritar.

Misture a farinha, queijo, fermento, sal, se quiser. Junte aos poucos água fria, até formar uma massa em consistência de abrir com o rolo. Deixe descansar por 1 hora mais ou menos. Abra com o rolo sobre mesa enfarinhada. Corte tirinhas de mais ou menos 1 centímetro de largura. Frite em gordura quente.

PASTÉIS DE QUEIJO

2 xícaras de farinha de trigo, 200 g. de queijo de Minas, ralado, 150 g. de manteiga ou margarina, 1 xícara de queijo Parmesão ralado, 1 gema de ovo, sal.

Misture numa tigela a farinha, queijo e sal. Junte a gema e manteiga. Misture muito bem, amasse. Abra com o rolo sobre mesa enfarinhada, corte rodelas. Ponha o recheio no centro de cada rodela, dobre ao meio e aperte as bordas com um garfo. Arrume num tabuleiro, povilhe com um pouco de queijo ralado. Asse em forno moderadamente quente.

RECHEIO: 1/2 quilo de presunto passado na máquina de moer, 2 colheres de sopa de manteiga, 1 colher de chá de mostarda.

Amasse tudo bem para ligar. Use como recheio dos pastéis.

PASTÉIS CHINESES

200 g. de queijo Catupiri, 200 g. de farinha de trigo, 200 g. de manteiga ou margarina, sal, 1 pitada de gengibre.

Para rechear, passas e bacon.

Amasse o Catupiri com farinha, sal, gengibre e manteiga. Leve à geladeira até o dia seguinte. Abra com o rolo, não muito fino, corte rodelas. Recheie cada pastel com uma passa e um pedacinho de bacon, feche, pincele com gema de ovo diluída em um pouco de café. Asse em forno moderadamente quente.

RABBIT DA TIA ADELINA

3 xícaras de queijo raiado, cerca de 1 xícara de cerveja, pimenta vermelha.

Junte a cerveja ao queijo, aos poucos, até fazer uma pasta. Tempere com pimenta. Passe manteiga em fatias de pão de forma, sem as cascas. Junte uma camada da pasta, leve ao forno para assar.

SALGADINHO DE SOPA DE CEBOLA

3 tabletes de 100 g. de margarina, 1 pacote de sopa de cebolas, farinha de trigo.

Junte a sopa de cebolas e margarina. Acrescente a farinha de trigo até a consistência de enrolar. Faça rolos, corte em pedacinhos. Leve a assar. Sirva quentes.

DIP DE RICOTA

Metade de um maço de cebolinha verde, 1 lata de creme de leite, 1 colher de chá de Fondor, 1 colher de pimenta-do-reino, 1 xícara de ricota amassada, biscoitos.

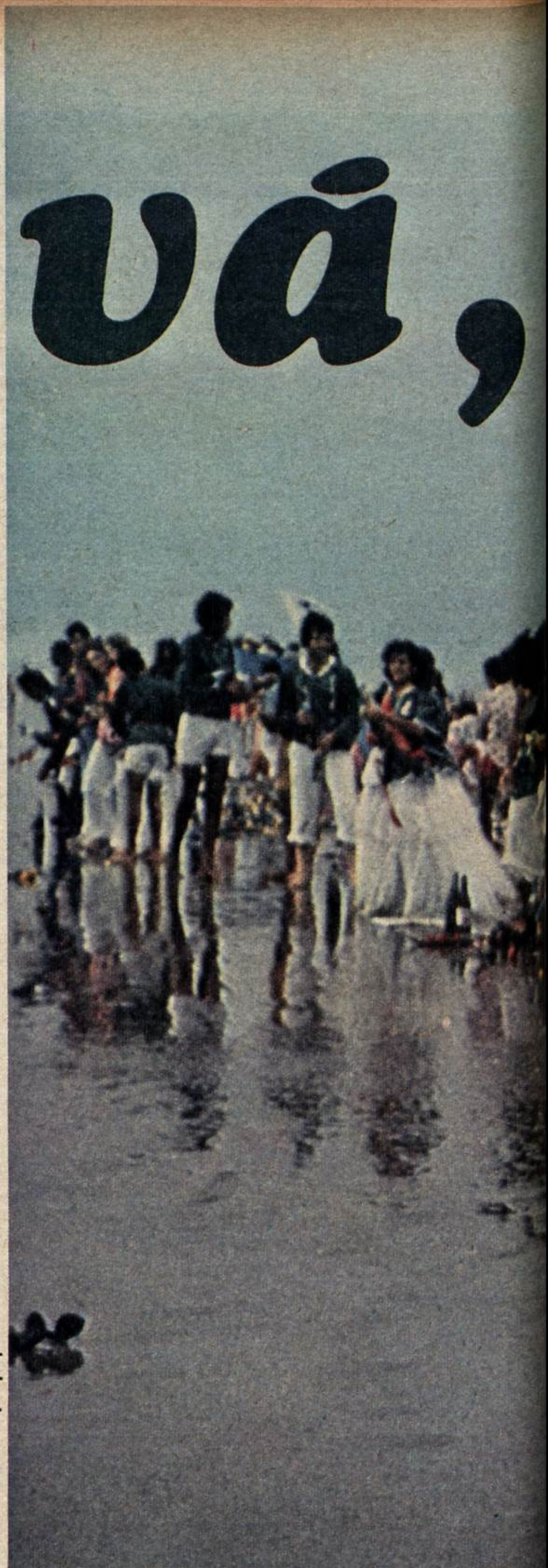
Lave e pique muito bem a cebolinha. Junte os demais ingredientes e amasse bem. Sirva sobre biscoitos.

saravá, iemanja

Protetora do mundo em 1978

Texto de LUIZ ANTONIO LUZ
Fotos de ADALBERTO MARQUES

As flores. Os espelhinhos. Os pentes azuis. A champanha e os vinhos tintos. Eis como os umbandistas homenageiam a rainha Iemanjá, na passagem de ano.

Durante a festa ocorrem os atendimentos aos devotos. Quem tem suas mágoas aproveita a data e chora suas queixas. As entidades, incorporadas, dão passes e conselhos.

Ela, Iemanjá, é simbolicamente apresentada como a figura de uma musa de lindas formas, com longos cabelos e vestes em branco e azul. De 7 a 31 de dezembro, nosso calendário parece parar diante de uma festividade gigante que ocupa mais de 50 quilômetros de praia no litoral de São Paulo e reúne cerca de 500 mil adeptos e fiéis da Rainha do Mar. Nesses dias, ela recebe as oferendas e *obrigações* de todas as Tendas. Ricos e pobres, pretos e brancos, japoneses, alemães, portugueses, franceses e ingleses, fiéis das mais variadas raças, são vistos nas areias das praias. Ali, eles construíram seu território livre, depositando flores aos pés do monumento à Rainha.

No folclore brasileiro, como lembra Omar Cardoso, Iemanjá corresponde a Vênus, o planeta que regerá o ano de 1978. Assim, saudemos a Rainha do Mar, como protetora da Humanidade, neste Ano Novo que se inicia. Saravá!

Os caboclos também baixam em homenagem ao dia da deusa da Criação. O da foto é o famoso "Pena-Verde", um dos generais de Oxóssi.

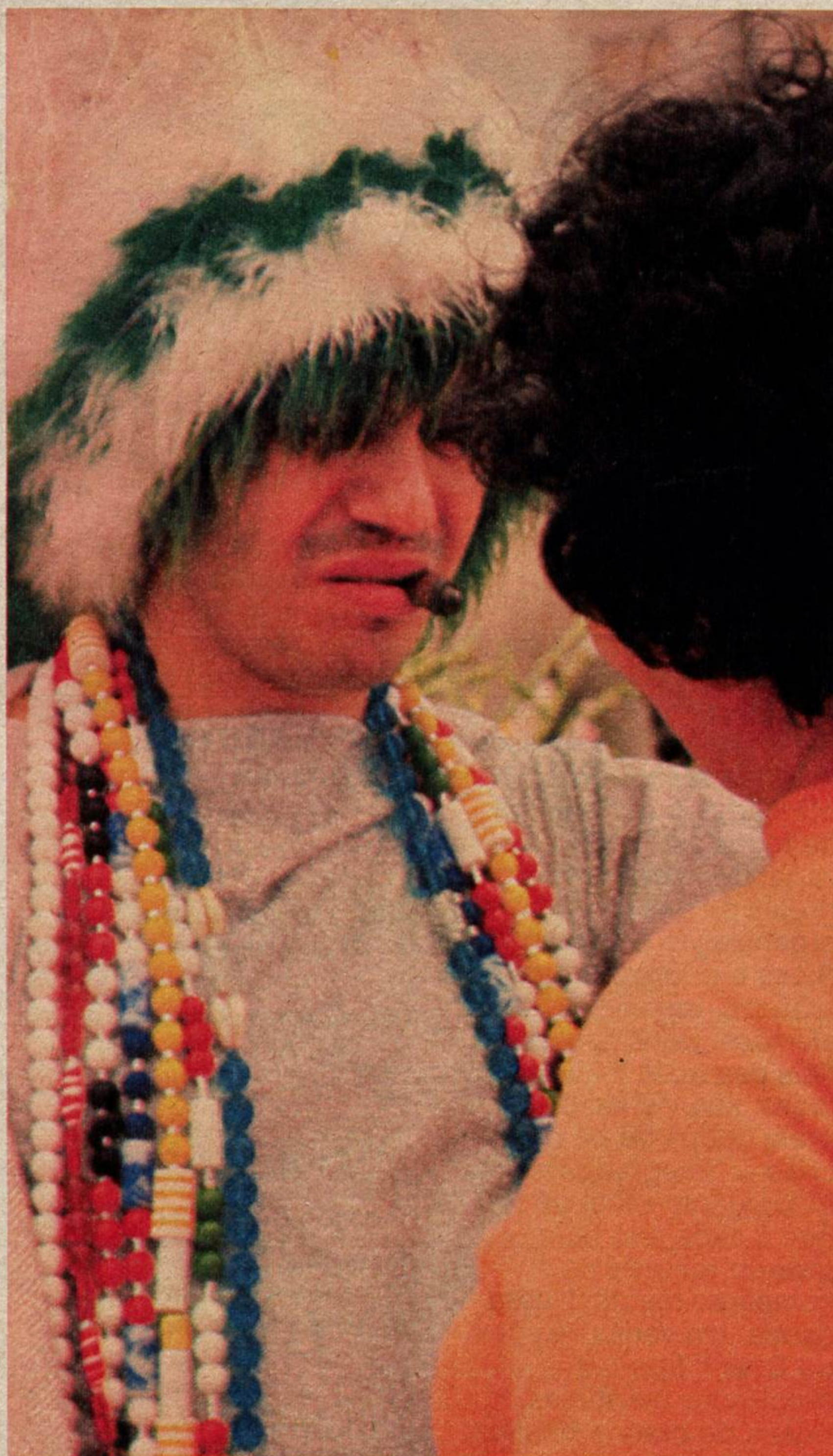
Todos amam Iemanjá, ao ponto de sofrer e gostar. Cerca de 500 mil pessoas estiveram presentes aos festejos da Praia Grande, em S. Paulo. Povo e turistas juntos, falando a mesma lingua, reverenciando a rainha das águas. Todos os pontos de acesso ao litoral estiveram congestionados, durante os dois dias de festejos. Os visitantes e adoradores da **Rainha** pagaram, como sempre, um preço alto para poder reverenciar a deusa. Enfrentaram falta d'água, de alimentos, escassez de refrigerantes. Pelas estradas de acesso às comemorações, registraram-se 58 acidentes, com 13 mortos e 41 feridos graves. Aliás, para um morador da Cidade Ocian, um dos pontos de maior concentração de devotos, "se não chovesse seria o fim do mundo, com 800 mil pessoas numa região sem a menor infra-estrutura para receber 200 mil". Contudo, os umbandistas vindos de todas as partes do Estado de S. Paulo e também de Estados vizinhos já estão conformados com as desditas de todos os anos. E nem por isso, ocupando uma área imensa, de quase 50 quilômetros, deixam de realizar os rituais de louvor a Iemanjá.

Ela a Rainha. Símbolo e figura.

O aspecto geral da festa, na Praia Grande, deixa a informação de que cerca de 600 mil pessoas foram prestar homenagem à Iemanjá, até o nascer do sol.

Iemanjá é simbolicamente apresentada como a figura de uma musa de lindas formas, com longos cabelos e vestes em branco e azul. Nesses dias, ela recebe as oferendas e **obrigações** de todas as Tendas, variando ligeiramente os rituais de uma organização para outra. Ricos e pobres, pretos e brancos, japoneses, alemães, portugueses, fiéis das mais variadas raças, são vistos na praia, todos de pé no chão — integrados num empolgante ritual de fé que a cada ano bate seu próprio recorde de comparecimento. Nessa época, em várias regiões do Brasil, floridas procissões marítimas, rituais de praia e **banhos sagrados** festejam Iemanjá, variando apenas as denominações: Rainha das Águas, Sereia do Mar, Dona Janaína (Bahia), Iara (Amazônia); Odo — Iyá (afro) — nomes diferentes para a mesma mãe d'água, protetora dos navegantes, pescadores e marinheiros, símbolo universal da fertilidade. Emil Rachid, mestre no assunto, chega a informar que o evento tem tal importância, no aspecto religioso, que "supera em presença e movimentação as peregrinações à Meca, Fátima e Lourdes". É por isso que de 7 a 31 de dezembro o calendário pertence a um cantinho de nossa terra chamado Praia Grande, no litoral de S. Paulo, onde os fiéis já construíram seu território livre, depositando flores sob o monumento a Iemanjá.

Os troncos de origem

A Umbanda é cívica. As bandeiras comprovam. A branca é a da Umbanda, contendo o signo esotérico de Hermes Trismegisto, mais conhecido como estrela de David.

Caboclo "Pena Branca", legionário de São Miguel no sincretismo religioso, veio trazer a sua saudação. Ele também trabalha no mar, embora seja de floresta.

Mais de 30 milhões de brasileiros são umbandistas, segundo o IBGE. O número deve ser maior, levando em conta que muita gente não se declara umbandista, por simples preconceito. Na realidade, a Umbanda é uma invasão mítico-religiosa. Nasceu de 3 troncos culturais: o branco, que representa a Igreja de Cristo, implantado pelos jesuitas pioneiros; o índio ou ameríndio, representado pela pajelança e pela cultura tupi-guarani, Gê, Aruak, Caribe e tantos outros ramais etnológicos e, finalmente, pela cultura negra, representada, num porcentual bem maior, pelos mitos e rituais bantos e sudaneses. Desse **melting-pot** irrompeu a Umbanda, com seu progressivo sincretismo religioso, e como expressão do nosso caldeamento racial, e daí, sem dúvida, a sua expansão imoderada ao logo do território religioso. O fato do seu crescimento, que já transborda para nações vizinhas (eis o caso do Uruguai e da Argentina, em particular), deve-se também ao fato de a Umbanda representar, ainda, o maior INPS do país, pois caboclos, pretos-velhos, povo de mar e das encruzilhadas — a tão solicitada **Esquerda Astral** — favorecerem atendimentos médicos, receitando chás, ervas medicinais ou aplicando passes magnéticos para cura de males físicos e espirituais. Quem quer melhorar de vida — porque vem dando azar — corre para os milhares de terreiros para pedir socorro. Na passagem do ano a festa é de Iemanjá, de cujo parto mítico saíram todos os Orixás. Ela representa a criação e seu elemento é a água, de onde a vida saiu. Está faltando para a Umbanda um Clero organizado e uma Teologia. Mas os estudiosos e grandes chefes de terreiro já estão pensando nisso. Seriamente.

O mar de Iemanjá recebe as oferendas de seus filhos. Em cada uma, a mensagem de esperanças para 1978. O barquinho é uma homenagem e uma prece.

As velas irradiam "para o astral superior" a força da fé dos umbandistas. Cada vela um pedido. Para Iemanjá, velas brancas ou azuis.

Filha de santo bate-cabeça para a babá ou yalaorixá, a grande sacerdotisa. E recebe a bênção da grande entidade.

O andor de Iemanjá, com a imagem azul da rainha de todos os Orixás.

Fascinação, falta de verbas, alegria e cerveja cara

Os atabaques começaram a marcar o ritmo. As batidas fortes e cadenciadas seguiam o canto dos pontos.
As danças, a entrega das oferendas, o dever religioso sendo cumprido. Apesar de toda a confusão, todos estavam felizes.
A satisfação era tão grande que os grupos de turistas, apesar da chuva que caía, fina e persistente, não se afastaram do local das cerimônias. Ingleses, estavam sentindo ao vivo o que significa o nosso velho ditado "festa para inglês ver". No intervalo da alegria, as críticas feitas por quem sabe das coisas. Como Jámil Rachid, presidente da União de Tendas de Umbanda e Candomblé de São Paulo:

— A Prefeitura de Praia Grande foi a negação desta festa, porque está faltando tudo: água, serviço de S.O.S., palanques, sistema de som com alto-falantes. Nem caixas d'água foram colocadas nas praias. Os prefeitos anteriores davam total apoio a esta promoção. Mas o atual alega falta de verbas.
Enquanto uns protestavam, outros bebiam. Cada um tinha uma desculpa para pedir sua dose. Frio, chuva, alegria. Nem mesmo os Cr$ 6,00 ou Cr$ 7,00 cobrados por uma dose de cachaça eram motivos suficientes para que o pessoal deixasse de beber. Um comerciante local disse sorrindo ao repórter: "O pessoal aqui paga o que a gente pede".
E nesta certeza da procura, a cerveja chegou a Cr$ 15,00, com protesto e com consumo.
Mas, na verdade, o mais importante aconteceu: todos puderam, a seu modo, prestar homenagem a Iemanjá, protetora do mundo em 78. Saravá!

O CRUZEIRO

EDITORA "O CRUZEIRO" LIMITADA

Diretor Superintendente:
Fernando Martins Moreira
Diretor Financeiro e Administrativo:
Eduardo Campos Montebello

REVISTA "O CRUZEIRO"

Diretor Editor:
Joaquim José Freire Lagreca
Diretor Comercial:
Eduardo Zulfo Mallmann
Diretor de Relações Públicas:
Roberto de Azambuja Mallmann
Diretor de Projetos Nacionais:
Everaldo Rocha
Assessoria de Redação:
Ubiratan de Lemos
Assessoria Financeira e Administrativa:
Fernando Lagreca
Assessoria Industrial:
José Lagreca Neto
Secretário de Redação:
Adriano Barbosa
Chefe de Reportagem:
Orlandino Rocha
Editor de Fotografia:
Fernando Seixas
Editoria Feminina:
Tati Bueno

Redatores, repórteres e fotógrafos:
Arlindo Silva - Ubiratan de Lemos - Oscar Azevedo Altenir Rodrigues - Gualter Mathias - Adriano Barbosa - Hélio Cunha - Joaquim José Freire Lagreca Edson Torres - Luis Antonio Luz - Zilda Brandão - Antonio Faustino Porto Sobrinho - J. Flores - Expedito Quintas - Hilton Mota - Orlandino Rocha - Antonio Carlos Murici - Fernando Seixas - Hélio Passos - Ayrton Quaresma - Rubens Américo - Walter Freitas - Erasmo de Souza - Valdomiro Lima - Olympio Sayanoviscki.

Colaboradores:
Franklin de Oliveira - Jânio Quadros - José Cândido de Carvalho - Ana Maria Tornaghi - Walmir Ayala - Tereza de Paula Pena - Omar Cardoso - Appe - Accioly Netto - João Roberto Kelly - Waldyr Figueiredo - Lunidan.

Chefia de Arte:
José Antonio de Carvalho
Coordenador de Produção:
Valentino Lo Bianco
Documentação e Arquivo:
Luiz Henriques

SUCURSAL DE S. PAULO:
Diretor Responsável: Arlindo Silva
SUCURSAL DE BRASÍLIA:
Diretor Responsável: Expedito Quintas
SUCURSAL NORTE-NORDESTE:
Diretor Responsável: Hilton Mota

Redação, Administração e Circulação:
Rua da Lapa, 200 - s/loja
Rio de Janeiro

Sucursais:
São Paulo: Av. Paulista, 807 - 19.º andar
Brasília: Ed. Carioca - conjunto 309 - 3.º andar

Composição e Rotofilmes: Latt-Mayer
Impressão: Abril S.A. Cultural e Industrial
Distribuição:
Exclusiva para todo o Brasil
ABRIL S.A. Cultural e Industrial
Rua do Cortume n.º 585
São Paulo - Capital

sete dias

FRANKLIN DE OLIVEIRA

as lições do rex

VOCÊ SABE o que é uma cidade? Sim, se você pensa que uma cidade é um traçado de ruas, avenidas, praças, jardins, túneis, elevados, casas se amontoando, edifícios bloqueando paisagens, rumores, cheiros, terríveis balbúrdias, e algumas vezes o silêncio caindo das solidões do tempo à hora neutra das madrugadas, você não está sabendo olhar por trás das coisas, não está sabendo adivinhar a rosa que não floriu, o poema que não explodiu na garganta travada do jovem, o pranto da árvore que nunca sai do mesmo lugar — por que ela não tem para onde ir? —; as mãos que não têm outras mãos para se entrelaçarem, a impossível cor que os olhos dos cegos querem ver, a concha marinha, ou a estrela ou a pêra, ou pássaro que a moça oculta em seu seio. E não sabendo porque veio o vinho das uvas, o pão dos trigais, a música que flui das macias coxas desveladas e não dos arcos deslizando sobre as cordas dos violinos, você não saberá também que uma cidade é uma fábrica de sonhos, sonhos que se estilhaçam, pensamentos que se desencontram, e, algumas vezes, um lugar de lírios que rompem do asfalto, topázios que se desentranham das pedras, dos muros, dos roucos gritos, dos gestos malogrados, esmeraldas despreendidas da feroz e solitária glória de viver.

UMA CIDADE era assim, em outros tempos, o Rio: branda e branda como as coisas brancas, um riso em cada criança, uma canção em cada moça, uma festa em cada pessoa, não hostil, não agressiva, não tensa, consignada ao humor e à alegria, à palavra fraterna, ao flavo mel que escorre da doçura humana, à sensualidade pulverizada na areia de suas praias. Um dia, passando pelas ruas de Viena, o menino Etzel Andergast (a cena é de um romance de Wassermann) perguntou a seu pai:" — Por que as mulheres são tão belas?". O velho barão de Andergast, petrificado na sua solenidade oficial, não soube responder. Sem saber daquela pergunta, pois nunca lera Wassermann, Manoel Bandeira a respondeu, num verso leve como a mão de Mozart: "É inútil pensar que é dos vestidos".

DE REPENTE, esse Rio amorável e belo, perde a sua volutuosa maneira de ser, sua feição simples e distraída, descontraída, seus verdes, sua calma, sua mansuetude. Do mínimo pedaço de chão irromperam paquidermes de cimento armado. Onde havia pontos de encontro de boêmios surgiram bancos, e o talão de cheque passou a ser a medida das relações humanas. O tempo, que não era dinheiro, ócio e não negócio, virou moeda. A cidade ficou frenética. Pare numa esquina: você ficará pasmo com o número de pessoas — e gente jovem — que anda falando sozinha, gesticula sozinha, agonia de quem está estourando por dentro. As pessoas — ar de frustração, tédio, ou agressivas, tensas, respondendo curto e duro. E o delírio do divã do analista, e a insegurança e a morte que pode estar em cada lugar, e o medo: se a gente só morre quando perde a alegria de viver, então quase todos são mortos insepultos.

BEM QUE me lembro, bem que me lembro da poesia que aos nossos olhos era dada de graça: a das banhistas nas praias, elásticas furando as ondas, ou indolentes, deitadas na areia, a morenidade querendo mais sol, carne que o mar afaga, os ventos do mar rodeiam, o ar do mar ioniza, moreneza que é o que resta de pagão neste mundo que, para se salvar, tanto precisa de aleluias dionisíacas. Tirante estas manhãs de sol, desapareceu a contemplação da beleza.

SÃO QUATROCENTOS mil nesta cidade, diz a estatística que, como biquini, na definição popular, revela tudo, menos o essencial. É de quatrocentos mil exemplares hoje, no Rio, a população canídea. E a taxa de crescimento dessa população cinófila alcança 50% ao ano. É o que revela a estatística. Mas, tal como o biquini, ela só não revela o essencial. Eis então o motivo pelo qual se há de perguntar por que tantos cães. Só em Copacabana 80% dos edifícios os abrigam, e das estirpes mais diversas. É que eles estão desempenhando uma função social redentora. Nós estamos apegando desesperadamente aos nossos cães como meio de nos defendermos do empobrecimento psíquico, que a todos nós ameaça. (Quem quiser saber o que de terrível isto significa, que leia o livro de Michael Scheineder sobre neurose e classes sociais).

ELES, OS CÃES, são hoje os depositários das nossas carências afetivas, os removedores da nossa solidão. Com o crescimento desordenado das cidades, as psicoses estão aumentando, como resposta à agressão ecológica. Lê-se, numa peça de Sherwood Anderson: "Antigamente a natureza reagia com inundações, terremotos, ciclones. Hoje ela está reagindo com estranhos instrumentos chamados neuroses". Vivemos cercados de pessoas, mas não temos gente à nossa volta. A ânsia de companhia, sentimento humano radical, cai no vácuo. Encontramos, então, no cão o alvo de nossas projeções. Eis porque ele está se tornando cada vez mais imprescindível ao homem: é o receptor de nossas descargas afetivas.

ACHO DE uma beleza sem par o São Bernardo. Conserva do convento do qual guardou o nome a monástica bondade. Durante três séculos, nos despenhadeiros dos Alpes, vem salvando vidas humanas que o gelo dos desfiladeiros soterraria. Mas sobretudo há o pastor alemão — o Rex, de meu filho Gilberto. Veio para a nossa companhia pequenino. — Na impossibilidade escolar de Gil fazê-lo, dei de sair com ele, todas as manhãs, lebloneando pela praia, mal nascido o sol. Entre nós estabeleceu-se uma empatia que me envolve o coração. Num dia de frio, não pudemos ir às nossas voltas na praia. Ficamos juntos, na Praça Antero de Quental. Um velho maltrapilho, tipo de mendigo saído dos filmes de Carlitos, passou por nós, diminuiu o passo já de si tardígrado, parou, murmurou: — O verdadeiro amigo do homem. Senti que toda a sabedoria do mundo estava naquele pobre velho, sem eira nem beira.

NUM DOS mais belos idílios de Thomas Mann — **Herr und Hund** — o grande escritor alemão, filho de mãe brasileira de Angra dos Reis, em páginas de radiante deslumbramento, conta a história de suas relações com o seu cão Bauschan. Da incomparável beleza desta novela ter-se-á idéia sabendo-se que a cena do passeio na floresta, pela sua riqueza estilística, parece ser transcrição em palavras do **Trio Opus 40,** de Brahms, de pulcra poesia pastoral. Era nesse estilo que gostaria de dizer de minha ternura pelo Rex. Minha parca prosa não dá para tanto. Tudo que ela me permite dizer é que o Rex me ensinou a compreender o papel humanizador da vida do homem assumido pelo cão. Sem a sua compassiva companhia, estaríamos condenados a ficar congelados, como acontece aos que se transviam nos erradios desfiladeiros alpinos. Para a salvação destes, há a coragem misericordiosa dos anjos disfarçados em bicho, sacrossantamente criados no convento fundado no ano de 982, nos nevados cumes de entre a Suíça e a Itália, por Bernardo de Menthon. Para nós, que vamos rolando escalada abaixo, inverso, até aos soturnos abismos das solidões sem remissão, nossa esperança está no Rex que cada qual possa ter, para a glória de sua alma transida.